

MÓDULO 11**Indústria Extrativa Mineral: Principais Minérios II****• Cuprita ou calcopirita (Cu)**

- Pará: Serra do Sono (região dos Carajás) é o maior reservatório atual.

- Rio Grande do Su: Camaquã, Caçapava do Sul
- Bahia: Caraíba

• Galena (Pb)

- Bahia: Boquira e Macaúbas
- Paraná: Adrianópolis

• Cassiterita (Sn)

- Rondônia: Vale dos Rios Madeira e Guaporé

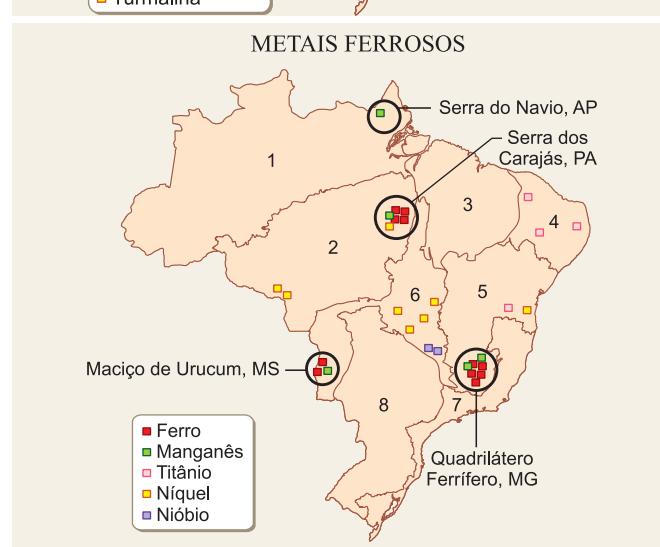
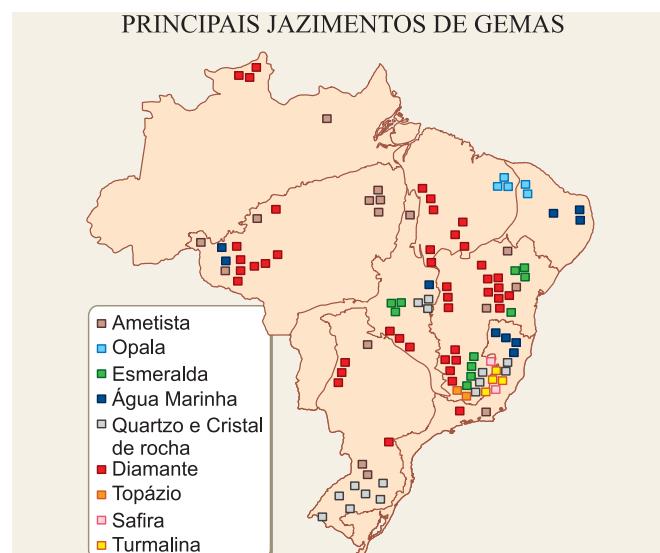
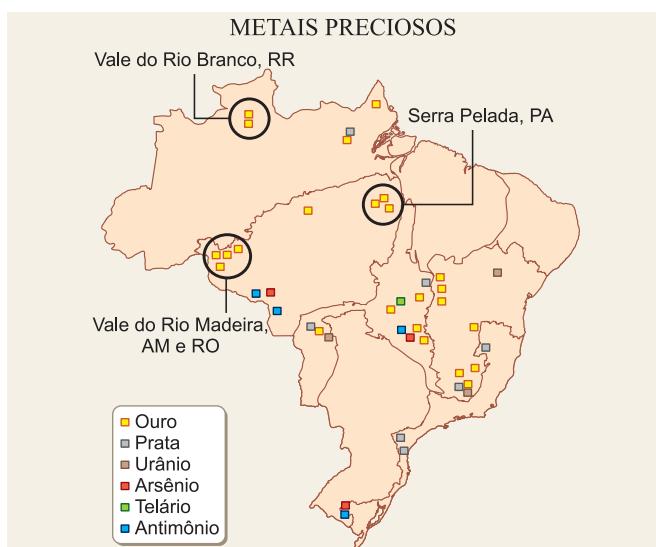
- Amazonas: maior produtor

• Ouro (Au)

- Pará: Vale do Rio Tapajós
- Rondônia: Vale do Rio Madeira
- Roraima: Vale do Rio Branco

• Sal Marinho

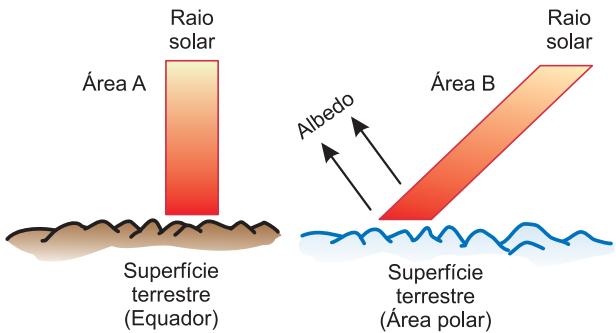
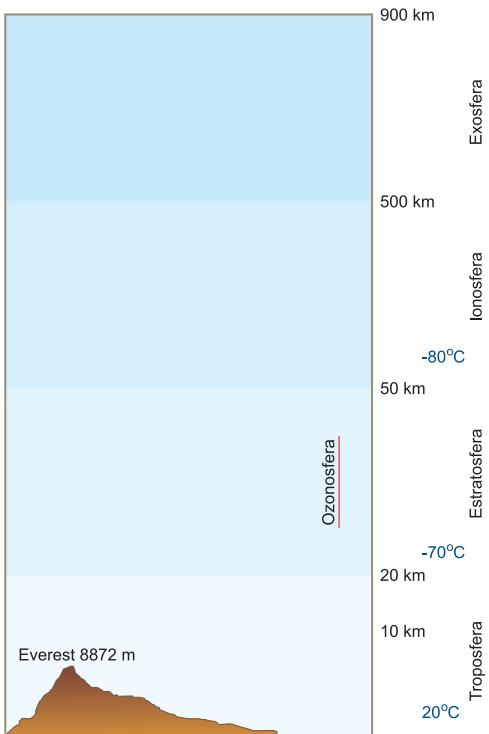
- Rio Grande do Norte: Macau, Mossoró, Areia Branca
- Rio de Janeiro: Cabo Frio, Araruama (produção decadente)

**MÓDULO 12****Clima: Composição da Atmosfera, Fatores Determinantes e Elementos do Tempo****1. CLIMA**

Clima é uma sucessão habitual de tipos de **TEMPO** meteorológico, que se manifestam na camada da **ATMOSFERA** situada imediatamente junto ao solo denominada **TROPOSFERA**. Os tipos de tempo meteorológico são definidos pela combinação momentânea dos elementos do clima: temperatura, pressão atmosférica e umidade.



Ilustração sem escala.



• Correntes marítimas

As correntes marítimas exercem pequena influência sobre o clima do Brasil. Essas correntes que derivam da Corrente Sul-Equatorial, oriunda do Golfo da Guiné, na África, são quentes e sua atuação é pouco perceptível no litoral brasileiro, majoritariamente na zona intertropical.

• Relevo

Uma unidade do relevo pode constituir um fator determinante do clima, impedindo, por representar um obstáculo, o deslocamento de uma massa de ar, ou ainda orientando seu deslocamento.

Exemplo: o Planalto da Borborema, que dificulta a penetração de ventos oriundos do oceano em direção

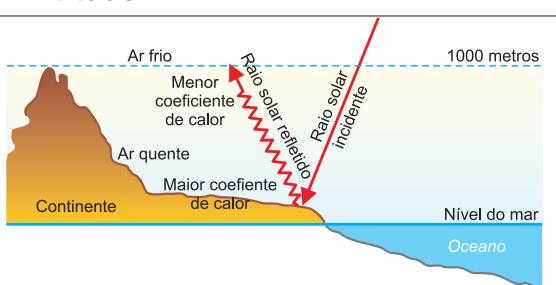
Local	Latitude	Média Anual	Amplitude Anual
Belém (PA)	3°43' S	25,6°C	1,3°C
Fortaleza (CE)	1°28' S	26,3°C	1,7°C
João Pessoa (PB)	7°06' S	25,1°C	2,7°C
Salvador (BA)	13° S	24,9°C	3,1°C
Vitória (ES)	20°10' S	32,2°C	5,0°C
Santos (SP)	23°56' S	22,0°C	6,7°C
Florianópolis (SC)	27°35' S	20,5°C	8,3°C
Sta. Vitória Palmar (RS)	33°31' S	16,4°C	11,6°C

□ Elementos do clima

- Temperatura
- Pressão atmosférica
- Ventos
- Nebulosidade
- Umidade
- Precipitação

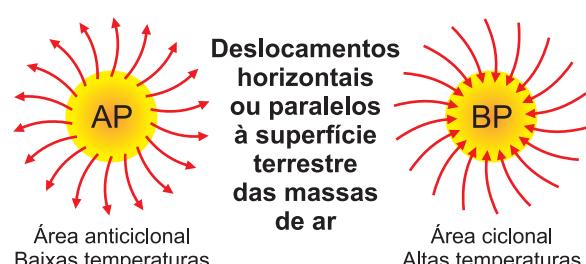
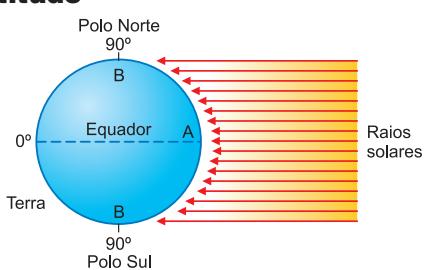
□ Fatores determinantes do clima

• Altitude



Localidade	Altitude	Latitude	Média Térmica Anual
Belo Horizonte (MG)	900m	19°55' S	20,7°C
São Lourenço (MG)	874m	22°07' S	18,2°C
São Paulo (SP)	800m	23°27' S	17,6°C
Palmas (PR)	1079m	26°29' S	16,2°C

• Latitude



• Continentalidade/Maritimidade

Fator referente ao posicionamento de uma localidade em relação ao sistema continente/oceano. Observa-se que, quanto mais interior ou continental a situação de um determinado ponto, menor seu gradiente de umidade e maior a amplitude térmica e, contrariamente, quanto mais próximo do oceano, maior o gradiente de umidade e menor a amplitude térmica.

• Vegetação

A vegetação não pode ser considerada um fator determinante do clima, mas um fator que se inter-relaciona a ele, pois sabe-se que, de maneira geral, uma alteração nos aspectos climáticos pode resultar em variações na vegetação, como também o clima pode ter mudança. quanto a seus aspectos pluviométricos e térmicos se a cobertura vegetal sofrer uma modificação.

A caracterização de um tipo climático resulta da análise dos tipos de tempo por um longo período, em média 30 anos.

As transformações decorrentes da ação antrópica, como os desmatamentos e a poluição, por exemplo, particularmente aquelas associadas aos microclimas, tipologias de áreas muito específicas, não podem ser apontadas como mudanças climáticas, pelo menos não antes de uma análise de um longo ciclo, quando essas mudanças podem se confirmar ou não.

MÓDULO 13

Clima: Análise das Chuvas, Efeito Estufa e Mudanças Climáticas

1. DEFINIÇÕES

Ponto de saturação – é a quantidade máxima de vapor d'água que o ar pode conter, em dado instante, sob determinada temperatura e sob determinadas condições de pressão.

Umidade absoluta – é a quantidade de vapor d'água (em gramas) contida no ar atmosférico (m^3) em dado momento.

Umidade relativa – é a quantidade de vapor d'água (percentual) que o ar contém, em um determinado instante, com relação ao máximo que poderia conter (ponto de saturação), de acordo com as condições de temperatura e de pressão atmosférica.

2. FORMAS DE PRECIPITAÇÃO

Garoa
Granizo
Névoa
Geadas
Neve
Orvalho
Chuva → Tipos de Chuva:

Orográfica ou de Relevo
Convectiva
Frontal

Portanto é prematuro, e até incorreto, apontar mudanças climáticas com base na análise dos aspectos do tempo de um período muito curto.

Um exemplo desse equívoco é associar a ação do efeito El Niño a mudanças climáticas.

Ao contrário do que comumente acontecia – a manifestação do Efeito El Niño a cada seis anos –, na década de 1990, essa efeito só não se manifestou em 1999, quando atuou o Efeito La Niña.

A ação do efeito El Niño provoca chuvas abundantes no Centro-Sul do Brasil, enquanto o Centro-Oeste e o Nordeste amargam estiagens prolongadas. Com a manifestação do Efeito La Niña, ao contrário, o inverno torna-se mais rigoroso no Centro-Sul e as chuvas mais abundantes no Nordeste brasileiro.

Apesar do caráter anormal durante praticamente toda a década de 1990, seria precipitado apontar uma mudança no clima global, devida à ação mais frequente da Efeito El Niño.

3. REGIMES

PLUVIOMÉTRICOS BRASILEIROS

- Chuvas de Verão
- Chuvas de Inverno
- Chuvas de Outono
- Chuvas o Ano todo

POLÍGONO DAS SECAS





MÓDULO 14

Clima: Análise das Massas de Ar, Efeito ENSO (El Niño South Oscillation)

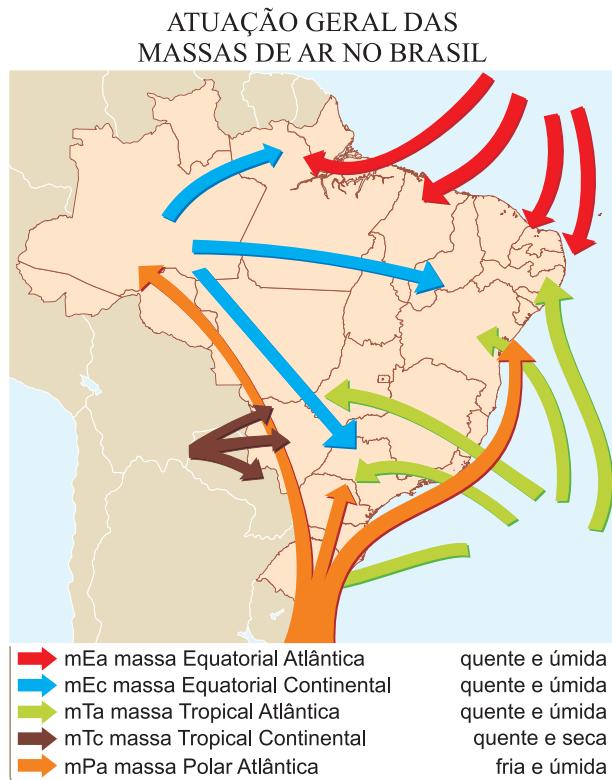
1. MASSAS DE AR QUE ATUAM NO BRASIL

No Brasil, atuam predominantemente massas de ar quentes e úmidas durante o verão. No inverno, destacam-se a mTc, oriunda da Depressão do Chaco, que acentua a estiagem no Centro-Oeste, e a mPa, associada, nesse período, às geadas e até nevascas, no Centro-sul, e excepcionalmente ao fenômeno da friagem, na Amazônia Ocidental.

A atuação predominante de massas de ar quentes e úmidas no Brasil torna o clima ameno, diferentemente das regiões climáticas encontradas em outras partes do mundo. Por conta da situação dessas correntes marítimas, o clima do País apresenta um verão bem pronunciado do ponto de vista térmico, com chuvas abundantes.

Apesar disso, existem porções do território onde as chuvas são escassas, como, por exemplo, a região do Pantanal, cujas inundações permanentes em alguns trechos são decorrentes de seus aspectos topográficos e da deficiente rede de drenagem constituída pelo Rio Paraguai. Outra região caracterizada pela escassez das chuvas é o Sertão Nordestino, que, em razão da permanência mais prolongada da célula de ar seca e de

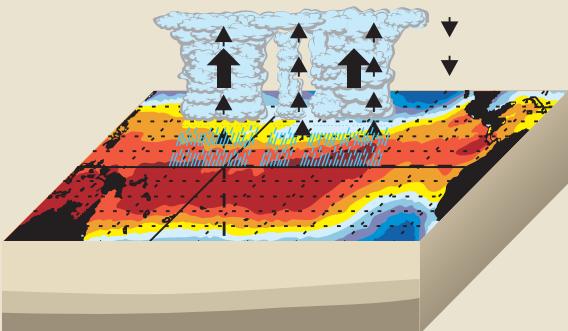
alta pressão. Durante o inverno – primavera, sobre o sertão (interior) do Nordeste, combinada com a disposição de um relevo mais elevado que circunda a depressão sertaneja, reduzindo a invasão da umidade oceânica pelo efeito orográfico: como é o caso do Planalto da Borborema.



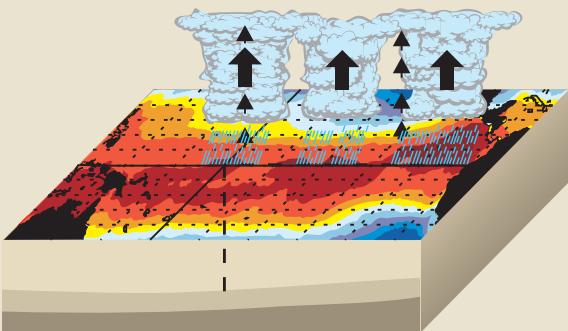
2. ATUAÇÃO DAS MASSAS DE AR NO BRASIL, NO VERÃO E NO INVERNO



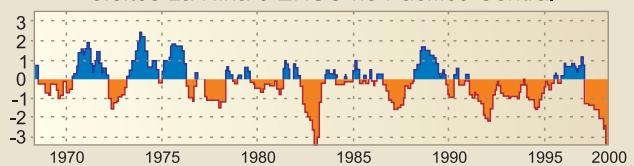
condições ENSO de dezembro a fevereiro



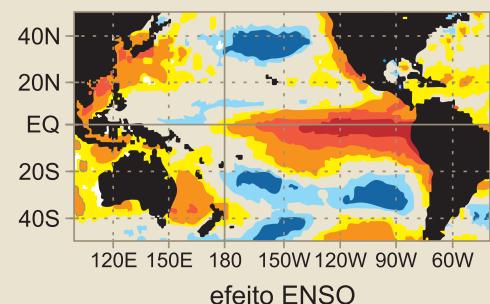
efeito ENSO de março a maio



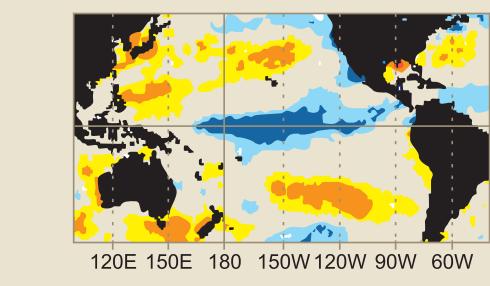
efeitos La Niña e ENSO no Pacífico Central



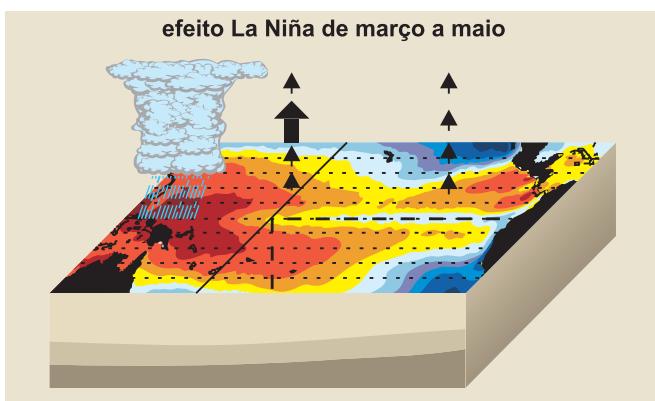
efeito ENSO



efeito La Niña



3. OS FENÔMENOS EL NIÑO E LA NIÑA



□ O fenômeno “El Niño”

Uma das anomalias que de tempos em tempos é verificada no comportamento térmico do Oceano Pacífico em sua parte tropical é o fenômeno denominado “El Niño”.

Trata-se de uma elevação inesperada da temperatura da América do Sul, especialmente no litoral do Peru, que provoca copiosas chuvas. Esse fenômeno aparece a intervalos de dois a cinco anos e repercute, como um efeito dominó, em pontos distantes do continente. No Nordeste brasileiro, por exemplo, provoca

agravamento da seca na região semiárida, ao passo que no Sudeste e no Sul verifica-se o efeito contrário: intensificam-se as chuvas, chegando a se tornar catastróficas. Em junho de 1983, ocorreu um “El Niño” muito acentuado e, naquele mês, na cidade de São Paulo, o total de chuvas foi 11 vezes superior ao normal.

Atualmente, os satélites meteorológicos monitoram esse fenômeno e podem alertar antecipadamente as áreas ameaçadas, o que, contudo, não tem sido suficiente para evitar graves problemas para as populações afetadas.

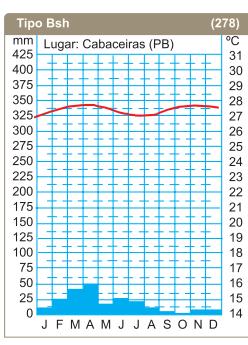
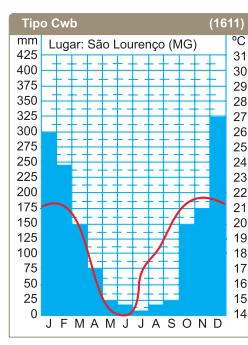
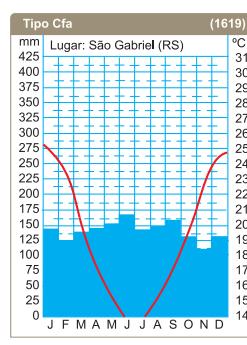
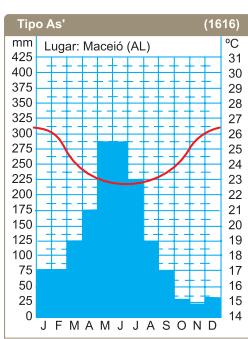
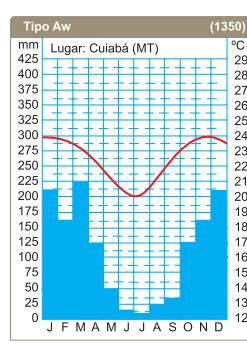
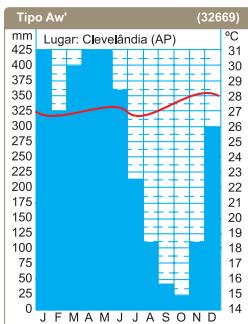
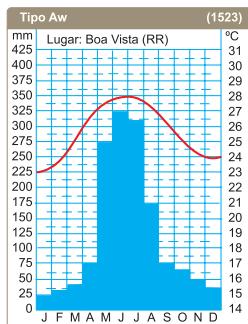
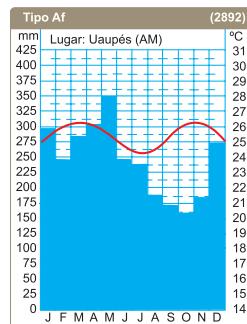
(José Bueno Conti)

MÓDULO 15

Classificação dos Tipos de Clima



PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO CLIMÁTICA DA PROFESSORA LÍSIA BERNARDES, E SEUS SUBTIPOS



1. CLASSIFICAÇÃO CLIMÁTICA DO BRASIL E SEUS SUBTIPOS

Gráfico I – Equatorial – temperaturas elevadas, pequena amplitude térmica, chuvas abundantes, ausência de estação seca.

área de ocorrência: Amazônia Ocidental.

Gráfico II – Equatorial – temperaturas elevadas, pequena amplitude térmica, chuvas abundantes, com seca pronunciada na primavera.

área de ocorrência: Amazônia Oriental.

Gráfico III – Tropical (Hemisfério Norte) – temperaturas elevadas, pequena amplitude térmica, chuvas abundantes concentradas no verão. No Hemisfério Norte, ocorre entre junho e setembro.

áreas de ocorrência: leste de Roraima, noroeste do Pará e extremo nordeste do Amazonas.

Gráfico IV – Tropical Macrotérmico – clima mesotérmico, com estações pouco pronunciadas do ponto de vista térmico, chuvas concentradas no verão.

área de ocorrência: porções do centro-sul de Goiás de altitudes mais elevadas.

Gráfico V – Tropical Úmido – temperaturas elevadas, pequena amplitude térmica, chuvas abundantes concentradas no inverno, decorrentes da ação da mPa.

área de ocorrência: Zona da Mata Nordestina.

Gráfico VI – Tropical de Altitude – clima mesotérmico, com estações bem marcadas do ponto de vista térmico, chuvas concentradas no verão.

área de ocorrência: domínio dos Mares de Morros.

Gráfico VII – Semiárido – temperaturas elevadas, pequena amplitude térmica, chuvas escassas (e irregulares).

área de ocorrência: Sertão Nordestino.

Gráfico VIII – Subtropical – clima mesotérmico, grande amplitude térmica, chuvas regularmente distribuídas ao longo do ano.

área de ocorrência: Região Sul.

DOMÍNIOS CLIMÁTICOS DO BRASIL SEGUNDO KÖPPEN



Significado das letras da classificação de **Köppen**, (adaptada para a classificação climática do Brasil):

- **Primeira letra (maiúscula)** – características gerais do clima.

A – quente e úmido.

B – quente e seco.

C – mesotérmico (grande variação térmica durante o ano).

- **Segunda letra (minúscula)** – regime de chuvas.

f – chuvas o ano todo.

m – uma estação seca (primavera).

s – chuvas de inverno.

s' – chuvas no inverno/outono.

w – chuvas de verão.

w' – chuvas no verão/outono.

- **Terceira letra (minúscula)** – temperaturas.

h – sempre quente.

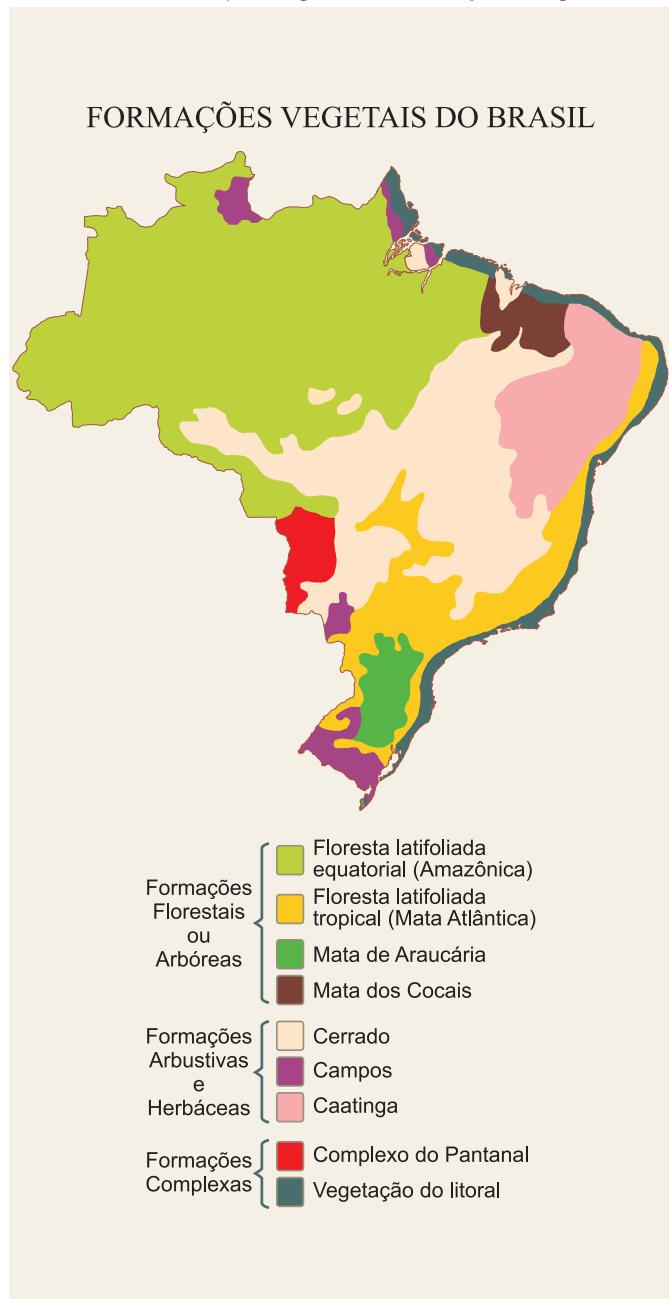
a – verões rigorosos e invernos brandos.

b – verões brandos e invernos rigorosos.



1. INTRODUÇÃO

A vegetação é uma consequência do clima. Tendo em vista o predomínio de climas tropicais quentes e úmidos, conclui-se imediatamente que o Brasil apresenta formações vegetais exuberantes, como as florestas. Há, entretanto, áreas do Brasil não tão úmidas, onde podem ser encontradas formações mais pobres. Assim, encontramos, no Brasil, quatro grandes formações vegetais.



2. FORMAÇÕES ARBÓREAS OU FLORESTAIS

Mata Equatorial Amazônica

É uma das maiores formações florestais do mundo, cobrindo uma área que inclui, além do Brasil, territórios

da Venezuela, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia. É uma formação higrófila, isto é, adaptada a ambientes úmidos, latifoliada (com grandes folhas), perene (sempre verde), densa, de difícil penetração e heterogênea, isto é, rica em espécies vegetais.

Ao longo dos espaços amazônicos, podemos notar variações ao longo da mata equatorial. Assim, a partir dos vales dos rios em direção a terra firme, observamos:

- **caaiapó ou mata de igapó ou mata falsa:** é a formação vegetal que se estabelece junto às margens do rio, nascendo a partir da margem ou constituindo-se de plantas aquáticas, como a vitória-régia.

• **mata de várzea:** vegetação composta por árvores de porte médio, como a seringueira, que nascem em áreas ainda sujeitas a alagamentos; destaque para a seringueira que encontrou seu período áureo entre 1890 e 1910, quando o Brasil foi seu maior produtor. A seringueira foi uma das principais responsáveis pela ocupação da Amazônia Ocidental, mas entrou em decadência devido à concorrência asiática.

• **caætê ou mata de terra firme:** vegetação de áreas não sujeitas a alagamentos, onde se desenvolvem grandes árvores, como o castanheiro. A castanha-do-pará, extraída do ouriço do castanheiro, tem no Brasil seu único produtor mundial. Atualmente, extrai-se dessa porção da floresta madeira de lei, como o mogno, a peroba, a maçaranduba etc.

Mata tropical atlântica

Formação vegetal que ocupava toda a borda do litoral leste do Brasil, estendendo-se do Rio Grande do Norte ao Rio Grande do Sul, relacionando-se com a umidade litorânea. Rica em espécies vegetais, tinha as mesmas características da mata equatorial, ou seja, também era higrófila, latifoliada, perene e densa. Apresentava grande quantidade de espécies de árvores com madeira de lei, como o pau-brasil, a peroba, o ipê, o jacarandá, o jequitibá, entre outras. A intensa ocupação a que foi submetida pôs a perder grande parte da cobertura original, ficando reduzida a poucas reservas mantidas pelo governo.

Mata dos pinhais ou mata de araucária

Era a cobertura vegetal que se espalhava pela Região Sul do Brasil e áreas elevadas dos planaltos do Sudeste. Possuía características diferentes das duas formações anteriores, por se tratar de uma formação de ambientes frios. Era aciculifoliada, isto é, possuía folhas pontiagudas, em forma de agulhas (para resistir ao frio), era aberta, de fácil penetração e com menor número de espécies vegetais. Algumas plantas ficaram famosas pelo seu aproveita-

mento, como o pinheiro-do-paraná (*Araucaria angustifolia*), que forneceu madeira de qualidade, ou a erva-mate, na produção de bebidas. Bastante destruída pelo processo de ocupação agrícola.

■ Mata dos cocais

Cobre o meio-norte do Brasil, estendendo-se ao longo dos vales dos rios no Ceará, Piauí e Maranhão. É uma mata de transição, aparecendo numa área de clima tropical semiúmido. É composta por coqueiros e palmeiras, como, por exemplo:

- **babaçu**: coqueiro que surge principalmente no Maranhão, de onde se aproveitam os coquinhos para a produção de óleo comestível, combustível e lubrificante.

- **carnaúba**: coqueiro muito comum no Ceará, de cuja folha se extrai cera para a produção de isolantes e lubrificantes. A planta é também conhecida como “Árvore da Providência”.

■ Matas-galerias ou ciliares

Aparecem ao longo dos rios, principalmente na Região Centro-Oeste do Brasil, aproveitando-se da maior umidade do solo. São geralmente compostas por espécies da Mata Tropical Atlântica.

3. FORMAÇÕES ARBUSTIVAS

■ Cerrado

Formação vegetal associada com o clima **tropical semiúmido** do interior do Brasil. Espalha-se por uma extensa região que inclui São Paulo, Minas Gerais, Estados do Centro-Oeste, Tocantins e Bahia. Devido à presença de solos pobres, é constituída por dois estratos: o inferior, composto por gramíneas, e o superior, composto por arbustos retorcidos (entre eles, o barbatimão). São plantas resistentes ao fogo. O cerrado vem sendo substituído pela agricultura em seu avanço para o Centro-Oeste.



Xerófitas típicas do Sertão Nordestino.

■ Caatinga

Desenvolve-se no Sertão do Nordeste, associada ao clima semiárido. É composta por espécies de arbustos, coqueiros e, principalmente, bromélias e cactáceas, entre as quais se destacam o mandacaru, o xique-xique e o faxeiro. Área tradicional de criação de gado.

4. FORMAÇÕES HERBÁCEAS

■ Campos

Surgem principalmente no sul do Brasil, na Campanha Gaúcha, constituindo uma extensão do Pampa argentino e uruguai. Trata-se da pradaria brasileira, composta por gramíneas que formam uma imensa pastagem. Tem na criação de gado sua principal atividade.

Dignos de nota são os campos do sul do Mato Grosso do Sul, na região de Ponta Porã, conhecidos por Campos de Vacaria, surgidos pela ação antrópica. Há também campos na Ilha de Marajó e em Roraima, onde, igualmente, desenvolve-se a atividade pecuarista.

5. FORMAÇÕES COMPLEXAS

■ Pantanal

Encontra-se a oeste de Mato Grosso do Sul e sudoeste de Mato Grosso, junto à fronteira com Paraguai e Bolívia. Devido às condições mesológicas, muito úmidas, há uma mistura de espécies vegetais, nas quais surgem árvores típicas da mata atlântica, em áreas um pouco mais firmes, arbustos retorcidos do cerrado, em áreas onde a água permanece por três meses, e gramíneas no fundo das baías, quando elas secam. Há também a presença de cactáceas. Devido à profusão de espécies, trata-se de um nicho ecológico, uma área de reprodução animal, que deve ser preservada.

■ Mangues

Estendendo-se ao longo do litoral brasileiro, do Amapá ao Rio Grande do Sul, apresenta largura e riqueza de espécies variadas. É constituída por plantas adaptadas a ambientes úmidos e instáveis: raízes aéreas que, além da fixação, cumprem a função da respiração. São também plantas halófilas, isto é, tolerantes ao sal. Também constitui uma área de reprodução animal.

6. DOMÍNIOS MORFOCLIMÁTICOS

Trata-se de áreas geográficas que apresentam a característica da homogeneidade. Ao longo do espaço, surgem, continuamente, características semelhantes de clima, vegetação, hidrografia, relevo e solos. Encontramos no Brasil seis domínios morfoclimáticos, como se observa no mapa a seguir.

DOMÍNIOS MORFOCLIMÁTICOS BRASILEIROS



DOMÍNIOS	
I. AMAZÔNICO	Terras baixas com florestas equatoriais
II. CERRADO	Chapadões tropicais interiores com cerrados e florestas-galerias
III. MARES DE MORROS	Áreas mamelonares tropical-atlânticas florestadas
IV. CAATINGA	Depressões intermontanas e interplanálticas semiáridas
V. ARAUCÁRIA	Planaltos subtropicais com araucárias
VI. PRADARIAS	Coxilhas subtropicais com pradarias mistas
FAIXAS DE TRANSIÇÃO	Não diferenciadas

MÓDULO 18

Hidrografia I



1. CARACTERÍSTICAS GERAIS E CONCEITOS

A rede hidrográfica brasileira apresenta, de uma maneira geral, as seguintes características:

- Drenagem **exorreica**, correndo direta ou indiretamente para o Oceano Atlântico;
- Foz ou desembocadura em forma de **estuário**;
 - Rios de **planalto**, com elevado potencial hidroelétrico ($\pm 250.000.000$ kW);
 - Regime **pluvial tropical austral** com cheias de verão e vazantes no inverno;
 - Rios **perenes** predominantemente.

2. PRINCIPAIS BACIAS HIDROGRÁFICAS E SEUS MANEJOS

Durante muitos anos, os estudiosos do litoral brasileiro consideravam a presença de pouquíssimos rios com foz em delta; a maioria deles seriam estuários, com exceção dos deltas dos Rios Parnaíba, Acaraú, Grande e das Piranhas, todos com foz no Nordeste. Entre os últimos, o professor Aziz N. Ab'Sáber, geógrafo brasileiro, passou a considerar também os Rios Araguari, no Amapá, o já conhecido Rio Parnaíba, no Piauí; o São Francisco, entre Sergipe e Alagoas; o Rio Jequitinhonha, no sul da Bahia; o Rio Doce, no Espírito Santo, e o Rio Paraíba do Sul, na região norte do Estado do Rio de Janeiro.

O professor Ab'Sáber discute sobre a

ocupação dos deltas desses rios, comentando o isolamento geográfico do Rio Araguari, no Amapá; a beleza cênica do delta do Rio Parnaíba, no Piauí, e da área mais intensamente ocupada do Rio Paraíba do Sul, no Rio de Janeiro.



MÓDULO 11

Ciclo da Água

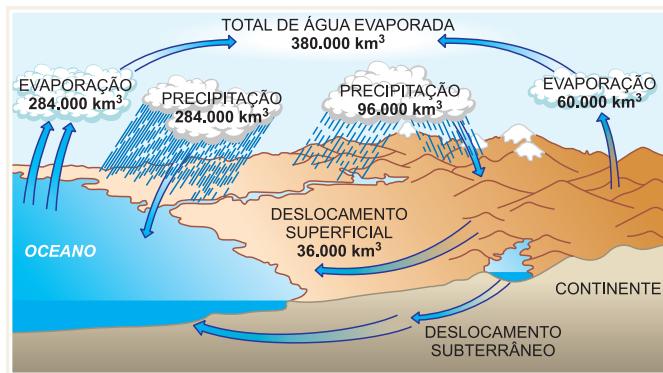


1. A HIDROSFERA

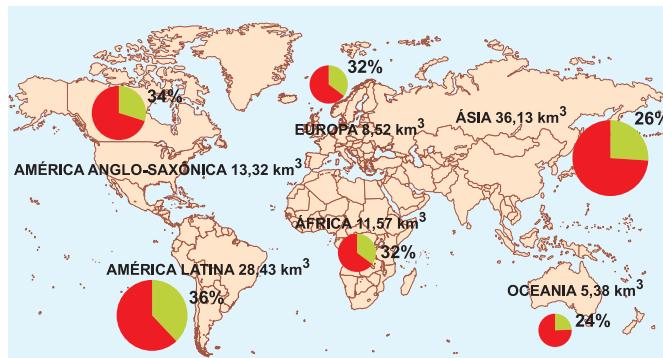
A hidrosfera corresponde ao conjunto de águas do planeta. Abrange a água em estado líquido, sólido e gasoso.

As águas oceânicas correspondem a 97,4% da hidrosfera. As geleiras 2%, as águas subterrâneas 0,58%, os rios e lagos 0,02% e a água contida da atmosfera 0,001%.

	% DA HIDROSFERA
OCEANOS	97,4
GELEIRAS	2,0
ÁGUAS SUBTERRÂNEAS	0,58
RIOS E LAGOS	0,02
ATMOSFERA	0,001



DISPONIBILIDADE DE ÁGUA DOCE NO PLANETA



2. CICLO DA ÁGUA – BALANÇO HÍDRICO

Refere-se à transferência constante de fluxos de água entre os oceanos, os continentes e a atmosfera.

O ciclo da água compreende evaporação (evapotranspiração), escoamento superficial (rios), escoamento subsuperficial, escoamento subterrâneo, infiltração.

O balanço hídrico é determinado por um estudo comparado entre a quantidade da água inserida num meio e o volume que é transferido para outro local, considerando-se as diferentes formas de circulação.

O estudo do balanço hídrico é fundamental para o planejamento econômico. Seus estudos podem ser utilizados para a avaliação de impactos sobre o meio ambiente.

3. AS ÁGUAS CONTINENTAIS

Compreendem as águas correntes, as águas estagnadas e a água subterrânea.

As águas correntes correspondem aos rios e às torrentes provocadas pelo excesso de chuva de algumas regiões.

As águas estagnadas estão associadas aos mares fechados e lagos. Os lagos podem ser distinguidos quanto à origem: lago tectônico, lago vulcânico e lago glacial.

As águas subterrâneas correspondem a aquíferos.

DISPONIBILIDADE HÍDRICA DE ALGUNS ESTADOS BRASILEIROS

RORAIMA	1.148.535 m ³ /hab./ano
AMAZONAS	605.606 m ³ /hab./ano
AMAPÁ	411.901 m ³ /hab./ano
MATO GROSSO	209.075 m ³ /hab./ano
BAHIA	2.747 m ³ /hab./ano
SÃO PAULO	2.486 m ³ /hab./ano
CEARÁ	2.090 m ³ /hab./ano
PERNAMBUCO	1.188 m ³ /hab./ano
BRASIL	35.000 m ³ /hab./ano

(IBGE/ Censo 2000)



1. DIVISÃO POLÍTICA

Contexto

A divisão regional do Brasil foi criada originalmente em 1943, quando então a já chamada Região Centro-Oeste contava apenas com dois estados – Goiás e Mato Grosso –, que possuíam uma área de 1.231.549 km². Essa área iria passar, entretanto, por diversas modificações, com o surgimento de subdivisões. Assim, a partir de 1959 iniciaram-se as obras de construção de Brasília, em uma área de 14.400 km², onde foi estabelecido o Distrito Federal, localizado ao sudeste de Goiás, e implantada a nova capital federal – Brasília –, inaugurada em 21/04/1960 por Juscelino Kubitschek. Em 1977, durante o governo Ernesto Geisel, iniciaram-se os entendimentos para o desmembramento do estado do Mato Grosso. Tal processo consolidou-se em 1º/01/1979, criando dois novos estados: o Mato Grosso, capital Cuiabá, e o Mato Grosso do Sul, capital Campo Grande.

Em 1988, com a entrada em vigor da atual Constituição, a porção setentrional de Goiás foi desmembrada para a criação do estado de Tocantins, incorporado à Região Norte do Brasil.



2. ASPECTOS NATURAIS

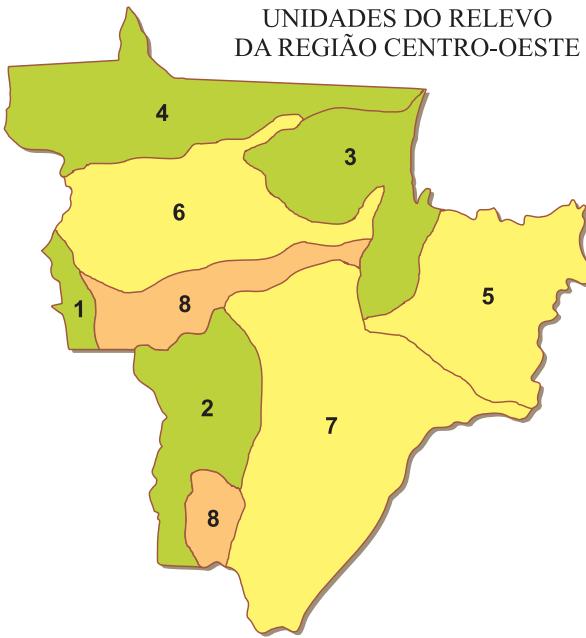
Relevo

No relevo da Região Centro-Oeste, predominam, em extensão, as formações planálticas, com áreas depredadas às suas margens. Dentre as unidades morfoestruturais, podemos identificar:

1. Planície e Pantanal do Guaporé: integrante da Planície do Pantanal Mato-Grossense, acompanha a fronteira Brasil-Bolívia.
2. Planície e Pantanal Mato-Grossense: sedimentação recente, alagamento permanente em pelo menos 1/3 de sua superfície pelo Rio Paraguai, sedimentos do quaternário.
3. Planície do Araguaia e Xingu: abrange o vale médio dos rios Araguaia e Xingu. Destaca-se a Ilha do Bananal, no Rio Araguaia.

REGIÃO CENTRO-OESTE (* ESTIMATIVA 2009)

Estado	Área (km ²)	População absoluta (habitantes)	População relativa (hab./km ²)
Mato Grosso	903.386,1	2.866.000	3,17
Mato Grosso do Sul	357.139,9	2.304.000	6,45
Goiás	340.117,6	5.750.000	16,91
Distrito Federal	5.801,9	2.393.000	412,58
Total	1.606.445,5	13.313.000	8,28



4. Planaltos residuais Sul Amazônicos: correspondem à área de elevações do Planalto Sul-Amazônico.

5. Planalto Central Goiano: divisor de águas entre as bacias dos rios São Francisco, Tocantins e Paraná, aplainado com depressões intermontanas, com escarpas (*cuestas*) e superfícies tabulares.

6. Planalto e Chapada dos Parecis: divisor de águas das bacias Amazônica e do Paraguai, superfície planáltica e aplainada com terrenos do paleozoico e mesozoico.

7. Planalto e Chapada da Bacia do Paraná: planalto sedimentar, dissecado, com destaque para a Depressão Periférica. Apresenta derrames basálticos, que deram origem ao solo de terra roxa.

8. Serras e residuais do Alto Paraguai: afloramentos cristalinos em áreas sedimentares, com destaque para o Maciço de Urucum e a Serra das Araras.

Clima

Na Região Centro-Oeste, a influência climática é condicionada por dois fatores:

- a) dinâmicos e
- b) geográficos.

Os fatores dinâmicos são os sistemas de massas de ar que agem no local. Nessa região, temos:

mTc = massa Tropical continental (quente e seca)

mEc = massa Equatorial continental (quente e úmida)

mPa = massa Polar atlântica (fria e úmida)

• Situação no verão

No verão, a mTc aumenta sua influência na região, fazendo subir as temperaturas, que poderão atingir 42°C em certas áreas, mantendo uma média de 26°C. Essa massa vai também entrar em contato com a mPa. Como consequência, haverá um frio úmido e as maiores precipitações (chuvas frontais). Elas também ocorrem no norte da região, onde a ação da mEc superúmida faz a área conter precipitações maiores que 2.500 mm anuais.

• Situação no inverno

No inverno, a ação da mPa aumenta, enquanto a das outras massas diminui. Essa massa de comportamento frio fará a temperatura cair principalmente ao sul, com uma média de 18°C, para atingir mínimas absolutas próximas a 0°C nos momentos de penetração da friagem (este fato ocorre excepcionalmente durante períodos breves). Essa massa caracterizar-se-á pela secura, quando haverá, então, uma baixa pluviométrica. Ela será maior em direção ao Pantanal ao (oeste) e nordeste do território, graças à proximidade da Região Nordeste e ao seu clima semiárido.

Já os fatores geográficos referem-se a aspectos da localização, latitude e relevo. A região localiza-se numa área nitidamente tropical (baixas latitudes), com pequena influência do oceano (mTa), fazendo o clima tender à continentalidade. E o relevo apresenta desniveis que, se não são suficientes para alterar a temperatura drasticamente, serão suficientes para provocar alterações locais (caso das depressões – menos de 200 m – e das chapadas – acima de 1.200 m).

• Classificação climática da região

Mediante essas explicações, podemos afirmar que o clima da região é de domínio **tropical semiúmido**, dividido em **quente** e **subquente**.

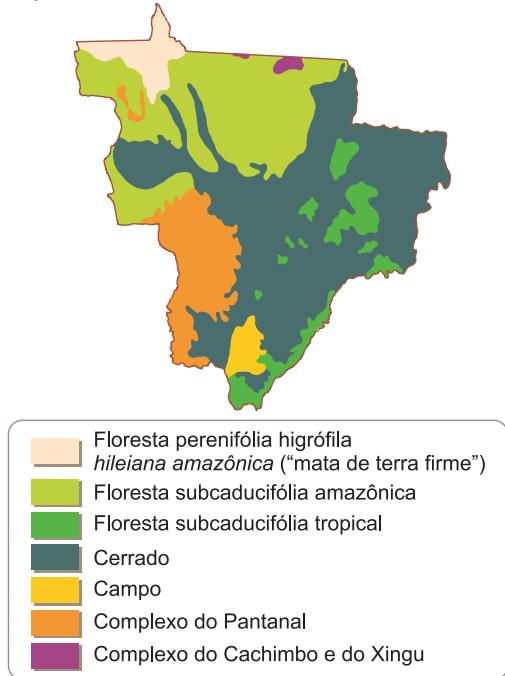
O clima semiúmido **quente** predomina em quase todo o Centro-Oeste, com exceção ao sul, semiúmido **subquente**, que estará sujeito a uma influência maior da mPa.



■ Vegetação

De modo geral, a vegetação é consequência direta da relação entre o clima e o solo de uma determinada região. A Centro-Oeste apresenta, como regra geral, solos pobres (latossolos lixiviados) e um clima semi-úmido que contribuirão para o surgimento, na área central, de uma vegetação típica: o cerrado. Como essa distribuição climática não é uniforme, podemos reconhecer as seguintes formações vegetais:

FORMAÇÃO DE VEGETAIS DA REGIÃO CENTRO-OESTE



• Cerrado

O cerrado é uma formação arbustiva característica da Região Centro-Oeste. É uma formação intermediária entre as florestas e os campos, típica de climas semi-úmidos, que mundialmente recebe o nome de savanas. Sua estrutura varia conforme a disponibilidade da água, desde o cerrado (formação próxima das matas) ao "cerradinho", quando se confunde com a formação de campo. É composto de árvores de até 10 m, entremeado por arbustos e por uma vegetação rasteira com gramíneas de até um metro. Graças à alternância das chuvas (períodos secos/chuvosos), as espécies possuem galhos retorcidos (crescimento irregular), raízes profundas para atingir o lençol freático e cascas grossas (cortiça) que as protegem do fogo típico do período de estiagem. Algumas espécies arbustivas: lixeira, mangabeira, barbatimão, pequi etc.

• Floresta Equatorial Amazônica

Em razão da região, da ação do clima equatorial superúmido, ao norte da região, vemos surgir aí a

Floresta Equatorial Amazônica, cujas características são o grande número de espécies, presença de árvores alcançando até 50 m de altura, encobrindo o solo com suas copas frondosas, tornando seu interior escuro, úmido e de difícil penetração, e espécies sempre verdes, com folhas largas. Vamos encontrá-la subdividida em **mata de terra firme**, no extremo norte, onde despontam espécies como a seringueira, o cedro, o jacarandá; **mata de poaia** (cuja principal característica é a presença maior de trepadeiras).

• Floresta Tropical

Incrustados no interior do Brasil, vamos encontrar na Região Centro-Oeste resquícios da Mata Tropical Atlântica. Ela surge nessa área, relacionada às condições de solo (manchas de basalto) e ao lençol d'água. Geralmente é habitada por árvores altas, porém mais ralas, com folhas pequenas, atingindo de 20 a 30 m de altura. Suas folhas caem durante as estações secas, formando um verdadeiro tapete no chão (formação de húmus). Algumas espécies: jatobá, jacarandá, canela, cedro, erva-mate. Observam-se também as **matas-galerias**, que se estendem ao longo dos rios, aproveitando uma umidade maior de lençol freático mais raso. Suas espécies serão árvores de grande porte, como castanheira, caucho e, inclusive, palmeira (babacu).

• Campo

Aparecendo em áreas mais reduzidas, os campos são uma consequência direta dos tipos de solos (em geral pobres), associados a climas mais secos e à ação do homem (retirada de arbustos para criação de gado).

Distinguem-se dois tipos:

a) campo sujo – a base é a gramínea. Apresenta maior parte de arbustos, se bem que mais espaçados entre si, denotando uma ação antrópica (queimadas, geralmente); é também chamado de cerradinho.

b) campo limpo – domínio total de gramíneas, lembrando pradarias ou estepes; a presença de arbusto é rara e muito espaçada.

• Complexo do Pantanal

A região próxima a áreas inundáveis do Rio Paraguai e seus afluentes possui à sua volta uma mistura de espécies vegetais advindas de diversas formações: amazônica, do cerrado e, do campo e de xerófitas (cactáceas). Assim, nas áreas próximas àquelas permanentemente alagadas, vamos encontrar espécies aquáticas que evoluirão para gramíneas nas áreas onde as águas só atingem nas cheias, formando excelentes pastagens, plenamente utilizadas na criação de gado. Nas áreas menos atingidas, mas igualmente úmidas, podem surgir eventuais florestas-galerias.

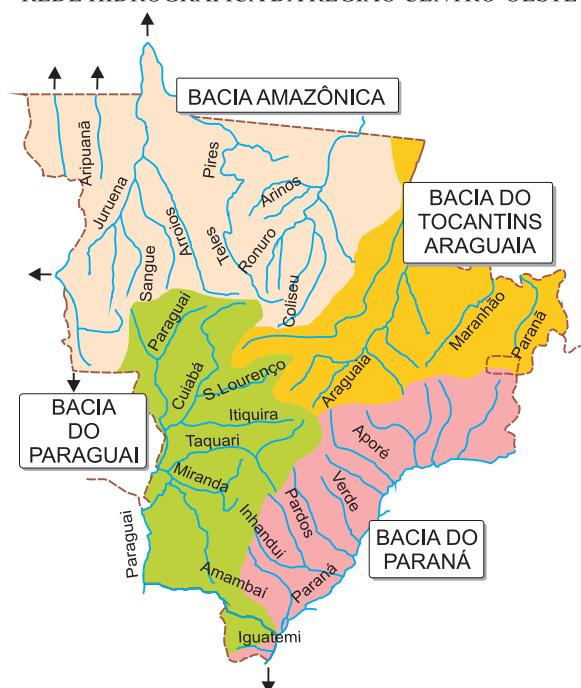
□ Hidrografia

Graças à sua formação geológica e aos aspectos morfológicos de seu relevo, a Região Centro-Oeste caracteriza-se por ser um centro dispersor de águas.

Os sistemas de chapadas nas áreas centrais formarão o divisor de águas entre a Bacia Amazônica (ao norte) e a Bacia do Prata, dividida entre a Bacia do Paraguai (a sudoeste da região) e a Bacia do Paraná (a sudeste).

As formações geológicas facilitaram também o potencial das bacias e o transporte fluvial, já que tais rios são, por longos trechos (principalmente o Paraguai), rios de planície. Através de obras que regularizassem seus regimes, poder-se-ia obter uma ligação entre o Paraguai e o Amazonas por um sistema hidroviário. Seu regime hidrológico é bem determinado pelo clima: chuvas de verão trazendo as cheias e secas de inverno com as vazantes (regime austral).

REDE HIDROGRÁFICA DA REGIÃO CENTRO-OESTE



É importante destacar também as lagoas da bacia paraguaia que, possuidoras de diversas formas, são conhecidas pelo nome de "baías" e, aprisionando água durante as cheias de verão, adquirem a importante função de regularizar o regime dos rios.

A Bacia do Tocantins-Araguaia tem seu alto curso na Região Centro-Oeste, destacando-se pela possibilidade do aproveitamento do seu potencial hidráulico e para transporte. O Rio Paraná, por sua vez, no limite com o estado de São Paulo, já se encontra plenamente utilizado, fornecendo energia através do complexo Jupiá - Ilha Solteira. É importante notar também que, na altura do curso médio do Rio Araguaia, forma-se a maior ilha fluvial do mundo, a Ilha do Bananal, com cerca de 20.000 km²,

que se encontra hoje em processo de incorporação pela economia nacional, com o desenvolvimento de projetos agropecuários (frentes pioneiros).

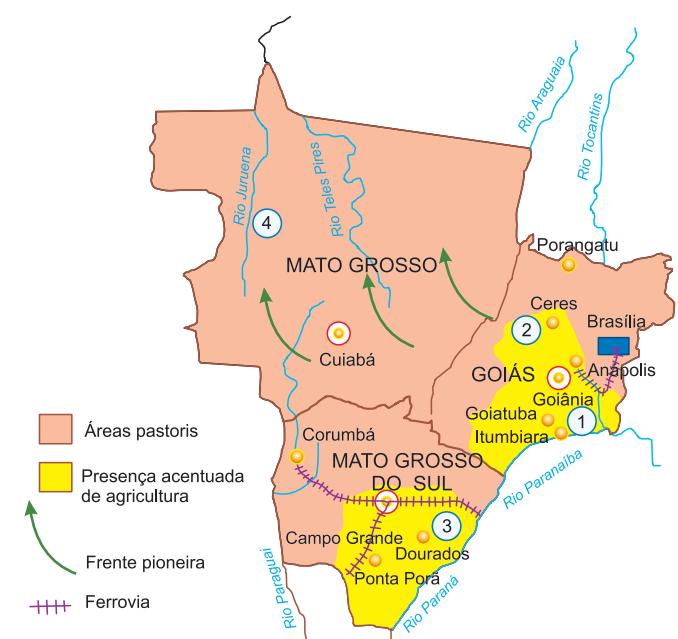
3. ASPECTOS HUMANOS

□ Considerações gerais

No processo de ocupação da Região Centro-Oeste, o posicionamento geográfico tem destaque fundamental.

Se a situação geográfica foi, inicialmente, fator de isolamento e retardamento no desenvolvimento econômico da região e responsável por sua principal característica demográfica, o subpovoamento, atualmente, é o fator principal da dinamização do seu crescimento populacional.

A criação e a implantação de Brasília na região e as facilidades de transporte resultantes deste fato, como a construção e o melhoramento das redes rodoviária e ferroviária, ligaram definitivamente a região ao centro-sul do País e deram-lhe importante papel como instrumento para a efetivação da política de conquista da Amazônia.

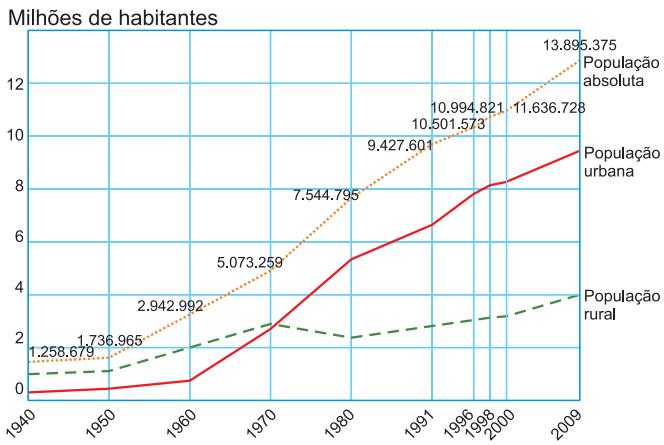


O crescimento populacional que vem ocorrendo nas últimas décadas tem um significado importante para a região. A evolução do setor **agropecuário** está diretamente correlacionada com o incremento da população regional.

Áreas agrícolas mais importantes:

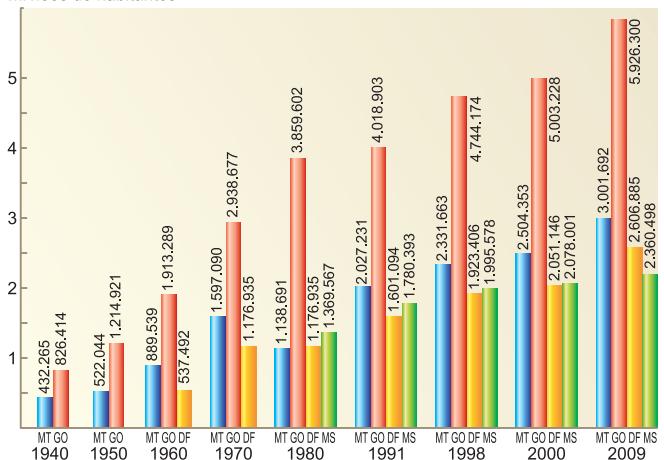
1. Vale do Paranaíba.
2. Mato Grosso de Goiás: Ceres.
3. Dourados (sul de MS).
4. Frente pioneira do norte de Mato Grosso (Rodovia Marechal Rondon; BR-364).

☐ Milhões de habitantes



A Região Centro-Oeste situa-se, no panorama demográfico nacional, como a região de maior potencialidade de ampliação dos quadros demográficos, quer pela baixa densidade da população (8,7 hab./km²), quer pela disponibilidade de áreas cultiváveis e de um mercado de terras muito favorável, valorizadas por sua proximidade dos centros de consumo do Sudeste.

Milhões de habitantes



☐ O povoamento

No povoamento do Centro-Oeste, podemos destacar:

I. As bacias fluviais tiveram grande importância como eixos de penetração, dos quais o Rio Paraguai foi o primeiro a ser utilizado (século XVI).

II. As primeiras tentativas de ocupação partiram dos espanhóis com a criação de missões religiosas (ITATIM), destruídas pelos bandeirantes.

III. A descoberta do ouro criou centros como Vila Bela (atual Mato Grosso, 1718), Vila Boa (atual Goiás, 1725), Cuiabá (1729), Poconé, Diamantina. Essa ocupação feita ao redor dos arraiais atraiu uma população numerosa vinda de São Paulo e Minas Gerais.

IV. Para garantir a posse da terra, a Coroa portuguesa criou fortés e presídios, e alguns destes geraram cidades como Cáceres, Corumbá, Miranda, Iguatemi.

V. Com a queda da produção aurífera, as populações passaram a viver de uma lavoura de sustentação e da pecuária. A pecuária, que começou como atividade secundária, destinada a prover a população mineradora, toma impulso, atraindo povoadores de MG e BA, dando início à segunda etapa do povoamento – a expansão das grandes fazendas de gado.

VI. Com a procura de melhores pastagens, o povoamento assumiu feição dispersa. Apesar disso, em sedes de fazendas, em pontos de passagem ou de reunião de criadores, surgiam povoados que mais tarde se desenvolveram em cidades como Catalão (1834), Ipameri (1858), Anápolis (1870), Nioaque (1848), Coxim (1862), Formosa (1736).

VII. A ocupação agrícola das áreas de mata em solos férteis fundou núcleos de colonização no Vale do Paranaíba, em Mato Grosso de Goiás (Ceres) e no sul do Mato Grosso do Sul (Dourados).

A ocupação agrícola das áreas de mata, em solos férteis, teve seu início no século XX. A penetração das estradas de ferro, vindas de São Paulo e Minas Gerais, facilitando o acesso aos mercados do Sudeste, forneceu o elemento que faltava para o aproveitamento agrícola do Vale do Paranaíba, do Mato Grosso, de Goiás e de Mato Grosso do Sul. Essa etapa, intensificada como a fundação de núcleos de colonização, com a Colônia de Goiás, atual Ceres, e as de Dourados, atraiu para a região grandes levas de agricultores, sobretudo paulistas e mineiros.

POPULAÇÃO URBANA NAS REGIÕES (%)

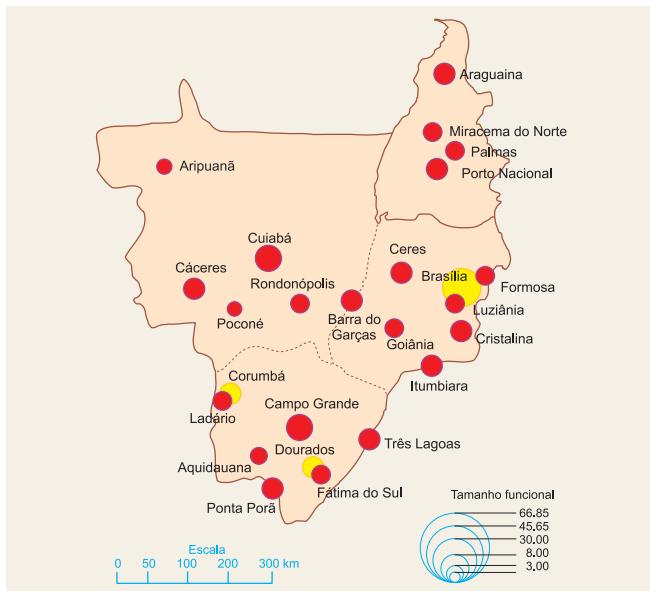
Região	1970	1980	1991	2000	2009
Norte	45,13	50,32	59,04	69,83	78,0
Nordeste	41,81	50,46	60,65	69,40	72,4
Sudeste	72,68	82,81	88,02	90,52	92,1
Sul	44,27	62,41	74,12	80,94	83,0
Centro-Oeste	48,04	70,84	81,28	86,73	83,8
Brasil	55,92	67,59	75,59	81,23	85,6

(Anuário Estatístico do Brasil, IBGE, 2006.)

☐ Principais cidades do Centro-Oeste

Cidades mais populosas do Centro-Oeste, em 2006

Habitantes
Brasília (DF)
Goiânia (GO)
Campo Grande (MS)
Cuiabá (MT)
Aparecida de Goiânia (GO)
Anápolis (GO)
Várzea Grande (MT)
Luziânia (GO)
Dourados (MS)
Rondonópolis (MT)
Rio Verde (GO)
Águas Lindas de Goiás (GO)

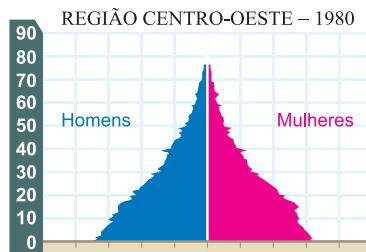


COR DA POPULAÇÃO (%)			
Região	Brancos	Negros	Outras
Norte	23,3	6,2	69,2
Nordeste	29,2	7,8	62,5
Sudeste	58,8	7,7	32,5
Sul	79,6	3,6	16,0
Centro-Oeste	43,0	5,7	50,5
Brasil	49,7	6,9	42,6

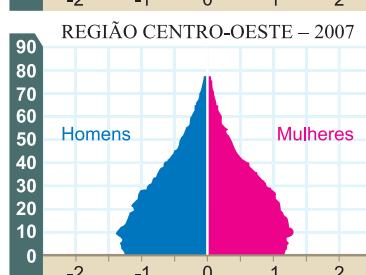
Outras: amarela – orientais (japoneses, chineses e coreanos) e a população indígena.

ESPERANÇA DE VIDA AO NASCER			
Região	Geral	Homens	Mulheres
Norte	71,3	68,5	74,3
Nordeste	69,4	65,8	73,1
Sudeste	73,8	69,8	77,9
Sul	74,4	71,8	78,0
Centro-Oeste	73,5	70,1	77,0
Brasil*	72,4	68,7	76,2

(* Estimativa 2006: IBGE.)



O censo de 2000 apontou o Distrito Federal com uma média de crescimento populacional de 2,77%.



■ Estrutura da população

Apesar de sua pequena população absoluta, cerca de 13.895.375, segundo o censo de 2009, e da grande importância das atividades agropecuárias para a economia regional, a

população da Região Centro-Oeste é predominantemente urbana, sendo a segunda região mais urbanizada do País, após a Sudeste.

A taxa de urbanização de Goiás chegou a 87,37%, em 2000, e estima-se 90,3% em 2007. Brasília já se destaca como uma metrópole nacional, e Goiânia como uma metrópole regional.

4. ASPECTOS ECONÔMICOS DO CENTRO-OESTE

□ Extrativismo mineral

Dentre as riquezas minerais, têm grande importância o diamante, o cristal de rocha (quartzo), o ferro, o manganês, o nióbio e fosfatos.

- **Diamante**: explorado nos altos cursos do São Lourenço e Rio das Garças, onde, respectivamente, localizam-se os municípios de Poxoreu e Guiratinga, ambos em Mato Grosso.

- **Cristal de rocha**: é encontrado em jazidas goianas localizadas em Cristalina, Cavalcante, Ipameri e Puim. O cristal de rocha, além de atender ao mercado do Sudeste, é exportado.

- **Ferro e manganês**: estão juntos à hematita e à pirolusita no Maciço do Urucum, no Pantanal Mato-Grossense.

Esses minérios são escoados através do Rio Paraguai, no Porto de Corumbá, além de abastecerem uma pequena atividade siderúrgica local.

□ Extrativismo vegetal

Dentre as riquezas vegetais, destacamos:

- **borracha**, na área de floresta equatorial;
- **ipecacuanha** ou **poaia** (de utilidade químico-farmacêutica), na encosta da Chapada dos Parecis, onde é chamada "Mata da Poaia";

- **erva-mate** e **quebracho**, que são os principais produtos da economia de coleta, na parte meridional do Mato Grosso do Sul.

□ Pecuária

A pecuária tem sido, a longo prazo, o setor mais estável na economia da Região Centro-Oeste. Possui caráter extensivo, apresentando grandes propriedades e destinando-se basicamente ao corte.

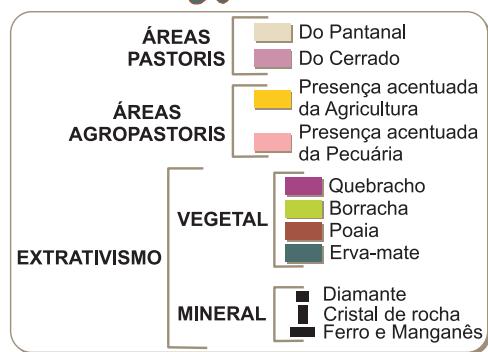
As áreas de cria, recria e engorda estão sempre próximas das vias de transporte. Ao norte da região, situam-se grandes fazendas para cria e recria e, ao sul da região, devida à proximidade com áreas mais desenvolvidas do Brasil, aconteceu uma grande valorização das terras e, consequentemente, o fracionamento das fazendas, onde o gado engorda (invernadas).

Para esta área, converge o gado do Pantanal, dos campos de Vacaria e dos cerrados, antes do seu encaminhamento para os frigoríficos paulistas, localizados em Barretos, Araçatuba e Andradina.

❑ Mobilidade da população entre as regiões geoconômicas brasileiras

MIGRAÇÃO ENTRE REGIÕES (1991-1996)					
Regiões					
Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste	Total
—	60.965	78.955	22.978	86.628	249.526
182.999	—	835.562	24.914	194.097	1.237.572
54.995	262.331	—	156.372	153.307	627.005
20.799	17.592	176.532	—	71.852	286.775
60.059	43.403	128.850	50.454	—	282.766
318.852	384.291	1.219.899	254.718	505.884	2.683.644

Contagem da População 1996, IBGE.



Apesar de o objetivo da criação de gado ser a produção de carne, em áreas de adensamento populacional e áreas agrícolas ou agropastoris desenvolve-se uma pecuária leiteira. Isto ocorre principalmente em Mato Grosso, em Goiás e na vertente goiana do Paranaíba, onde já se adota o sistema rotativo de culturas e pastagens.

❑ Pecuária no Pantanal

Em virtude da ocorrência de boas forrageiras (gramíneas e leguminosas) e da presença de barreiros e salinas (solo salgado das margens das baías), o Pantanal tornou-se um domínio por excelência apropriado para a criação de gado. Não obstante as inundações periódicas restringirem as pastagens naturais disponíveis,

o Centro-Oeste é a área de maior renome em termos de pecuária, com um rebanho bovino que soma mais de 5,6 milhões de cabeças, ou seja, 24% do contingente regional.

O gado, inicialmente representado pelo franqueiro, evoluiu para um tipo local, o **pantaneiro**. Criado à solta, como é comum no sistema extensivo, é muitas vezes manejado somente na ocasião da venda. Com a penetração da E.F. Noroeste, na segunda década do século XX, este sistema tradicional sofreu modificações, que se acentuaram mais recentemente em decorrência do aumento do consumo de carne nos grandes mercados do Sudeste. Essas modificações se traduziram em

- subdivisão dos pastos;
- selecionamento das pastagens naturais;
- preparo de pastagens artificiais;
- apuro do plantel mediante cruzamento com o zebu;
- instalações de currais, para a separação do gado destinado à cria, recria, engorda e venda.

O principal núcleo de criação é o distrito de Nhecolândia, no município de Corumbá, no Mato Grosso do Sul.

❑ Agricultura

Só no início do século XX a agricultura evoluiu de subsistência para comercial, concentrando-se na área da Bacia Sedimentar Paranaica ou em locais isolados, onde aparecem manchas de terra roxa, devidas aos derramamentos basálticos.

UF	SOJA			Safras 2002/2003 e 2005	
	Área x (mil ha)	Produção x (milhões t)			2009
		2002/03	2005	2002/03	2005
MT	4 585	6 106	13,4	17,7	21,7
PR	3 578	4 130	10,7	9,4	10,3
GO	2 170	2 663	6,3	6,9	7,6
MS	1 406	2 025	4,0	3,7	4,9
MG	—	1 126	—	2,9	3,2
RS	3 593	3 733	9,4	2,4	3,1

As principais áreas de produção são:

- Mato Grosso de Goiás (Ceres), cultivando-se basicamente feijão, milho e arroz.
- Vertente Goiana do Paranaíba, cuja produção está baseada no arroz, milho, soja, feijão, algodão, cana e

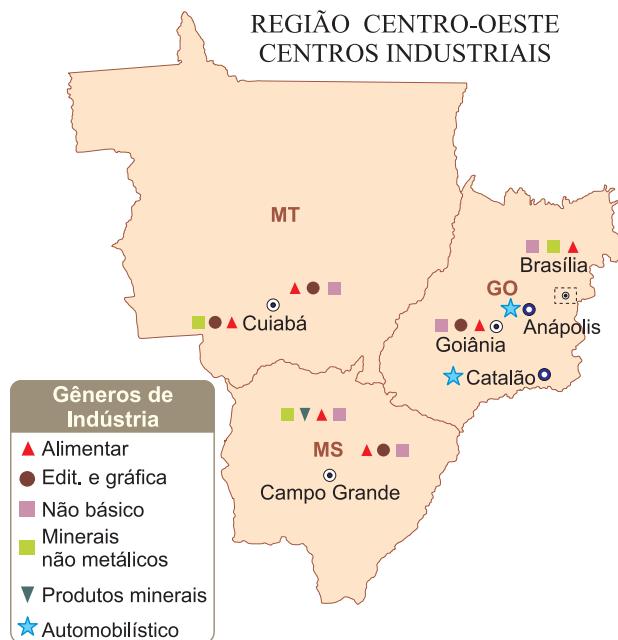
frutas, como o abacaxi e a laranja. Destacam-se aqui os municípios de Itumbiara e Goiatuba.

- sul do Mato Grosso do Sul: Dourados, com agricultores de pequenas propriedades que cultivam trigo, arroz, café, milho, soja, feijão e criam gado em pastagens plantadas nas áreas mais antigas.

□ Industrialização

A Região Centro-Oeste é a menos industrializada do Brasil.

A indústria da Região Centro-Oeste é composta por estabelecimentos de pequeno porte (72%).



Predominam o beneficiamento de cereais (máquinas de arroz, casas de farinha), a torrefação de café, olarias e oficinas de reparo etc.

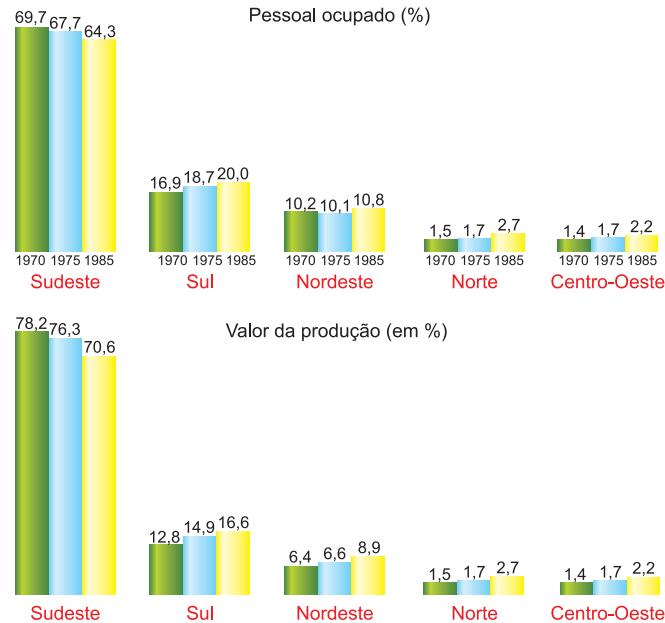
A maioria desses estabelecimentos baseia-se na organização familiar e não possui estrutura técnica e econômica eficiente.

No entanto, recentemente vêm-se instalando estabelecimentos industriais mantidos por empresas extrarregionais dotadas de tecnologia mais desenvolvida, atraídas pela possibilidade de acesso mais fácil à matéria-prima regional, graças à melhoria na rede de transportes e às vantagens dos incentivos governamentais federais e estaduais. Neste caso, são elevados os investimentos na indústria associada ao agronegócio, como a indústria frigorífica e fábricas de óleos vegetais. Assim como as indústrias associadas a atividades extractivas, como as fábricas de cimento, extração mineral e outras, que já podem manter uma produção melhor tanto em termos quantitativos como qualitativos. Além disto, transnacionais aproveitam a disponibilidade de

mão de obra de alta qualificação para o desenvolvimento da biotecnologia e indústrias químico-farmacêutica.

É também destacável a instalação de montadoras do setor automobilístico, como a Hywdy, em Anápolis – GO, e a Mitsubishi em Catalão – GO.

DISTRIBUIÇÃO REGIONAL DA INDÚSTRIA



□ Transportes

• Sistema rodoviário

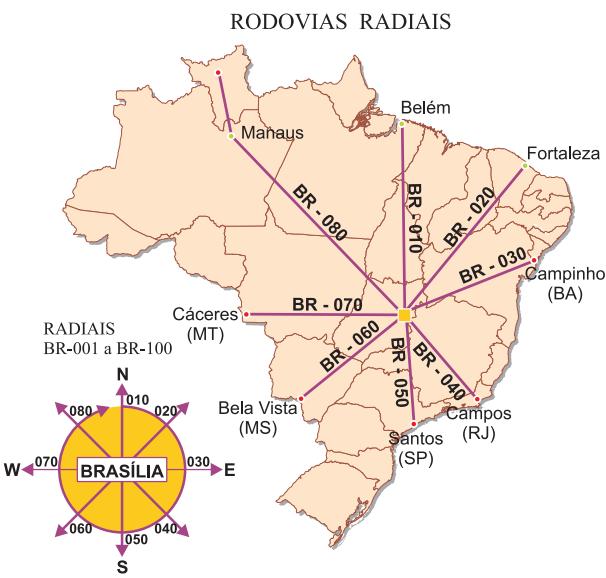
As rodovias encontram no Centro-Oeste perspectivas de um rápido e grande desenvolvimento graças à **existência de vastas superfícies e à ampliação da demanda dos mercados do Sudeste**, que encontram naquela região um imenso espaço reservado à sua expansão econômica.

Observe a seguir as principais rodovias do Centro-Oeste.

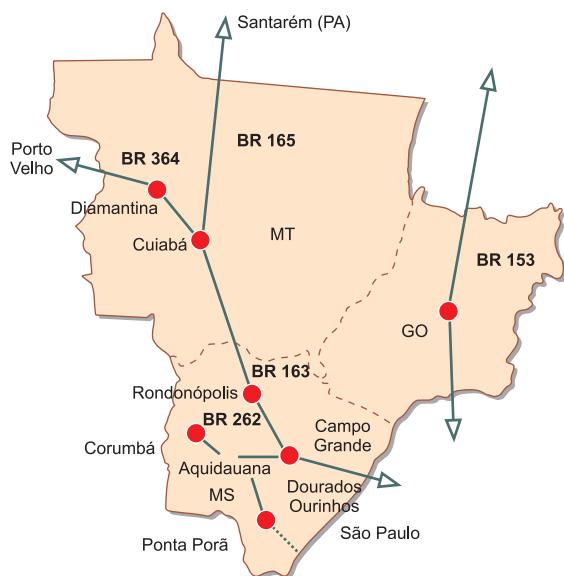
RODOVIAS RADIAIS		
Número	Ligações	Extensão
BR-10	Brasília-Belém (PA)	1.091 km
BR-20	Brasília-Fortaleza (CE)	1.882 km
BR-30	Brasília-Campinho (BA)	1.111 km
BR-40	Brasília-Campos (RJ)	1.154 km
BR-50	Brasília-Santos (SP)	1.051 km
BR-60	Brasília-Bela Vista (MS)	1.281 km
BR-70	Brasília-Cáceres (MT)	–
BR-80	Brasília-Manaus (AM)	3.604 km

Rodovias Radiais partem de Brasília (números aumentam em sentido horário).

Destaca-se a **BR-010**. A Brasília-Belém, importante eixo de povoamento do norte de Goiás e do atual estado de Tocantins



Rodovias Longitudinais, Transversais e Diagonais, na Região Centro-Oeste



No mapa anterior, notamos três tipos diferentes de rodovias federais.

LONGITUDINAIS

BR-153: estende-se de São Paulo ao Pará, passando pela região agrícola de Ceres, no Centro-Oeste.

BR-158: Félix (MT) – Livramento (RS), com 2714 km.

BR-163: começa no sul do estado, desde Ponta Porã até Cuiabá, passando por importantes centros urbanos, margeando o Pantanal, como Dourados, Campo Grande, Rio Verde, Coxim, Rondonópolis e chegando até Cuiabá.

BR-165: Cuiabá (MT) – Santarém (PA), com 1618 km.

TRANSVERSAIS

BR-251: Ilhéus (BA) – Cuiabá (MT) 1189 km.

BR-262: vindo de São Paulo, atravessando o sul de Mato Grosso do Sul e do Pantanal, atingindo a cidade e

o porto de Corumbá.

BR-273: Campinas (SP) – Campo Grande (MS), com 2253 km.

DIAGONAL

BR-364: liga Cuiabá a Porto Velho, destacável eixo de colonização recente, ao longo da qual se estabeleceram frentes pioneiras de colonização.

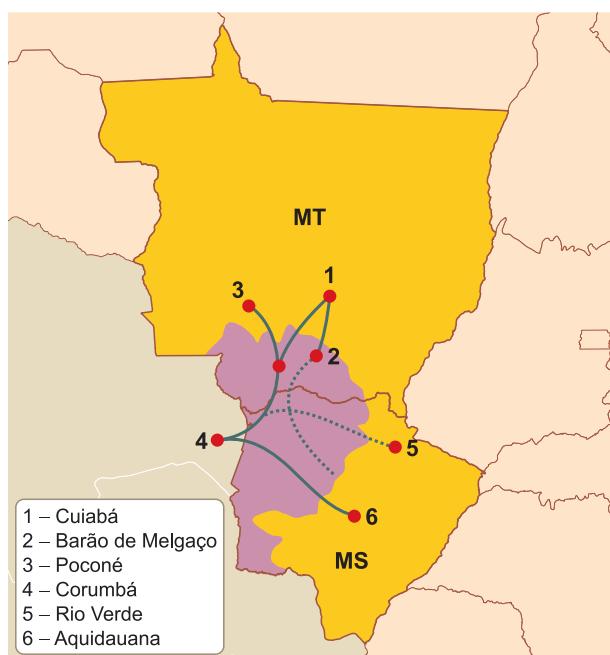
Recuperação de 700 km das rodovias BR-364/070 e BR-163, ligando AC, RO, MT e MS às hidrovias do Amazonas e aos sistemas de transporte do Sudeste.

Transpantaneira

Essa rodovia foi construída num aterro permanente.

No primeiro trecho da Transpantaneira, 340 km entre Poconé e Corumbá, o aterro terá 1,40 m, representando um volume superior a 5 milhões de m³ de terra.

A terra retirada das bordas abre duas valas que se enchem de água nas enchentes e se transformam em dois "rios" que acompanham a estrada em quase toda sua extensão.



No entanto, até agora, os trechos construídos da Rodovia Transpantaneira são poucos.

• Sistema hidroviário

A utilização das vias fluviais da região ocorre desde o início do povoamento, mas, atualmente, em consequência do progresso, principalmente rodoviário, foi relegada a um plano secundário.

Assim, em Goiás, a construção da Belém-Brasília (BR-010) provocou a decadência da navegação do Tocantins, que até 1960 era a principal via de circulação no norte do antigo estado de Goiás, hoje Tocantins.

A fronteira do estado de São Paulo com o Mato Grosso do Sul e a região sudeste de Goiás beneficiar-se-á com a implantação da hidrovia Paraná-Tietê.



A hidrovia do Pantanal, tendo como eixo o Rio Paraguai, foi descartada como possibilidade de escoamento da produção em grande escala por meio de navios de grande calado, em face de ação judicial que visa preservar o ecossistema pantaneiro. De provável extinção, caso se concretizasse o projeto de retificação e desassoreamento leito de rio.

Além dessas, o governo federal vem investindo na implantação da hidrovia do Rio Madeira, viabilizando o escoamento da produção de cereais das pontas de colonização das regiões Norte e Centro-Oeste. Em operação desde abril de 1997.

• Sistema ferroviário

A Região Centro-Oeste possui a segunda malha ferroviária menos extensa do País, superando apenas a da Região Norte.

Destacam-se a Ferrovia do Noroeste, que serve o sul da região, interligando o Mato Grosso do Sul a São Paulo, e a MRS Logística, que interliga Goiás a Minas Gerais.



O traçado no mapa da antiga EF Noroeste do Brasil liga Bauru, no estado de São Paulo, a Corumbá, no Mato Grosso do Sul, e estende-se até Santa Cruz da La Sierra, na Bolívia. A Noroeste pertenceu à RFFSA e foi privatizada na década de 1990, passando a ser conhecida como Rede Ferroviária Novoeste S.A. Hoje, a Novoeste faz importante integração com a Ferronorte.

Com a conclusão da primeira etapa da Ferronorte, será implementada a interligação do Centro-Oeste, particularmente sua área de expansão econômica mais recente ao Sudeste do País.

• Sistema aerooviário

Apesar de contar com o quarto aeroporto, em importância, do País – BRASÍLIA –, o sistema aerooviário tem desenvolvimento incipiente no Centro-Oeste, em razão do pequeno fluxo de passageiros que eleva sobremaneira o custo desse tipo de transporte.

O sistema de transporte da Região Centro-Oeste visa ao escoamento da produção agropecuária e, principalmente, à sua integração com o Sudeste. O sistema rodoviário da região integra o corredor de exportação de Santos, que acaba por englobar áreas do Paraguai e Bolívia, onde ainda se destaca o Gasoduto Brasil-Bolívia.





1. CARACTERÍSTICAS GERAIS

A Região Sul é a menor das regiões brasileiras, com 577.214 km² de superfície, ocupando apenas 6,7% do território nacional.

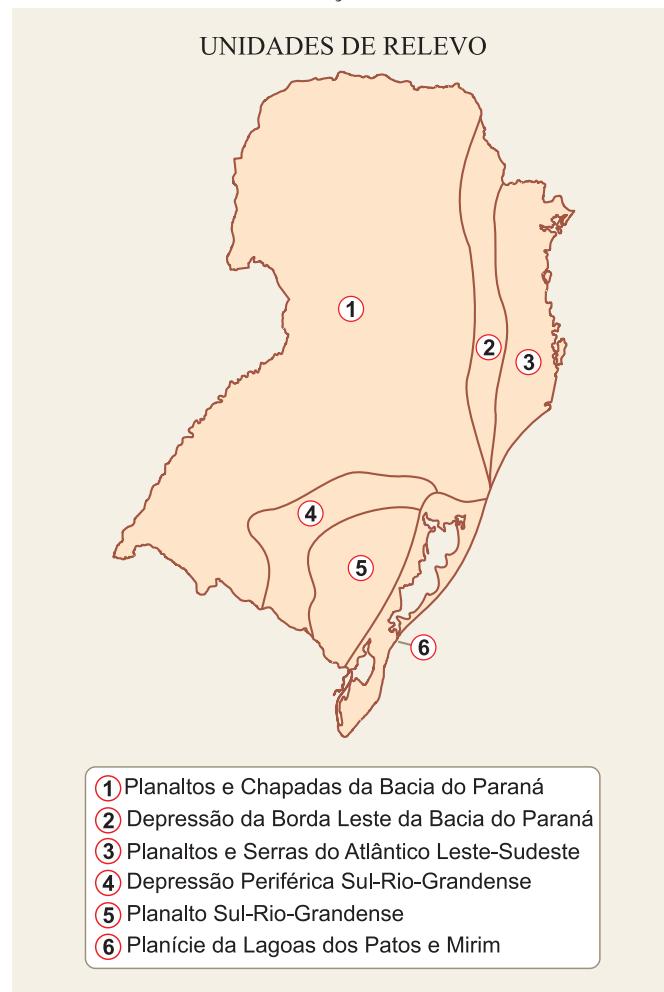
É formada pelos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

É uma região bem individualizada, marcada pelos contrastes que a distinguem das demais regiões, apresentando, no seu conjunto, suas próprias diversidades intrarregionais.

2. MODELADO / GEOLOGIA

Relevo

O relevo sulista possui enorme diversidade de formas e origens. Basicamente, pode-se dizer que ele se inicia elevado na fronteira SP/PR e vai diminuindo de altitude lentamente em direção ao sul.



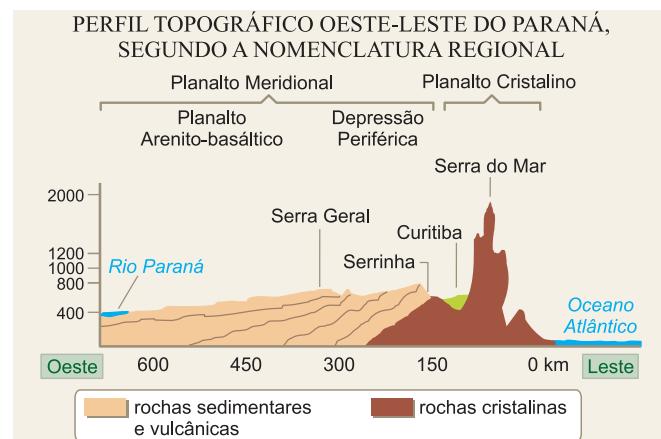
A grande unidade que caracteriza o Sul são os Planaltos e Chapadas da Bacia do Paraná, de formação arenito-basáltica (de onde se origina a terra roxa), possuindo seu ponto culminante na chamada Serra Geral, nas proximidades da Depressão da Borda Leste.

Esses planaltos inclinam-se para oeste e perdem a altitude em direção ao Rio Paraná e afluentes.

Duas depressões se intrometem entre os planaltos: a Borda Leste do Rio Paraná e a Depressão Periférica Sul-Rio-Grandense, ambas com arenito paleozoico rico em reservas de carvão mineral.

Dois planaltos cristalinos surgem próximos ao mar: ao norte, os Planaltos e Serras do Atlântico Leste-Sudeste, uma continuação das serras de São Paulo, com escarpas e mares de morros que desaparecem no oceano, no contato com o basalto; no RS, o Planalto Sul-Rio-Grandense, uma espécie de ressurgência do Planalto Atlântico. Suas formas são baixas e desgastadas, e dão origem a uma forma de relevo conhecida como coxilhas.

Destaque ainda para a formação quaternária da Planície das Lagoas dos Patos e Mirim, que incluem imensas restingas que circundam as lagoas.



3. DRENAGEM E ASPECTOS CLIMATO-BOTÂNICOS

Hidrografia

A maior parte das terras do Sul do Brasil vê-se drenada pelos rios **Paraná** e **Uruguai**, ambos pertencentes à Bacia Platina.

• Rio Paraná

Separou o Paraná, o Mato Grosso do Sul e o Paraguai.

Seguindo o rumo normal N-S, apresenta-se largo (4 km) e repleto de ilhas. Formava o Salto de Sete Quedas (Guaíra), hoje coberto pela barragem de Itaipu. Seus afluentes mais importantes são os rios Paranapanema, Ivaí, Piquiri e Iguaçu, o mais extenso de todos (1.320 km), cuja cabeceira se situa no Planalto Atlântico. O Rio Iguaçu atravessa o Paraná a sudoeste, no sentido leste-oeste, e, próximo à confluência com o Rio Paraná, forma os saltos de Iguaçu.

• Rio Uruguai

Resulta da junção dos rios Canoas e Pelotas, cujas nascentes estão na Serra Geral. Separa Santa Catarina do Rio Grande do Sul, o Rio Grande do Sul da Argentina

e, posteriormente, o Uruguai da Argentina. Pela margem direita recebe afluentes de Santa Catarina, pouco extensos. O mais importante é o Rio Chapecó.

Em terras do Rio Grande do Sul, ficam os da margem esquerda: Passo Fundo, Ijuí, Ibicuí, que é o mais extenso de todos, além do Guaraí, na fronteira com o Uruguai.

• **Bacias Agrupadas Secundárias do Sudeste**

As bacias secundárias não apresentam um rio principal. São vários pequenos cursos d'água que se dirigem diretamente para o Oceano Atlântico.

No Sul, as bacias secundárias do Sudeste de destaque são as dos rios: Ribeira do Iguaçú (SP-PR); Itajaí-Açu (SC); Tubarão (SC); Jacuí (RS), na foz estuário, na Lagoa dos Patos recebe o nome de Guaíba, onde se localiza Porto Alegre; Camaquã (RS); Jaguarão, que serve de fronteira com o Uruguai, desaguando na Lagoa Mirim.

• **Região Lacustre**

Além dos rios, é necessário destacar a importância da região lacustre do Sul do Brasil.

A partir do sul de Santa Catarina (região de Laguna) até o sul do Rio Grande do Sul, localiza-se a mais importante região de lagoas do Brasil. Dentre as várias lagoas de pequena extensão, destacam-se três de grande importância:

Patos: que é a mais extensa, com 250 km de comprimento e 50 km de largura, no Rio Grande do Sul.

Mirim: que se localiza ao sul do Rio Grande do Sul e parcialmente no Uruguai.

Mangueira: a menor de todas, no Rio Grande do Sul.

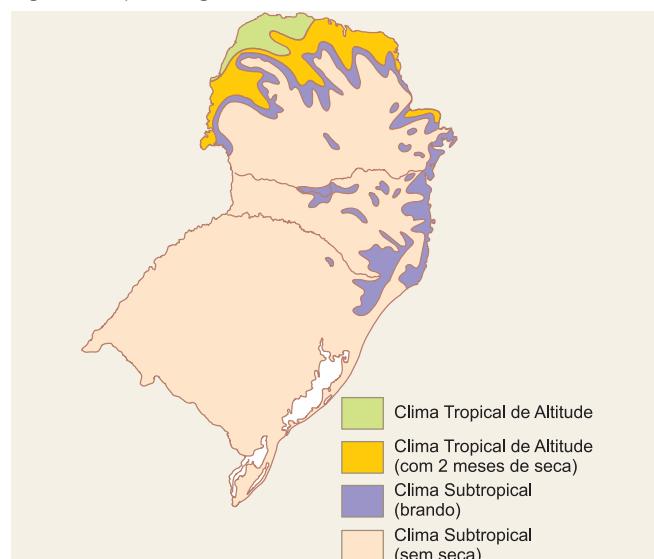


□ **Clima**

Por sua posição geográfica, situada quase totalmente, na zona temperada ao sul do Trópico de Capricórnio, a Região Sul apresenta **clima subtropical**, diferentemente de todas as outras regiões brasileiras, que se caracterizam por apresentar clima tropical, com exceção da Região Sudeste, que possui, em alguns trechos, **clima tropical de altitude**, com médias térmicas inferiores às do clima tropical.

• **O clima do Sul**

É um dos mais homogêneos, no entanto a região está sujeita, em qualquer época do ano, a sucessivas invasões de "ondas de frio" (frentes frias) causadas pela **Massa Polar Atlântica**, determinando bruscas mudanças de tempo, uma vez que o Sul do Brasil é uma região de passagem dessas frentes.



• **A pluviosidade**

É regular, caracterizando a região como uma das mais bem regadas por chuvas, com médias de pluviosidade em torno de 1800 mm anuais.

Além de ser importante o total anual, seu regime de distribuição pelas estações do ano se faz de maneira equitativa, na maior parte de seu território. Somente o norte e o oeste do Paraná constituem exceções. Ali o regime de chuvas é tropical e determina um curto período seco ou subseco no inverno.

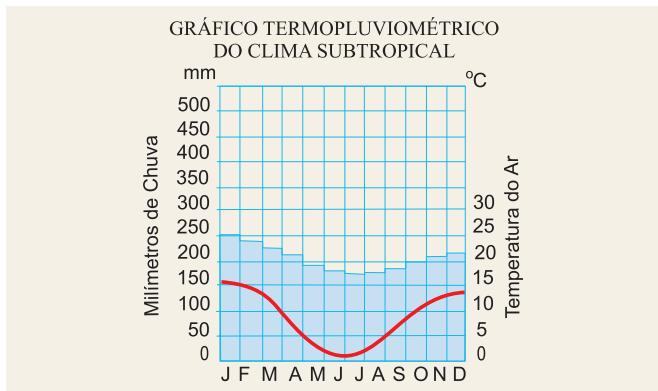
O caráter subtropical do clima do Sul do Brasil confere a esta região inverno frio e **verão quente**.

O inverno é ameno no norte e litoral do Paraná e no litoral de Santa Catarina.

O verão é brando nos trechos elevados dos planaltos.

As áreas mais quentes são o Vale do Uruguai e a Planície Gaúcha, que registram máximas diárias acima de 42°C, durante o verão.

As áreas mais frias são o sudeste de Santa Catarina – Lajes e São Joaquim – e nordeste do Rio Grande do Sul – São Francisco de Paula e Palmas, onde a temperatura média é de **10°C**, atingindo até **-10°C** nos meses mais frios.



❑ Vegetação

- **Floresta Perenifólia Higrófila Costeira (Mata Atlântica)**

Encontra-se no litoral sul, recobrindo áreas costeiras e as encostas orientais da Serra do Mar e da Serra Geral.

É formada por uma vegetação bastante exuberante, alta e desenvolvida, composta por perobas, palmitos, pimenteira-de-folha-larga e outras espécies.

- **Floresta Subcaducifólia Tropical**

Situá-se no norte do estado do Paraná.

Sua passagem é gradativa para a Floresta Subtropical.

Dependendo do grau de fertilidade do solo, apresenta-se mais ou menos exuberante. Nas áreas de solos de terra roxa (basalto), apresenta-se muito semelhante à Floresta Úmida de Encosta, mas nas áreas de arenito o número de espécies é reduzido.

As principais espécies de interesse econômico são o cedro e vários tipos de canela.

- **Floresta Subcaducifólia Subtropical**

Localiza-se ao longo dos vales dos rios, no oeste da região. Entre as espécies arbóreas mais importantes estão o alecrim e o angico.

- **Floresta de Araucária**

Também denominada Mata dos Pinhais, é de fácil penetração e constituída por importantes associações do pinheiro do Paraná, *Araucaria angustifolia*, por entre as quais aparecem outras espécies vegetais, como a imbuia e a erva-mate. Por sua relativa homogeneidade, faz lembrar as florestas das zonas temperadas quentes.

- **Cerrado**

Aparece como manchas reduzidas em algumas áreas do Rio das Cinzas; a área de maior incidência tem altitudes entre 700 e 1.000 m junto aos campos limpos.

- **Campo**

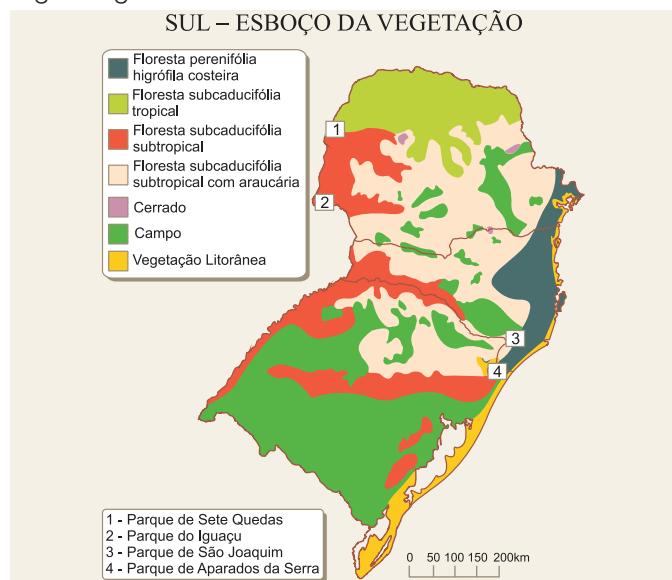
É constituído por uma vegetação forrageira, caracterizada por plantas rasteiras e poucas árvores.

São os Campos Gerais do Segundo Planalto do Paraná e as campinas da porção meridional do Rio Grande do Sul.

- **Vegetação litorânea**

É constituída por **manguezais** e matas de restinga, que aparecem nas baixadas quentes e úmidas do Paraná e de Santa Catarina, e também por **jundu**, que

é uma vegetação típica das dunas, característica da região lagunar.



4. POVOAMENTO, COLONIZAÇÃO E CONTRASTES NO USO DA TERRA NO SUL DO BRASIL

❑ O povoamento do Sul

Iniciou-se no século XVII, em 1680, com a fundação da **Colônia do Sacramento** por portugueses atraídos pela ideia equivocada acerca da existência de jazidas de ouro e prata.

Nesse período, o centro de maior importância era Laguna (SC), e seus ocupantes dedicavam-se à pecuária, surgindo assim as estâncias do litoral.

Porém, como essa ocupação ocorria somente na faixa costeira, e portanto não conseguia garantir a posse da terra para a Coroa, o governo português resolveu introduzir a colonização mais efetiva com os **casais açorianos**, que se instalaram em **Santa Catarina** e no **Rio Grande do Sul**, dedicando-se também à pecuária, porque era mais rentável que a agricultura.

Com o início do ciclo da mineração em Minas Gerais, a necessidade de animais de transporte e montaria aumentou consideravelmente. Graças a essa necessidade, os paulistas passaram a ir para os campos do Sul a fim de comprar animais e levá-los para Minas Gerais, através dos campos de **Vacaria, Lajes e Guarapuava**, até **Sorocaba**, em São Paulo, onde se instalou uma importante feira de gado. Este comércio incrementou a ocupação dos campos do Sul, enquanto as áreas das matas ficaram desocupadas.

Como a necessidade de ocupar as matas era grande, o governo lançou mão de colonos imigrantes – alemanes, italianos e eslavos –, cuja instalação se deu pelas colônias de povoamento estabelecidas pelo governo federal ou estadual, ou por companhias particulares de colonização, recebendo os imigrantes pequenas glebas de terras, onde passaram a praticar agricultura de subsistência, ao lado da produção manufatureira doméstica.

EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO DA REGIÃO SUL

População Absoluta (habitantes)

	1970	1980	1991	1996	2000	2006	2009
Paraná	6.929.868	7.629.392	8.448.713	9.003.800	9.563.458	10.410.000	10.686.247
Sta. Catarina	2.901.734	3.627.933	4.541.994	4.875.200	5.356.360	5.974.000	6.118.743
Rio Grande do Sul	6.664.891	7.773.837	9.138.640	9.637.700	10.187.798	10.984.000	10.914.128

Na década de 1980, nota-se um declínio nas taxas de crescimento populacional graças à saída de sulistas em direção ao Centro-Oeste e à Amazônia.

Os imigrantes inicialmente ocuparam: Paraná (eslavos) – ao redor de Curitiba e Ponta Grossa; Santa Catarina (alemães) – Joinville, Vale do Itajaí-Açu (Blumenau, Brusque); Rio Grande do Sul (alemães) – ao redor de Porto Alegre e nordeste do estado (São Leopoldo, Novo Hamburgo). Os italianos ocuparam as partes mais elevadas dos planaltos no nordeste do estado: Caxias do Sul, Garibaldi, Farroupilha, Bento Gonçalves.

A ocupação iniciou-se por volta de 1820, com a chegada de alemães, continuando por todo o século XIX até o início do século XX, com novos fluxos de imigrantes ou de seus descendentes rumo ao interior.

Enquanto os campos foram ocupados pelo gado e as matas pela agricultura, o norte do Paraná foi ocupado pela expansão econômica do estado de São Paulo, principalmente com o café e a colonização planejada pelo governo e por companhias particulares (imigrantes japoneses), no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX.

No oeste de Santa Catarina e sudoeste do Paraná, a principal atividade desenvolvida foi a **exploração madeireira**, para a qual a Floresta dos Pinhais constituiu importante reserva.

Assim, o Sul, tendo sido povoado à custa de correntes imigratórias, que se desenvolvem a partir do seu próprio crescimento vegetativo, pouco ou quase nada contribuiu com saldos demográficos para outras regiões; do mesmo modo, praticamente não se beneficiou de correntes migratórias inter-regionais, como aconteceu com o Sudeste.

Deste modo, de início ocupado por interesses estratégicos, a seguir povoado e estruturado econômica e socialmente segundo processos mais ou menos autônomos em relação ao Brasil tropical, o Sul, à medida que sofre o impacto da convergência industrial, mais e mais se integra na organização do espaço econômico brasileiro e mais intensamente se solda ao bloco metropolitano da economia nacional.

□ A população do Sul

É hoje avaliada em aproximadamente 27,7 milhões de habitantes. Cerca de 14,78% dos brasileiros concentram-se na região, o que é significativo se lembrarmos que, há um século, vivia ali apenas 7% do total do país.

O seu crescimento processou-se com relativa lentidão, salvo a partir de 1950, conforme podemos verificar no quadro mostrado anteriormente.

O aumento verificado nas décadas de 1950 e 1960 deve-se, em grande parte, à migração interna, representada pelo fluxo constante de elementos do Sudeste (principalmente paulistas e mineiros) e do Nordeste (baianos), que se fixaram principalmente no norte do Paraná e oeste de Santa Catarina.

Crescimento da população

Ano	Habitantes
1872	721.337
1890	1 420 715
1900	1 796 495
1920	3 537 167
1940	5 735 305
1950	7 840 870
1960	11 892 107
1980	19 035 500
1991	22 129 377
1996	23 516 700
1998	24 445 950
2000	25 107 606
2009	27 719 118

□ Principais cidades da região Sul do Brasil

- **Rede urbana**

A exemplo do que acontece no Sudeste (92,1%) e Centro-Oeste (87,7%), o Sul é uma das áreas mais urbanizadas do País.

Duas cidades destacam-se de maneira muito particular como **metrópoles nacionais**: Curitiba e Porto Alegre; uma **metrópole regional**: Florianópolis; mas há também muitos outros centros urbanos, cuja importância depende da função que desempenham, como podemos observar no mapa.

Algumas cidades destacam-se como **centros regionais**.

É o caso de

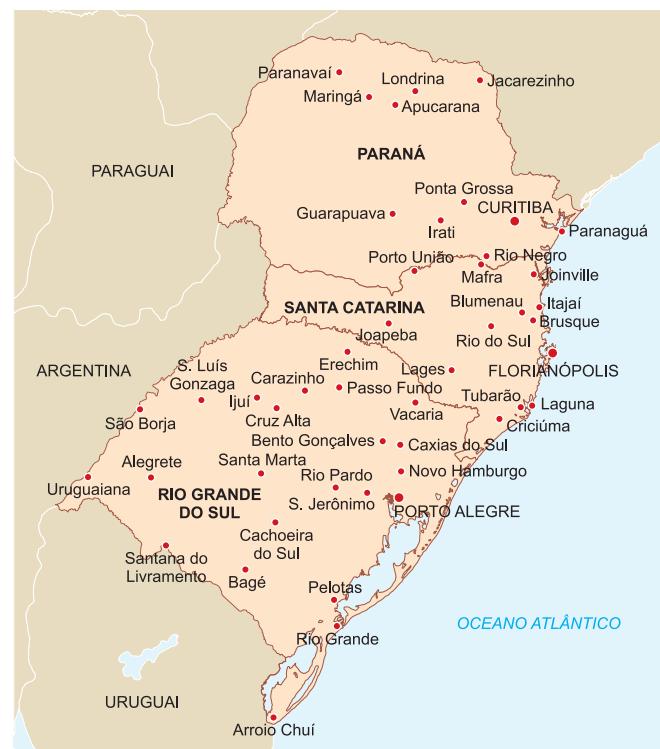
- Ponta Grossa e Londrina, no Paraná;
- Florianópolis, Blumenau, Joinville, Laguna, Lajes e Concórdia, em Santa Catarina;
- Pelotas, Bajé, Santa Maria, Caxias do Sul e Passo Fundo, no Rio Grande do Sul.

Outras destacam-se como centros regionais:

- Maringá e Apucarana, no Paraná;
- Joaçaba e Tubarão, em Santa Catarina;
- Novo Hamburgo e Vacaria, no Rio Grande do Sul.

• População urbana e rural

A Região Sul, no seu conjunto, tem a economia ainda estruturada na agropecuária. Essa predominância do setor primário, bastante dinâmico e em fase de modernização, fornecendo matérias-primas e gêneros alimentícios para as demais regiões do País, especialmente o Sudeste, reflete-se no quadro demográfico regional, no qual os habitantes rurais sobrepujavam os urbanos até 1970. Hoje, a população urbana já predomina no Sul do Brasil.



MÓDULO 15

Região Sul: Aspectos Econômicos

1. ASPECTOS ECONÔMICOS DA REGIÃO SUL

❑ Agricultura

O Sul foi a região que apresentou porcentagem mais elevada de área cultivada no censo de 1970, o mesmo não acontecendo em 1980.

Esse desenvolvimento é explicável apenas pela expansão da **Frente Pioneira Agrícola**, do oeste de Santa Catarina e Paraná, na década de 1960, para o sul de Mato Grosso do Sul, na década de 1970, e atingindo o Mato Grosso e o sul da Amazônia na década de 1980.

❑ Regiões agrícolas

• Norte do Paraná

Região de destaque para a agricultura regional, ressaltando-se o **Vale do Rio Ivaí**, que foi até bem recentemente importante área produtora de café com ocupação baseada no imigrante japonês.

Nesta área alguns fatores eram favoráveis ao desenvolvimento da lavoura cafeeira, como os solos de terra roxa provenientes da decomposição do basalto e a proximidade de centros comercializadores destes bens agrícolas. O Estado do Paraná construiu a "Rodovia do Café", ligando a região ao porto de Paranaguá, além de ter implementado importante

malha ferroviária entre Curitiba e aquele porto, porque, por muitos anos, a produção regional encaminhou-se para São Paulo e escoou pelo porto de Santos, rumo ao exterior.

29,32 milhões

de toneladas é previsão para a produção de grãos da safra de verão deste ano no Paraná.

143 milhões

de toneladas é a projeção para a produção de grãos do Brasil.

20,5%

é o porcentual de participação da safra do Paraná na safra nacional.

21/2/2010.

Fatores de ordem climática, no entanto, foram de maneira geral extremamente desfavoráveis, como as geadas frequentes e fortes que tornaram o risco econômico suficientemente grande para contrapor-se ao alto e especulativo lucro que o produto oferecia. Em julho de 1975 a intensidade das geadas (geada negra) desestimulou muitos produtores locais em relação ao

cultivo do café, que foi substituído pela soja, mais resistente ao clima e às pragas. Atualmente o Vale do Ivaí, no norte do Paraná, vem destacando-se como importante produtor de soja, cujo escoamento continua sendo feito pelo porto de Paranaguá.

• Centro do Rio Grande do Sul

Região do Vale do Jacuí, onde se situa importante produção de arroz de irrigação, de ótima qualidade.

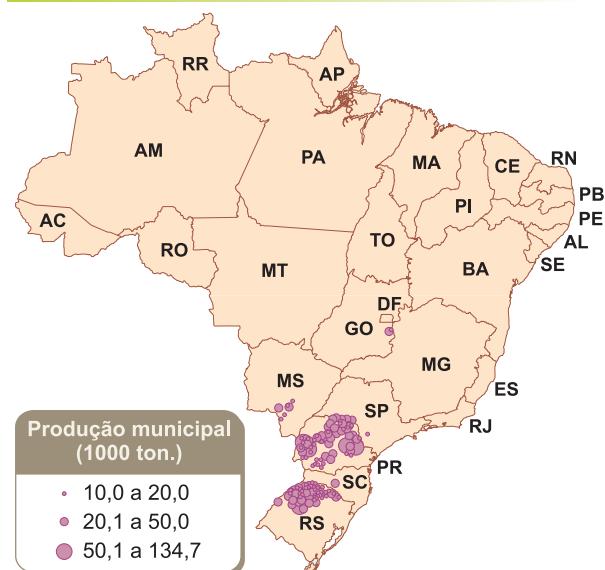
O arroz no Rio Grande do Sul também é cultivado na região lagunar, praticamente em toda a extensão litorânea, sendo também de irrigação, diferentemente do arroz cultivado em Mato Grosso e Goiás, que é normalmente de cultura seca: espigão.

• Vale do Itajaí

Situada a nordeste do Estado de Santa Catarina, é importante área de rizicultura, além do destaque industrial que a região apresenta, basicamente pela existência do imigrante alemão.

Produtos cultivados

TRIGO



• Áreas de cultivo do trigo

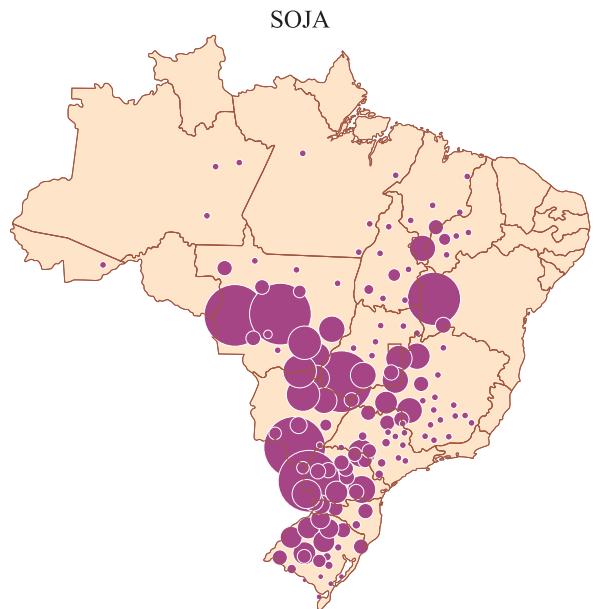
O principal produtor nacional é o Rio Grande do Sul, onde a triticultura se desenvolve extremamente bem, devido ao Clima Subtropical.

É cultivado nas áreas planálticas ao norte e mais ao sul, na chamada Campanha Gaúcha.

Em Santa Catarina é cultivado em quantidade muito menor, em áreas isoladas. No norte do Paraná é cultivado em associação com a soja devido à sua tropicalização.

• Áreas de cultivo da soja

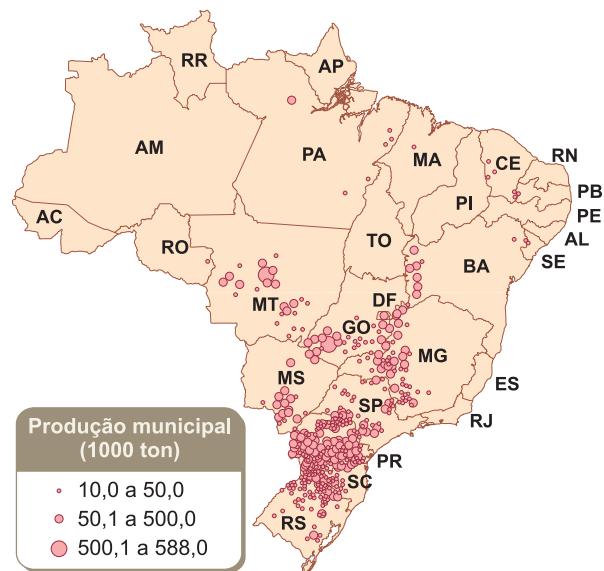
O norte do Paraná vem ocupando importante papel na produção desta leguminosa, em substituição ao café, sendo cultivada também no sudoeste do Estado.



O Rio Grande do Sul é o primeiro produtor nacional, desenvolvendo a cultura basicamente no nordeste do Estado, ou uma associação com o trigo na porção centro-norte.

• Áreas de cultivo do milho

MILHO

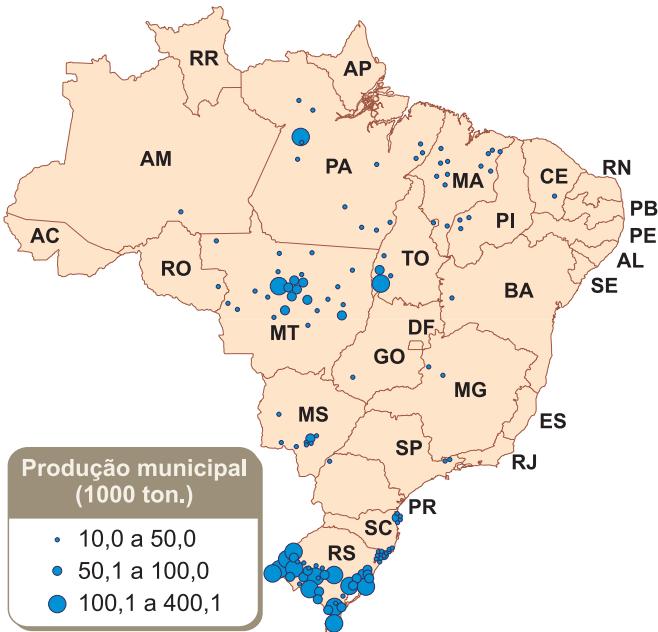


O Paraná é o grande produtor nacional, sendo o milho cultivado no leste e no centro do Estado e ao sul do Vale do Ivaí.

Em Santa Catarina é cultivado em toda a porção oeste e sul do Estado, no limite com o Rio Grande do Sul, onde a cultura se prolonga até o centro do Estado, nas proximidades do Vale do Jacuí. Há também algumas culturas nas porções nordeste e sudoeste do Rio Grande do Sul.

• Áreas de cultivo do arroz

ARROZ



Conforme pode ser observado no mapa, a principal região de rizicultura é a Depressão Central do Rio Grande do Sul, além da área lagunar. A partir de 2004, o Rio Grande do Sul destaca-se como exportador de arroz, principalmente para países africanos (Nigéria, Senegal, África do Sul) para a América Latina e para a Europa.

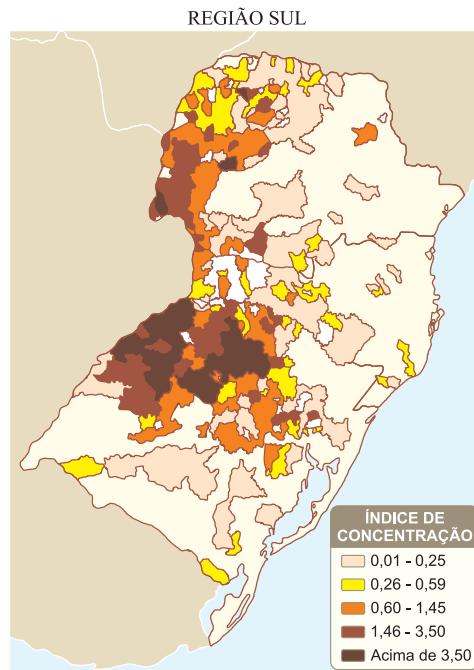
Em Santa Catarina localiza-se no Vale do Itajaí, como já foi mencionado anteriormente, e em pequenas áreas espaçadas.

No Paraná encontra-se em maior quantidade no sul e sudeste, com algumas ocorrências nos vales dos afluentes do Paranapanema: o Ivaí e o Tibagi.

• Policultura

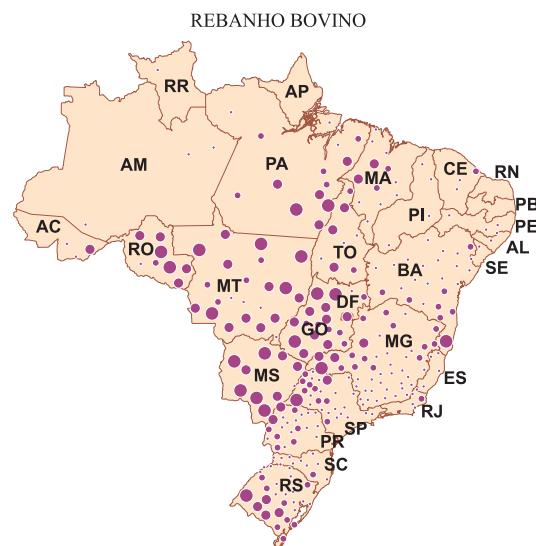
O sul do Brasil caracteriza-se no contexto nacional agrícola não apenas pelos produtos acima, mas também por outros que possuem menor valor de produção, além de serem cultivados em áreas específicas. É o caso da **cebola**, cultivada na região lagunar; da **mandioca**, destinada à fabricação de amido e ração para porcos; da **uva**, cultivada no Vale do Uruguai e norte do Rio Grande do Sul, abastecendo neste Estado importante indústria vinícola, implantada pelo imigrante italiano; da **batata-inglesa**, cultivada no Paraná pelos poloneses; da **batata-doce**, empregada em rações para suínos em Santa Catarina; do **fumo**, cultivado pelos alemães no Rio Grande do Sul; além de outros, como o **centeio**, a **cevada**, a **aveia** e a **mamona**.

CONCENTRAÇÃO DA CULTURA DA SOJA

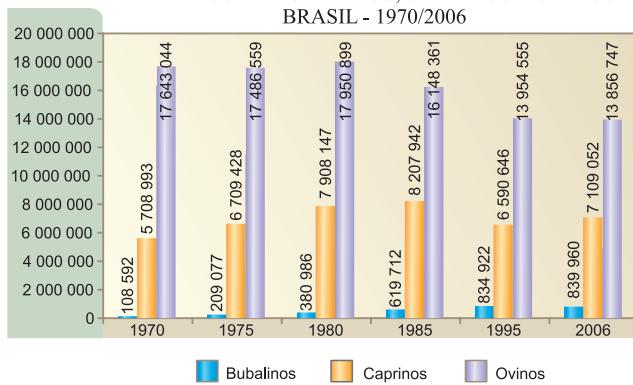


□ Pecuária

A modernização da pecuária do sul do Brasil começou antes do estabelecimento de grandes frigoríficos das companhias Armour, Anglo, Swift e Wilson.



EFETIVOS DE BUBALINOS, CAPRINOS E OVINOS BRASIL - 1970/2006



Esta modernização foi iniciada com a substituição dos velhos estoques de bovinos, introduzidos na campanha pelos jesuítas espanhóis em suas missões.

Essa renovação se fez a partir do século XIX, quando começaram a ser introduzidas raças europeias na Campanha Gaúcha, como Hereford, Devon, Shorthorn, Polled Angus, Charolais e Schwytz.

O Hereford, é também a raça predominante nas principais regiões de pecuária comercial de carne do mundo: Rio da Prata, oeste americano e canadense, Austrália e África do Sul.

É chamado regionalmente de “pampa”, sendo de pelagem castanho-avermelhada, com focinho e patas brancas.

Nos campos do Planalto Meridional, onde os solos são mais pobres e os pastos naturais menos nutritivos que na campanha gaúcha, o gado “pé-duro”, descendente dos cascos de São Vicente e Piratininha, foi gradualmente substituído por mestiços de zebu, no século XX. Nos chamados “campos de cima da serra”, a nordeste do Rio Grande do Sul, situados nos municípios de Vacaria, Lagoa Vermelha e Esmeralda, os fazendeiros fixaram seus plantéis num cruzamento de zebu com as raças Devon, Polled Angus e Charolais.

Hoje em dia a pecuária sulista representa uma parcela da criação nacional.

Atualmente o Sul apresenta o segundo maior rebanho de suínos e o segundo de ovinos do Brasil.

■ Extrativismo

Ao lado das atividades agropecuárias, o Sul do Brasil também se destaca no extrativismo vegetal e mineral, devido a três produtos basicamente: a madeira, a erva-mate e o carvão mineral.

A madeira extraída do pinheiro-do-brasil (*Araucaria angustifolia*) é a que tem maior importância econômica, alimentando as atividades das serrarias localizadas em plena Floresta de Araucária, desde o Paraná até o norte do Rio Grande do Sul, de onde segue já transformada em tábuas, vigas e pranchas para os mercados consumidores da região, de outras áreas do País e ainda para o mercado externo. A devastação dos pinhais representa grave problema: esta riqueza vegetal está condenada a desaparecer, salvo se for adotada uma rigorosa política de reflorestamento.

A erva-mate possui um nome enganador, porque na realidade não é uma espécie vegetal herbácea, mas um arbusto típico da mata dos pinhais, onde aparecem, isoladamente ou constituindo associações, “os ervais”. Com suas folhas, depois de devidamente preparadas, obtém-se uma bebida comparável ao chá asiático: o chimarrão, apreciadíssimo em todo o sul do País e também nos países platinos.

A existência desse mercado de consumo fez com que o arbusto passasse a ser cultivado, particularmente no Rio Grande do Sul, que é hoje o maior produtor brasileiro. Em seguida, estão o Paraná e Santa Catarina, cuja produção conjunta equipara-se, em valor, à produção gaúcha.

Com relação aos recursos minerais, são explorados no Sul:

- **Cobre**, na área de Camaquã e Caçapava do Sul, no Rio Grande do Sul;
- **Chumbo**, em Adrianópolis, no Paraná;
- **Xisto pirobetuminoso**, ocorre na região de São Mateus do Sul e Iraty, Paraná. A exploração atual é inexpressiva;

O CARVÃO MINERAL NO SUL DO PAÍS



- **Carvão mineral**, na verdade, encontram-se no sul as únicas jazidas brasileiras de importância econômica. Santa Catarina ocupa importante papel na produção desse combustível, fornecendo mais de 70% de nosso carvão.

A principal área de ocorrência localiza-se nos vales dos Rios Tubarão, Urussanga e Araranguá.

Os portos escoadores de carvão são Imbituba ou Henrique Lage, que possui ligação ferroviária com a área produtora (E. F. Tereza Cristina), e o porto de Laguna.

O produto é encaminhado para o porto de Angra dos Reis, de onde segue principalmente para a usina siderúrgica de Volta Redonda.

Também o Rio Grande do Sul produz carvão mineral, que é extraído de jazidas localizadas no curso inferior do Rio Jacuí e consumido no próprio Estado.

A produção do vale dos Rios dos Peixes e das Cinzas, no Paraná, é praticamente pouco relevante.

Recentemente, o fim dos subsídios estatais fizeram com que o carvão brasileiro perdesse competitividade no mercado interno, pois apresenta qualidade inferior e custo maior que o carvão importado.

2. INDÚSTRIAS

A expansão do povoamento e das atividades econômicas do sul do Brasil, principalmente a partir do final do século passado, conferiu-lhe a segunda posição no País, quanto ao nível de desenvolvimento. No entanto, no processo atual de industrialização pelo qual passa o país, o Sul enfrenta os problemas decorrentes de uma fraca infraestrutura e de sua indústria baseada, predominantemente, em produtos agropastoris, sentindo a concorrência mais intensa de outras áreas.

Duas grandes linhas de desenvolvimento se esboçam uma, trata de assegurar a posição da região como o “grande celeiro do País” e outra de dotá-la de tradição na produção de determinados artigos industriais, os chamados **setores motrizes**, que garantam o desenvolvimento de uma economia regional.

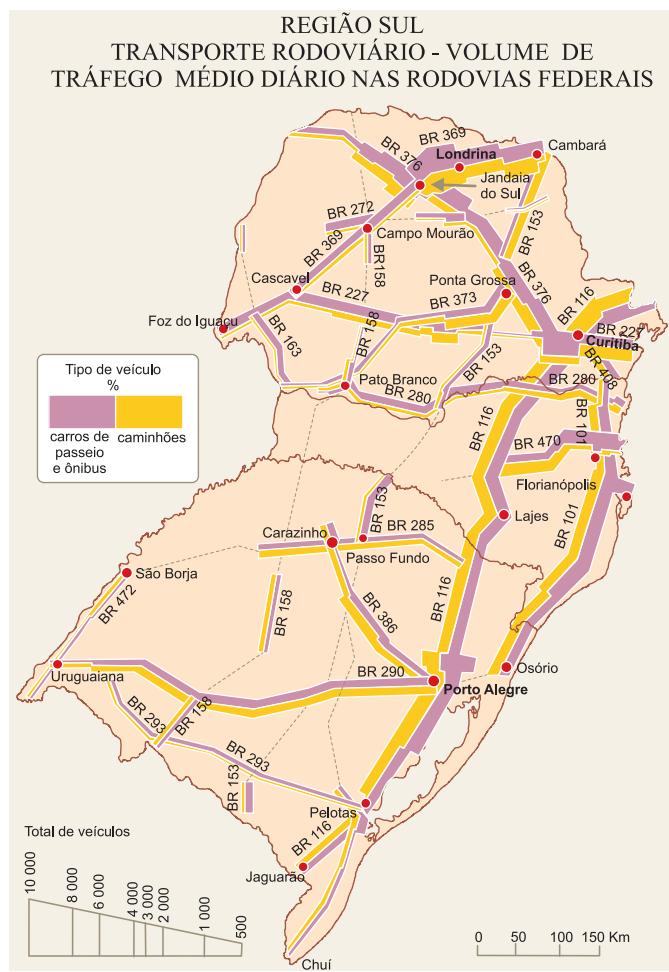
No Paraná, numerosas são as fábricas ligadas ao aproveitamento da madeira (papel, celulose, mobiliário, artigos semimanufaturados), e ao beneficiamento de erva-mate, além de outras. Curitiba, Ponta Grossa, Guarapuava e Londrina são centros industriais de destaque.

Em Santa Catarina, sobressaem notadamente as fábricas de tecidos, louças, produtos metalúrgicos e de origem animal etc., sediadas em Blumenau, Joinville, Brusque, São Bento do Sul e outras cidades.

No Rio Grande do Sul, Porto Alegre é o maior centro industrial, embora muitas outras cidades também se destacam por suas atividades industriais: Caxias do Sul, Novo Hamburgo, São Leopoldo, Santa Maria, Santa Cruz do Sul, Bagé, Pelotas, Rio Grande e Santana do Livramento; centros de produção de carnes e derivados, vinhos, artefatos de couro, artigos metalúrgicos, artefatos de fumo etc.

3. TRANSPORTES

- **Rodovias**



A rede rodoviária é constituída por vias muito extensas, compreendendo 572.913km e servindo uma área muito ampla do sul do Brasil.

As rodovias concentram-se no Paraná (327.412 km), apresentando menor extensão no Rio Grande do Sul (203.401 km) e em Santa Catarina (42.100 km).

Através dessas estradas de rodagem, processa-se a ligação entre áreas não servidas pelas ferrovias, dentro da própria região, com o sudeste do Brasil.

Na cidade de Foz do Iguaçu, a ponte internacional, construída sobre o Rio Paraná, permite contato direto com Assunção, capital do Paraguai.

Em relação à Argentina e ao Uruguai, as ligações são mais fáceis, completando-se tanto através de estradas de rodagem como de ferrovias.

As principais rodovias federais da Região Sul do Brasil são

- BR-116: Fortaleza – Jaguarão (itinerário interior);
- BR-101: Fortaleza – Osório (itinerário litorâneo);
- BR-153: Belém – Aceguá.

- **Hidrovias**

Embora possua vasta área planáltica, o Sul do Brasil utiliza vias fluviais para a circulação de suas riquezas. Existem serviços regulares de navegação nos Rios

Paraná, Itajaí-Açu e Jacuí.

A Lagoa dos Patos destaca-se como via lacustre, permitindo acesso aos portos de Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre.

Entre os portos de maior destaque, pelo aparelhamento que possuem e movimento de navios, estão

PARANAGUÁ
RIO GRANDE
PORTO ALEGRE

Corredores
de
Exportação

Bem menores são os portos de Antoninópolis (Paraná), São Francisco do Sul, Itajaí, Imbituba e Laguna (Santa Catarina) e Pelotas (Rio Grande do Sul).

• Aeroportos

Linhos aéreos regulares nacionais e estrangeiros servem a região, colocando suas maiores cidades em contato com outras áreas do País e com o resto do mundo.

Dos aeroportos regionais, o de Porto Alegre, Salgado Filho, é o de maior importância, pelo número de poucos feitos e de passageiros que o utilizam.

Seguem-se-lhe os de Curitiba, Florianópolis e Londrina. Com a consolidação das relações comerciais entre os países que integram o Mercosul, a rede de transportes da Região Sul deve ser implementada para atender à crescente circulação decorrente de novos fluxos de comércio.

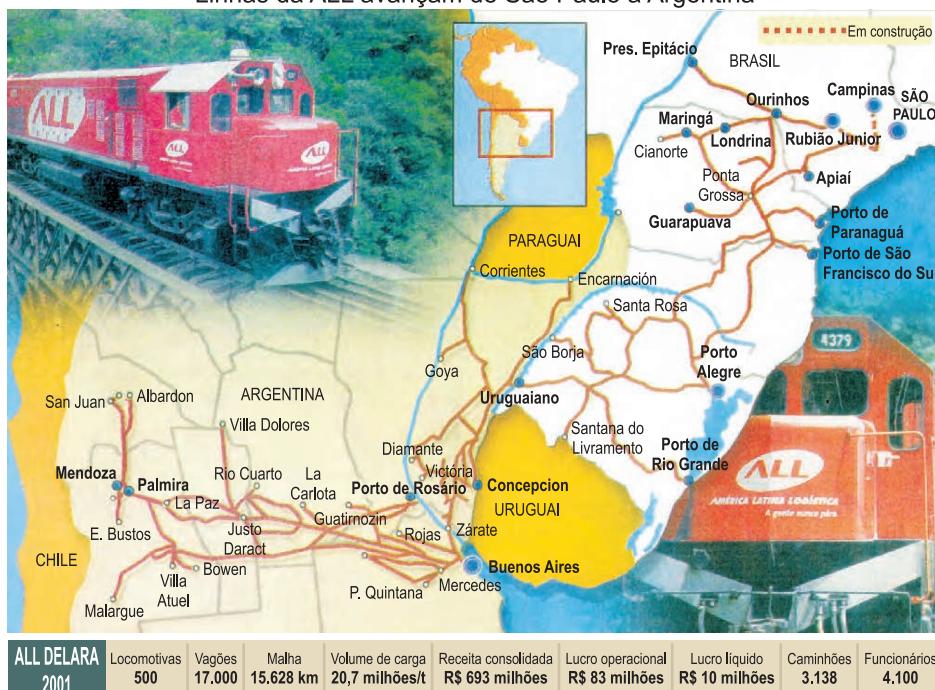
• Ferrovias

Todas as estradas de ferro existentes no sul pertencem à ALL (América Latina Logística) do Brasil S/A, Ferropar (Ferrovia do Paraná) S/A e à FTC (Ferrovia Tereza Cristina) S/A, totalizando 6.946 km.



MALHA SUL

Linhos da ALL avançam de São Paulo à Argentina



O mapa representa a malha Sul interligando os países formadores do Mercosul: Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai.



1. DEFINIÇÕES GERAIS

Amazônia: domínio natural do norte da América do Sul cuja área abrange, além do Brasil, Venezuela, Colômbia, Peru, Equador, Bolívia, Guiana, Suriname e Guiana Francesa.



Amazônia Legal: denominação criada pelo governo do Brasil para efeito de atuação da Sudam extinta em 2001 e recriada em 21/8/2003 (Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia), corresponde à porção brasileira da Amazônia e compreende, além da Região Norte, o oeste do Maranhão e o norte do Mato Grosso.

A **Região Norte** abrange os Estados do Acre, Amazonas, Pará, Roraima, Rondônia, Tocantins e Amapá.

Roraima, Amapá e Tocantins tornaram-se Estados a partir de 1988, quando passou a vigorar a atual Constituição. Roraima e Amapá transformaram-se em Estados, a partir de territórios federais já existentes e definidos, e Tocantins a partir do desmembramento do norte do Estado de Goiás, incorporado à Região Norte, devido às suas características geoeconômicas e censitárias mais compatíveis com essa região e diferentes dos demais Estados do Centro-Oeste.

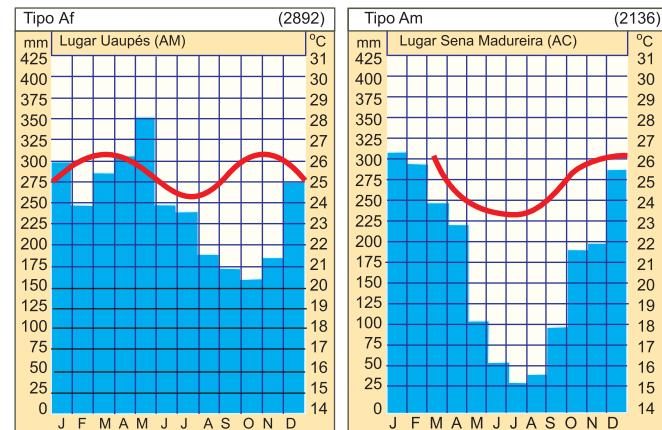


2. QUADRO FÍSICO

Relevo

Constituída de terrenos sedimentares terciários e quaternários encaixados entre formações cristalinas arqueozoicas, no relevo amazônico predominam formações deprimidas, das quais se destacam as Depressões Marginais do norte, do sul e da Amazônia Ocidental. Ao norte, encontramos as formações erodidas dos Planaltos Residuais Norte-Amazônicos. Neles encontramos os pontos culminantes do Brasil: o Pico da Neblina, com 3.014 m, e o Pico 31 de Março, com 2.992 m. Ao sul, temos as formações intensamente fragmentadas das chapadas do Brasil Central.

Clima



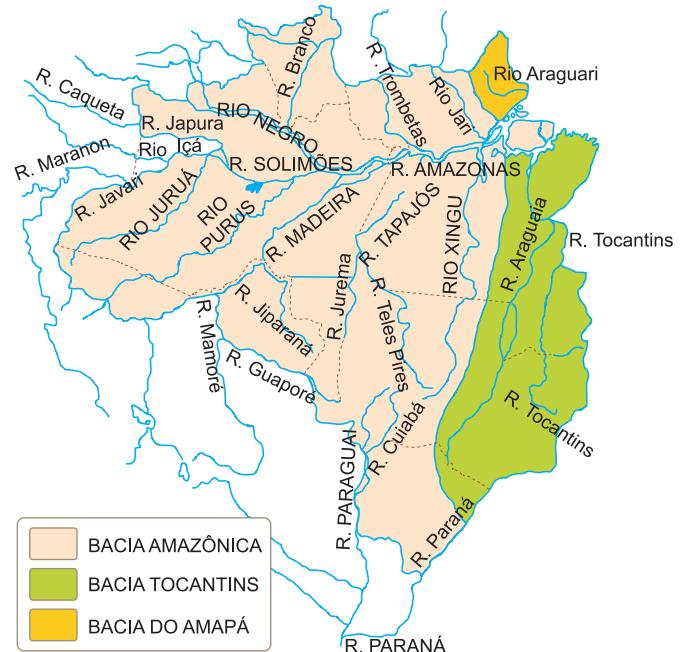
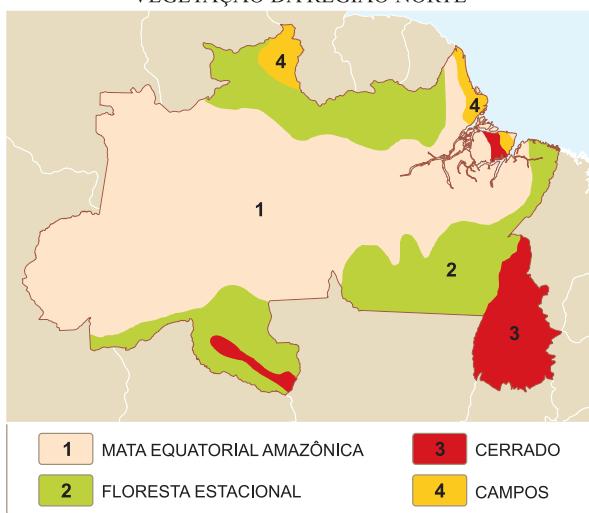
Devido à posição geográfica que ocupa junto à linha do Equador, a Amazônia apresenta clima quente com temperaturas médias elevadas e constantes (baixa amplitude térmica), em torno de 26°C, e elevados índices pluviométricos. De uma maneira geral chove na Amazônia o ano todo, com pequeno período de seca na primavera. Os índices pluviométricos – nas áreas de clima equatorial – giram em torno de 2.000 mm anuais, podendo haver áreas onde se alcançam 4.000 mm como é o caso da fronteira do Amazonas com a Colômbia, os litorais do Pará e Amapá e o sul do Amazonas e Pará. A nordeste de Roraima, tem-se clima tropical (Hemisfério Norte).

Vegetação

Quase todo o território (90%) é dominado pela Floresta Equatorial Amazônica. Essa floresta higrófila, latifoliada, densa, perene e heterogênea vem sendo atacada pelo processo de ocupação, que destrói a floresta para o avanço das frentes agrícolas pioneiras, a extração de madeira, e a criação de gado, principalmente em áreas periféricas. Na periferia da Floresta Equatorial, encontramos formações complexas, como os

complexos de Roraima, do Cachimbo e do Xingu, relacionados com a pobreza dos solos, os campos de Marajó e os cerrados que surgem em manchas, em Tocantins e Rondônia.

VEGETAÇÃO DA REGIÃO NORTE



■ Hidrografia

A região apresenta duas bacias de destaque:

I. **Amazônica** – é a maior bacia hidrográfica do mundo e serve de eixo de comunicação, fornece alimentos, devido ao seu elevado potencial pesqueiro e possibilita a produção de energia. O Rio Amazonas é o maior rio do mundo e seu volume gigantesco deve-se ao fato de possuir dois períodos de cheias (regime complexo). A construção de usinas pode causar sérios acidentes ecológicos (como no caso da Usina de Belbina, no Rio Uatumã).

II. **Tocantins-Araguaia** – tem suas nascentes em Goiás e estende-se em direção à Ilha de Marajó. No Rio Tocantins, destaca-se a hidroelétrica de Tucuruí e, no Rio Araguaia, a Ilha do Bananal, considerada a maior ilha fluvial do mundo (20.000 km^2).

A Bacia do Amapá é uma bacia secundária onde se destacam os Rios Oiapoque e Araguaia, de aproveitamento restrito.



Seringueiro é personagem característico do meio amazônico.

3. QUADRO HUMANO

Apesar de ser a maior região geoeconômica brasileira em extensão, a Região Norte apresenta uma população absoluta menor que a do Estado de São Paulo. Com um total de aproximadamente 15.327.000 habitantes, segundo estimativa de 2009, sua densidade demográfica, equivalente a $3,34 \text{ hab./km}^2$, é extremamente baixa, o que confere à região uma característica de vazio demográfico.

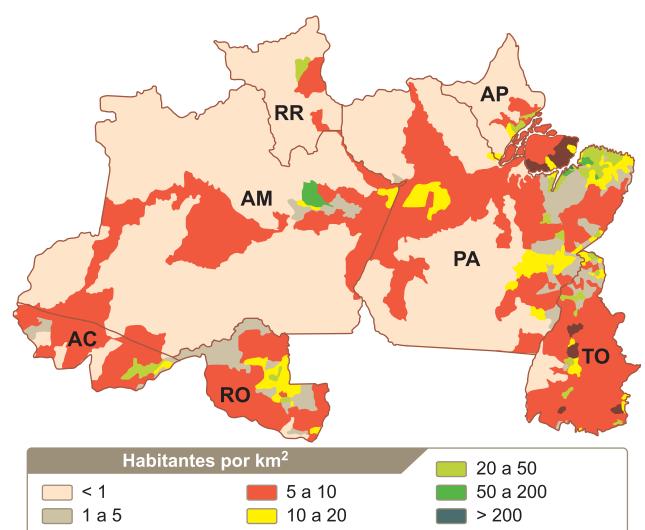
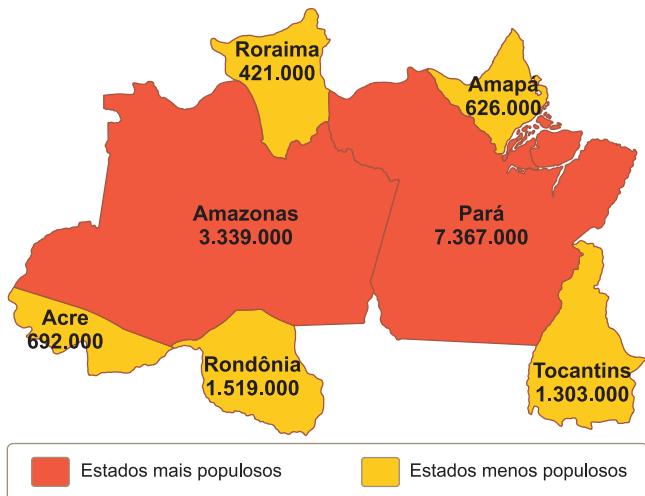
A exiguidade de elementos humanos na região reflete, em parte, o grau de dificuldade que o quadro natural impõe ao desenvolvimento de atividades econômicas e à própria ocupação. Sua formação é, portanto, mal distribuída.

O aspecto imponente da floresta, associado ao interesse pela lavoura comercial, incompatível naturalmente com a região, fez com que a porção brasileira da Amazônia ficasse num plano secundário no que se refere ao desenvolvimento de nossa economia, desde os primórdios da colonização.

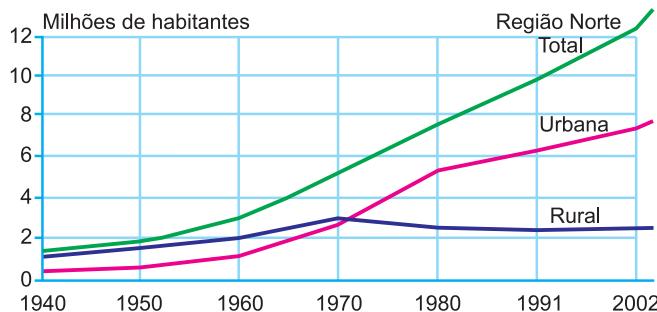
■ A urbanização na Amazônia

Ao contrário do que se imagina, a Amazônia apresenta predomínio de população urbana. Podemos destacar na região duas metrópoles: **Belém**, cuja área de influência é a mais vasta dentre todas as metrópoles brasileiras, e **Manaus**, metrópole regional incompleta, que surgiu e se desenvolveu em função da instalação da Zona Franca, com a criação da **SUFRAMA**.

	1950	1960	1970	1980	1991	2000
Região Norte	1.844.655	2.561.782	3.603.860	5.880.268	10.030.556	12.900.704
Rondônia	36.935	69.792	111.064	491.069	1.132.692	1.379.787
Acre	11.755	158.184	215.299	301.303	417.718	557.526
Amazonas	514.099	70.859	955.235	1.430.089	2.103.243	2.812.557
Roraima	181.116	28.304	40.885	79.159	217.583	324.397
Pará	1.123.273	1.529.293	2.167.018	3.043.391	4.950.060	6.192.307
Amapá	37.477	67.750	114.359	175.257	289.397	477.032
Tocantins	—	—	—	—	919.863	1.157.098



DEMOGRAFIA DESENVOLVIMENTO E DISTRIBUIÇÃO



A rede urbana da Região Norte apresenta falhas, em virtude dos diferentes graus de hierarquização entre suas cidades.

Etnicamente predominam os pardos, perfazendo mais de 70% de seu efetivo populacional.

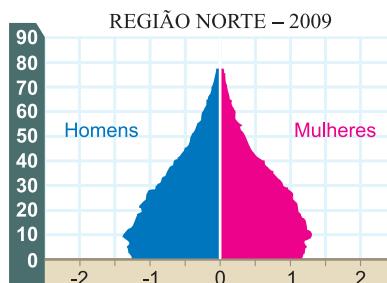
Seus ativos estão concentrados predominantemente no setor terciário da economia, hipertrofiado a exemplo do que ocorre no restante do País.

Devido à redução no crescimento vegetativo regional, houve uma redução no percentual de jovens e, consequentemente, um estreitamento na base de sua pirâmide etária.

■ A ocupação da Amazônia

Por questões estratégicas, os portugueses fundaram o Forte do Presépio, que daria origem à cidade de Belém, em 1616, visando fazer frente aos interesses ingleses e holandeses que já haviam tentado, sem sucesso, estabelecer-se na região.

O desenvolvimento da agricultura colonial na região foi impossibilitado pelo quadro natural, pois uma empreitada de tal natureza exigiria muitos recursos e, principalmente, o elemento humano indispensável nas áreas canavieiras.



Acompanhando o leito dos inúmeros rios da região, a ocupação desenvolvia-se, embora de forma lenta, tendo como base econômica a coleta de recursos vegetais, a caça, a pesca e a tartaruga (cujos ovos forneciam óleo para iluminação e alimentação).

No século XIX, a ocupação da Amazônia ganhou um novo impulso. Atraído pela borracha, um grande contingente de imigrantes, em especial do Nordeste, chegou à região. O ciclo da borracha proporcionou uma

ocupação efêmera do território amazônico. No auge de seu desenvolvimento, a população da região chegou a contar com 1 milhão de pessoas.

Podemos destacar também outros acontecimentos que contribuíram para a ocupação da região. São eles:

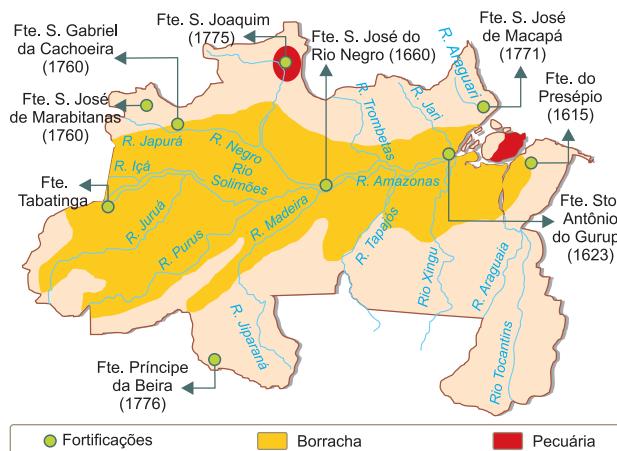
- construção da E.F. Madeira-Mamoré (1912), que fez surgir a cidade de Porto Velho, atual capital de Rondônia;
- plantações de seringueiras no baixo curso do Rio Tapajós, pela Companhia Ford (1928-34) (Belterra e Fordlândia);
- imigrações japonesas (1929-34) para o vale médio do Amazonas.

Como podemos notar, a ocupação da Amazônia teve vários surtos nas primeiras décadas do século XX, mas a incorporação efetiva, que tem base no grande capital estrangeiro, só ocorreu a partir da década de 50.

Em 1953, Getúlio Vargas criou a **SPVEA** (Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia), substituída no regime militar pela **SUDAM** (Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia), em 1966, extinta em 2001 e recriada em 2003.

Esses órgãos, que serviram antes de mais nada ao levantamento parcial das potencialidades da região, não tiveram a importância do **PIN** (Plano de Integração Nacional), criado na década de 1970. Por meio dele abriram-se inúmeras rodovias que possibilitaram a exploração da região, com a implantação de grandes projetos.

Ocupação da Amazônia

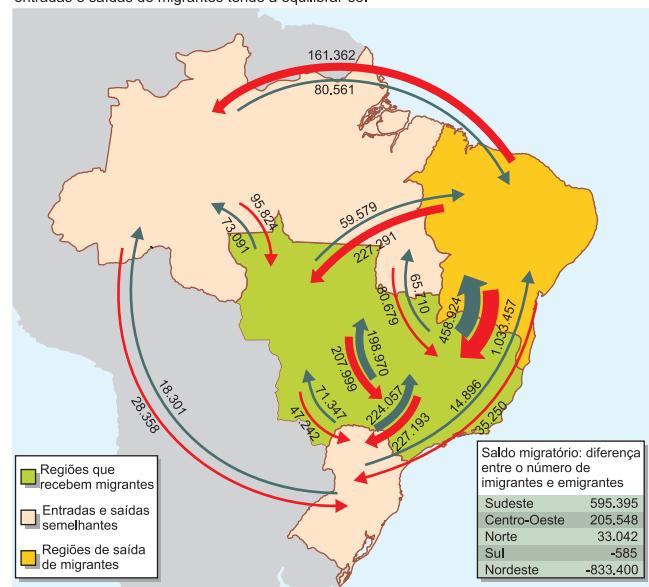


É importante destacar que, além dos projetos como Jari, Grande Carajás, Trombetas etc., a criação da **SUFRAMA** (Zona Franca de Manaus), das frentes pioneiros no sul do Pará e Rondônia e o surgimento de núcleos de mineração contribuíram de forma decisiva na ocupação, embora restrita, da região.

Observa-se no mapa a seguir que a Amazônia, em especial sua porção ocidental, é área de atração de migrantes, principalmente nordestinos e sulistas, atraídos pelas frentes de colonização.

MIGRAÇÕES ENTRE AS GRANDES REGIÕES – 1995/2000

Em 2000, 3.420.118 pessoas residem em uma região diferente daquela em que viviam em 1995. Cresce o fluxo entre Nordeste e Sudeste, e vice-versa. Já nas regiões Sul e Norte, o número de entradas e saídas de migrantes tende a equilibrar-se.



Os índios na Amazônia

Precisar a população indígena do Brasil, na época de seu descobrimento, é praticamente impossível. Alguns autores trabalham com números que ficam entre 3 e 7 milhões de habitantes, embora seja possível encontrar cifras mais dilatadas.

O remanescente desta população é de aproximadamente 220 mil índios, dentre os quais mais da metade vive na Amazônia.

A expansão colonial que se fez à custa do extermínio dos nativos se processa hoje, praticamente, com a mesma agressividade, em moldes modernos, na Amazônia.



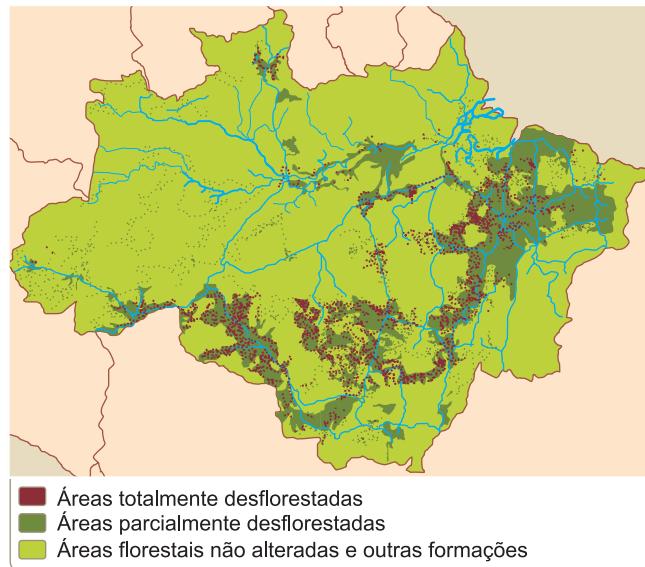
Uma pequena parcela dos índios brasileiros ainda consegue manter suas características culturais.

O branco que vê as terras indígenas como improdutivas, dentro da óptica do capitalismo mais agressivo, considera sua ação legítima, pois argumenta ser um agente de desenvolvimento, ou mesmo ser alguém garantindo sua subsistência.

Na década de 1990 tivemos notícia de dois fatos de importância para a causa indígena. Primeiro, foi a reunião, em Alta Floresta, dos "povos" da floresta com autoridades governamentais, representantes de empresas e grupos que atuam na Amazônia. Segundo, foi a

ação determinada da Polícia Federal na retirada de garimpeiros da reserva Yanomami em Roraima, que contava mais de 10 mil elementos e hoje, devido à ação degradante dos “civilizados”, encontra-se substancialmente reduzida a algumas centenas, em função da fome e das doenças.

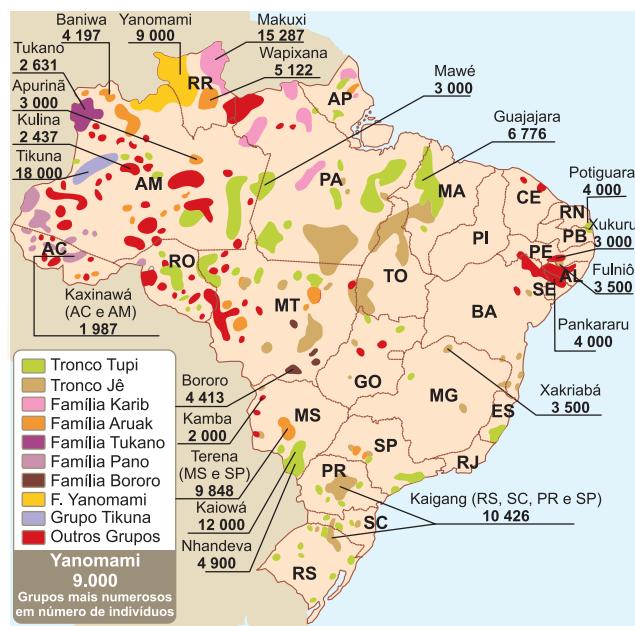
ARCO DE DESMATAMENTO



Estes fatos não tiveram os resultados necessários à solução da questão indígena, mas abriram precedentes que, junto com a ação do governo e da sociedade, podem somar-se ao grande esforço necessário para o término do sofrimento pelo qual passa essa minoria — os antigos donos da terra.

Essa postura negligente do Brasil em relação aos indígenas gera protestos internacionais e acusações de órgãos de direitos humanos internacionais.

POVOS INDÍGENAS DO BRASIL ATUAL



4. QUADRO ECONÔMICO

A Região Norte possui uma economia atrasada, no entanto, é difícil compreender o atraso econômico da região por ele mesmo. Desigualdades de desenvolvimento ocorrem em todas as partes do globo e têm como causas fatores históricos, econômicos, políticos e naturais. Esses últimos tornam praticamente impossível, ou inviabilizam seriamente a ocupação regional, além disso, podemos dizer que a Região Norte, dentro do contexto econômico nacional, é uma região com grande potencial, e que seu atraso se deve à necessidade de outras regiões, em especial a Sudeste, de consumir suas matérias-primas. Isso dentro do complexo econômico brasileiro, porém é conveniente lembrar que o Brasil, País da periferia do mundo capitalista, também supre mercados com gêneros básicos.

Em linhas gerais, o arquétipo primário-exportador da economia amazônica, que recebe constantes incentivos para sua continuidade, deve ser visto como uma nova face das modernas relações capitalistas, imposto pelas regiões mais desenvolvidas àquelas mais atrasadas, seja em âmbito nacional, seja em escala global.

■ Agricultura



Apesar de contrariar a natureza da região, solos pobres, densas florestas, clima relativamente hostil, as atividades agrícolas na Região Norte vêm expandindo-se. Pode-se, no entanto, observar um crescimento maior daquelas culturas ligadas aos mercados extrarregionais, enquanto as lavouras alimentares mantêm-se estagnadas.

• Agricultura de subsistência

As principais culturas de subsistência da Amazônia são a mandioca, o arroz de várzea, o feijão e o milho.

A mandioca é a base da alimentação da população local; seu plantio é disseminado por toda a região. O maior produtor é o Pará.

Embora com a produção bem inferior à da mandioca, o arroz de várzea, desenvolvido em pequenas roças em alagadiços, e o feijão, cultivado principalmente em Rondônia e Tocantins, são produtos de expressão para a subsistência da população local.

O milho destaca-se principalmente como cultura de subsistência das áreas de colonização recente.

• Agricultura comercial

Na agricultura especulativa da Região Norte, destacam-se o arroz, desenvolvido no médio Amazonas, no Rio Jari e no Vale do Rio Tocantins; a juta, no vale médio do Rio Amazonas; a pimenta-do-reino, na região Bragantina; além da produção de café e cacau, impulsionada pela colonização recente de Rondônia, ao longo da Rodovia Marechal Rondon, BR-364.

■ Pecuária

Desenvolvida desde o período colonial na região, a pecuária só conheceu um grande impulso a partir do final da década de 1960, com incentivos dados pela **SUDAM**.

O grande destaque da região são os bovinos.

As áreas de criação extensiva espalham-se pela região, aproveitando-se da ocorrência de significativas extensões de vegetação de campos. Podemos destacar áreas criadoras ao longo de importantes rodovias regionais, como a Belém–Brasília, no Pará (Paragominas) e em Tocantins, sul do Pará e Amazonas, e noroeste de Roraima.

Convém lembrar que as áreas de criação extensiva ocupam importantes extensões de pastos artificiais obtidos com a remoção da floresta, por meio de queimadas.

O gado bufalino (búfalos) predomina na Ilha de Marajó, pois se adapta às condições rudes dos campos alagados.

Há também na região, a pecuária intensiva leiteira, sobressaindo-se a região Bragantina (Belém) e proximidades de Manaus. Em 2010, a região Norte registrou o 2º maior rebanho bovino do Brasil.

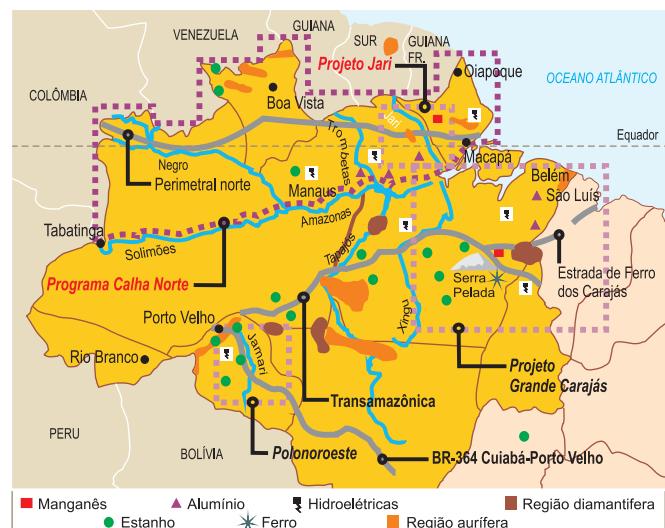
■ Extrativismo vegetal

A mais antiga atividade econômica da região, a coleta de recursos vegetais, simboliza a precariedade da economia local.

São inúmeros os produtos obtidos nesta atividade, com destaque para a borracha, explorada, principalmente, no alto curso dos Rios Juruá, Purus e Madeira, na Amazônia Ocidental; a castanha-do-pará, obtida em áreas próximas ao Vale do Rio Amazonas e do Rio Tocantins, embora explorada também junto aos Rios Madeira e Negro; e as ervas medicinais, cuja exploração é bastante dispersa e irregular.

A madeira, também explorada na região, apresenta um manuseio mais complexo. Extraída por grandes empresas, esta atividade, muitas vezes, precede a agropecuária e desenvolve-se sem controle, gerando grandes danos ao meio ambiente, por toda a biodiversidade da Amazônia.

■ Extrativismo mineral



A expansão desta atividade na década de 70 em território amazônico é causa de uma grande polêmica, não só por provocar o desequilíbrio ecológico, mas também por desenvolver-se sob condições desfavoráveis ao patrimônio da nação.

Os maiores expoentes desta atividade e suas principais áreas de ocorrência são:

Ferro: Serra dos Carajás, PA (maior jazida mundial); Vale do Rio Jatapu, no Amazonas (próximo a Manaus).

Estanho: Rondônia, porções norte e sul do Estado e Amazonas.

Ouro: Serra Pelada, PA; Vale do Rio Madeira, RO; Vale do Rio Branco, RR; e do Rio Araguaia, TO.

Caulim: Rio Jari, AP; São Domingos do Capim, PA.

Sal-gema: disperso em grandes bacias sedimentares, principalmente no Amazonas e Pará (trilhões de toneladas).

Quartzo: Cristalândia, Araguaína e Araguacema, em Tocantins.

Gás natural: embora trate-se de combustível de origem orgânica, destaca-se com jazidas na Ilha de Marajó, no Pará, e Vale do Rio Juruá (urucum), no Amazonas.

Petróleo: Vale do Rio Juruá (Amazonas) e Golfão Amazônico, no Pará.

■ Indústria

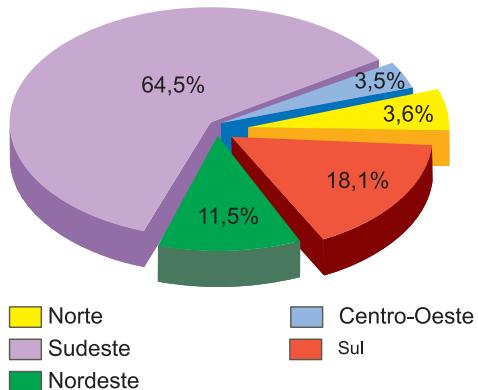
A indústria da Região Norte mostra-se, ainda, incipiente. Observa-se o predomínio de têxteis, alimentícias e de beneficiamento de matérias-primas locais, como as madeireiras.

Além dos núcleos industriais ligados às grandes empresas de mineração e de extração de madeira, pode-se salientar o desenvolvimento industrial, estimulado pela **SUFRAMA**, em Manaus.

Criada com o objetivo de promover o desenvolvimento da região, a Zona Franca de Manaus encerra em seu

parque industrial os seguintes setores: eletroeletrônicos, refino de petróleo, madeiras, têxteis, mecânica, bebidas, aparelhos de precisão etc.

VALOR DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR REGIÕES



□ Transportes

Devido ao curso plano da maioria de seus rios, o transporte predominante na Amazônia é o hidroviário. Destacam-se os portos de Belém, Manaus, Óbidos, Porto Velho e Santarém. A **ENASA** é uma das principais empresas que operam na região, recentemente privatizada.

O transporte ferroviário é insignificante, com menos de 400 km em toda a região. Destaque para a ferrovia Carajás–Itaqui, que escoa o minério de ferro do Projeto Carajás, e a polêmica ferrovia Norte–Sul, que servirá para dinamizar a economia do Tocantins e da Amazônia Oriental. Suas obras, no entanto, estão paralisadas.

DISTRIBUIÇÃO DAS FERROVIAS NO BRASIL

Região	Porcentagem %
Sudeste	46
Nordeste	22
Sul	24
Centro-Oeste	7
Norte	1

O sistema rodoviário, que recebeu prioridade a partir de 1964, ainda é rarefeito. No entanto, em algumas regiões, essas rodovias exerceram e ainda exercem o papel de verdadeiros eixos de colonização. Destacam-se, entre as rodovias federais:

Radiais: { BR 010 Brasília – Belém (PA)
BR 080 Brasília – Manaus (AM)

Longitudinais: { BR 156 Macapá (AP) – Oiapoque (PA)
BR 163 Cuiabá (MT) – Santarém (PA)
BR 172 Canumã (AM) – Vilhena (RO)
BR 174 Manaus (AM) – Sta. Helena (RR)

Transversais: { BR 210 Perimetral Norte
Macapá (AP) – Cruzeiro do Sul (AC)
BR 230 Transamazônica
Recife (PE) e J. Pessoa (PB) – Taumaturgo (AC)
BR 236 Abunã (RO) – Vila Japim (PE)

Diagonais: { BR 307 Benjamin Constant (AM) – Taumaturgo (AC)
BR 316 Belém (PA) – Maceió (AL)
BR 319 Porto Velho (RO) – Manaus (AM)
BR 364 Porto Velho (RO) – Cuiabá (MT)

5. PRINCIPAIS PROJETOS

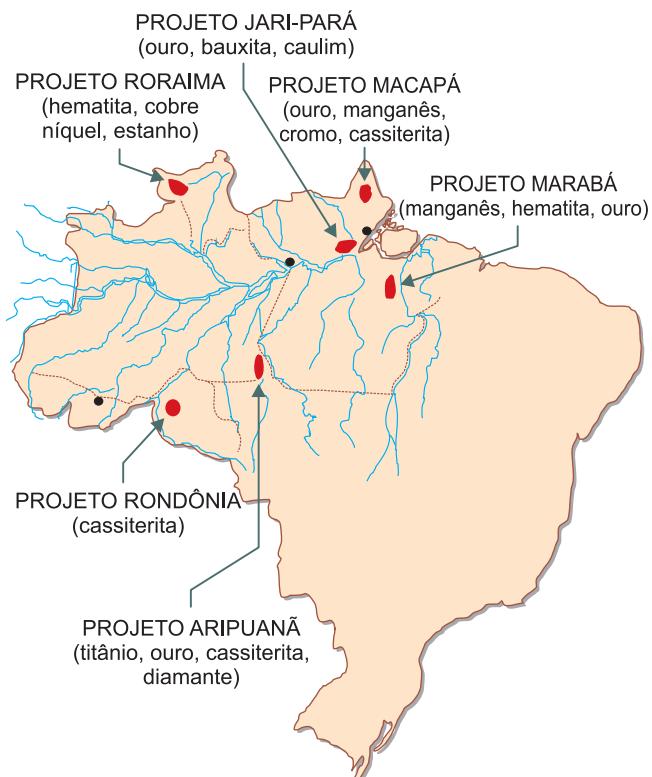
□ SUDAM – Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia

Criada em 1966 em substituição à SPVEA – Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia, de 1953, a Sudam tinha por objetivo planejar, coordenar, controlar e executar planos federais para a região amazônica. Competia à Sudam a criação da infraestrutura (transportes, energia etc.) necessária à dinamização econômica da região. Extinta em maio de 2001 pelo governo federal, a Sudam foi recriada em 21 de agosto de 2003 com o nome de ADA (Agência de Desenvolvimento da Amazônia).

□ PIN – Programa de Integração Nacional

Criado em 1970, o PIN tinha a função de dotar alguns municípios cortados pela Transamazônica de infraestrutura necessária à expansão econômica regional. As principais cidades englobadas por este programa são: Marabá, Altamira, Itaituba e Santarém, no Pará, e Humaitá, no Amazonas.

Devido à falta de capital, principalmente, seu objetivo não foi atingido, e este programa possibilitou, com a abertura de estradas, a ocupação descontrolada do território amazônico.



■ SUFRAMA – Superintendência da Zona Franca de Manaus

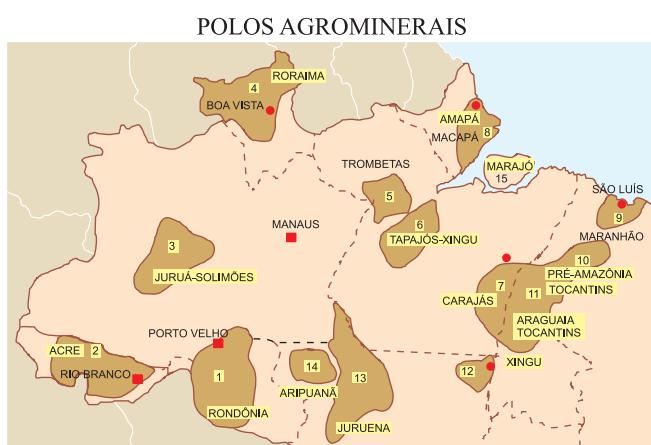
Criado em 1968, este órgão tem sua área limitada à região de Manaus. Estimula, com a isenção de impostos e financiamentos, o desenvolvimento de atividades econômicas na região, principalmente os setores industriais eletroeletrônicos, celulares, naval, motos e bicicletas.

A Zona Franca de Manaus é uma das poucas regiões ou projetos que não sofreram cortes de subsídios determinados recentemente pelo governo, pois esses cortes poderiam significar a retirada dos investimentos externos na região.



■ POLAMAZÔNIA – Programa de Polos Agrominerais da Amazônia

Este programa tem como função promover o aproveitamento integrado das potencialidades agropecuárias, agroindustriais, florestais e minerais, em áreas como: Carajás, Trombetas, Pré-Amazônia, Amazônia, Acre, Juruá, Solimões, Roraima, Amapá, Marajó e Médio Amazonas.



■ RADAM – Radar da Amazônia

Criado em 1969, este projeto tinha por objetivo efetuar o levantamento da cartografia, solos, subsolo, vegetação e hidrografia da Amazônia. Seu sucesso determinou o seu emprego no mapeamento, através de radar, de todo o território nacional.

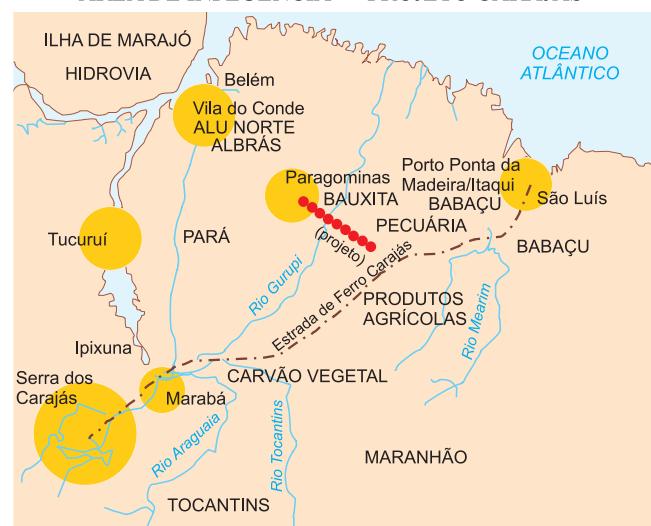
6. OS GRANDES PROJETOS

■ Projeto Grande Carajás

Atua sobre a província mineral de Carajás, no sudeste do Pará. É uma anomalia geoecológica, com paralelos apenas nos Montes Urais, na Rússia, e nos Montes Drakensberg, na República Sul-Africana.

Esse projeto visa, especificamente explorar o jazimento de ferro da província. O Projeto Carajás desenvolveu-se com maciços investimentos externos, principalmente do Japão, e dele fazem parte a E.F. Carajás, a hidroelétrica de Tucurú e o Porto de Itaqui, no Maranhão.

ÁREA DE INFLUÊNCIA – PROJETO CARAJÁS



❑ Projeto Jari

Adquirido em 1981 por empresários brasileiros, ocupa uma extensão de aproximadamente 3 milhões de hectares, tendo como eixo o Rio Jari e abrangendo terras dos municípios de Mazagão (AP) e Almerim (PA). Dedicase a vários tipos de produção: fábrica de celulose, usina flutuante geradora de energia, plantações mecanizadas de arroz, extração de caulim, criação de gado bovino, uma pequena ferrovia, um mineroduto, rodovias e o Porto de Munguba.



Seus objetivos não foram plenamente atingidos, apresentando expressão meramente regional.

❑ Projeto Trombetas

Destina-se à produção de alumínio, instalada na Vila do Conde, município de Barcarena, proximidade de Belém, distante 300 km de Tucuruí.

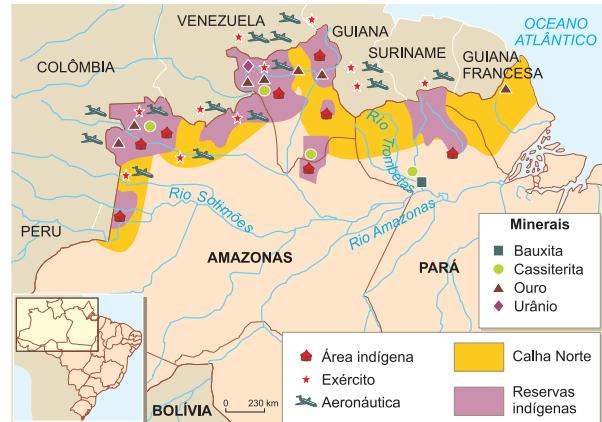
O projeto **Alunorte**, integrante do Complexo **Albrás**, compreende a instalação de uma fábrica de alumina, que fornece matéria-prima para a produção de alumínio da Albrás. A Alunorte utiliza a bauxita originária da mineração do Rio do Norte, instalada no Rio Trombetas, Pará (Oriximiná).

❑ Projeto Calha Norte

Este projeto usa a ocupação e a incorporação

econômica da fronteira noroeste do Brasil, envolvendo as forças armadas, o Governo Federal, Estados e municípios e a sociedade civil.

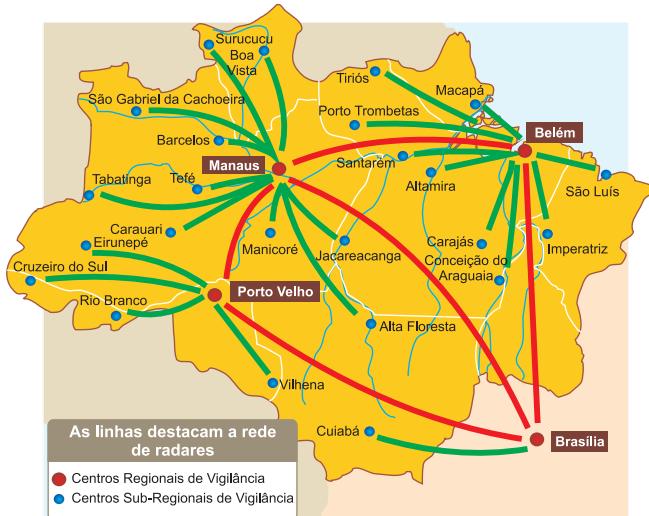
O PROJETO CALHA NORTE



❑ Projeto Sivam - Sistema de Vigilância da Amazônia

Projeto que usa a implantação de centros de vigilância na Amazônia, para melhor controle das fronteiras e combate ao narcotráfico.

PROJETO SIVAM



MÓDULO 18

Região Nordeste: Zona da Mata e Agreste

1. ASPECTOS GERAIS

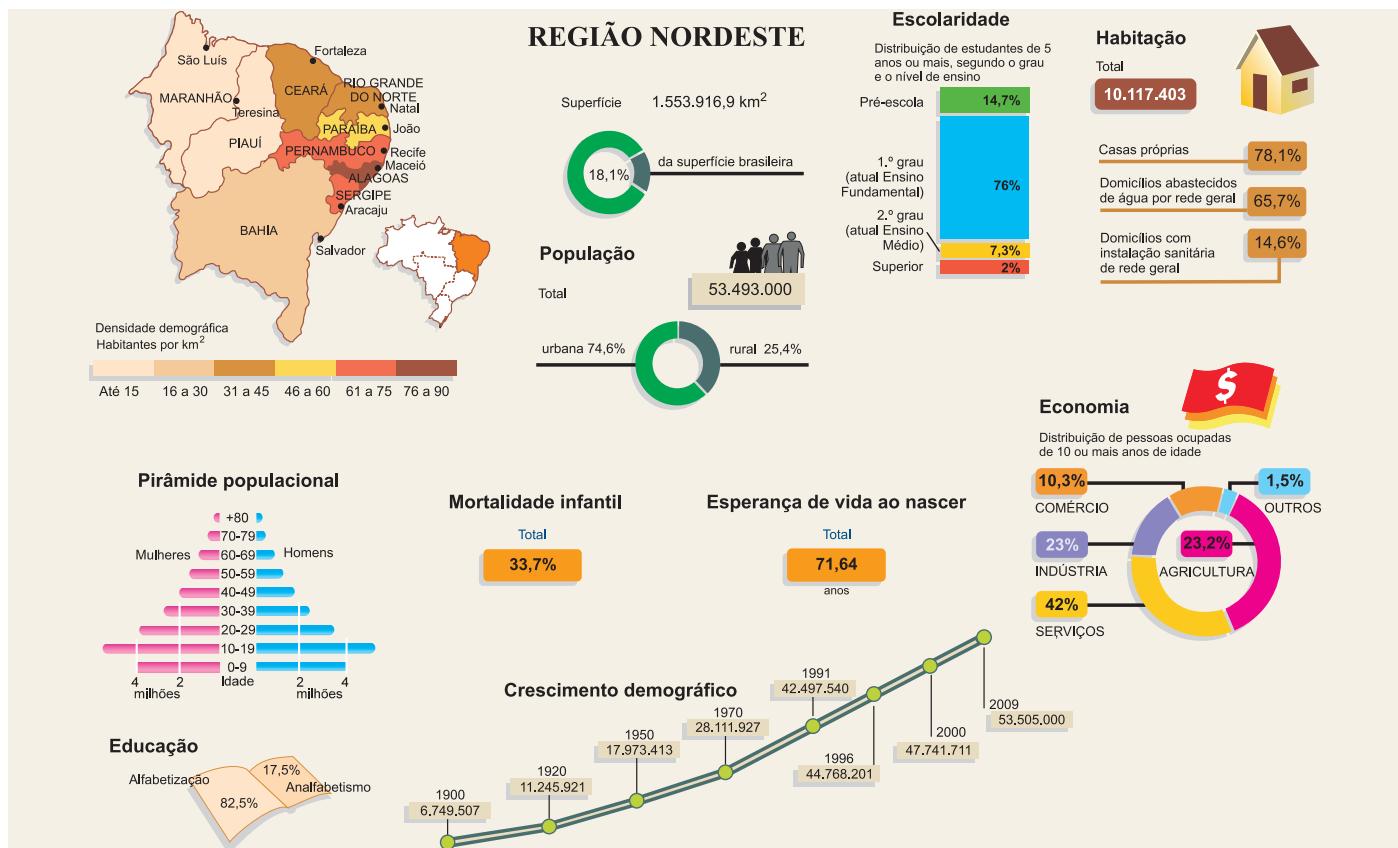
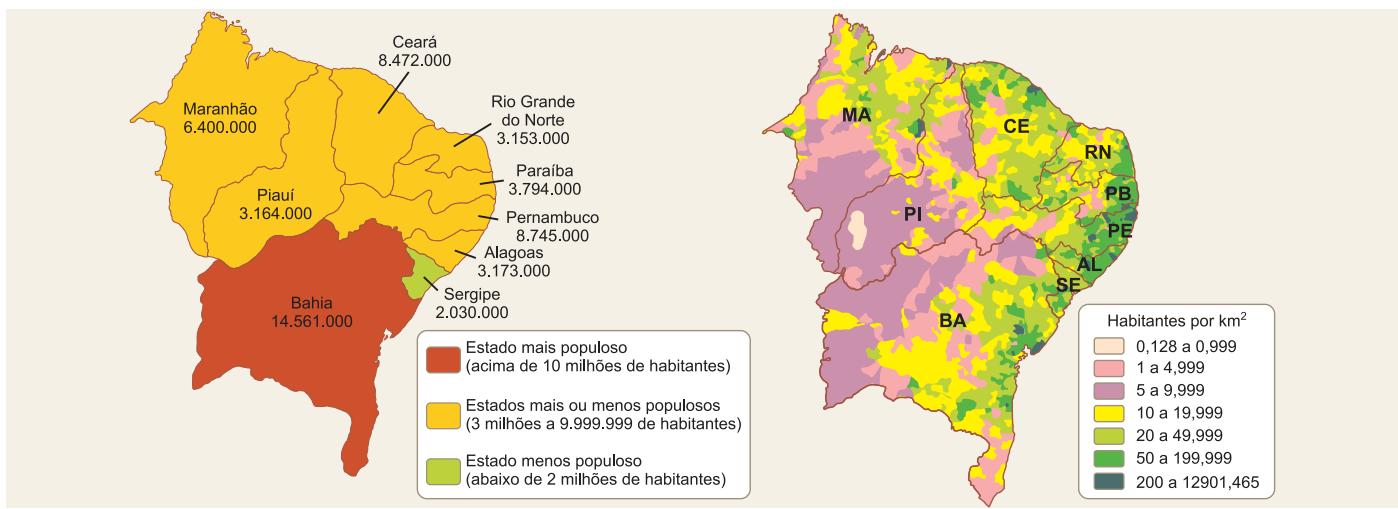
O Nordeste é a terceira região geoeconômica do Brasil em extensão ($1.553.916,9 \text{ km}^2$), a segunda em efetivos populacionais (53.439.000 habitantes), segundo o IBGE em 2000, e a terceira em termos de população relativa, com 34,5 hab./ km^2 .

Sua população é mal distribuída e seu padrão de

vida é menor que a média nacional, constituindo-se em tradicional área de emigração.

A Região Nordeste do Brasil está compartimentada em quatro sub-regiões, que são: Zona da Mata, Agreste, Sertão e Meio-Norte.

A diversidade do quadro natural em cada uma das regiões determinou um processo diferenciado de ocupação humana e de desenvolvimento econômico.



2. ZONA DA MATA

Abrange 7% da área total do Nordeste e reúne aproximadamente 23% da população, tendo como características naturais um clima tropical quente e úmido, solos férteis (domínio dos mares de morros florestados), presença de rios perenes e sua cobertura vegetal, outrora constituída por matas — mata atlântica —, é hoje o que se denomina “Zona da Mata”.

A mata atlântica (mata latifoliada tropical úmida de encosta), que no século XVI se estendia do Rio Grande do Norte ao Rio Grande do Sul, encontra-se bastante destruída, pois suas terras foram cedendo lugar à agricultura e a outras formas de ocupação humana. Nessas áreas, antes ocupadas pela mata, os solos são em geral mais espessos e ricos em húmus, o que contribuiu para a expansão da atividade agrícola.

Hoje, o que resta da mata atlântica aparece principalmente no sul da Bahia, mas a existência de madeiras de lei (jatobá, jacarandá, pau-de-jangada etc.) tem levado à derrubada sistemática de árvores na região. São numerosas as serrarias, beneficiando madeiras que são escoadas pela Rodovia Rio-Bahia.

As matas tropicais aparecem em outros pontos da região, formando verdadeiras “ilhas” no Agreste, no Cariri e no Vale do São Francisco.

A Zona da Mata alonga-se no sentido N-S, desde o Rio Grande do Norte até a Bahia. Ela apresenta-se modificada em vários pontos: ora ela é mais extensa, como em Pernambuco, ora é mais restrita e aparece junto aos vales fluviais (Rio Grande do Norte e Paraíba). Podem-se verificar ao longo da Zona da Mata modificações climáticas (tropical com chuvas de inverno e tropical sempre-úmido) que terão certa influência no uso do solo para cana-de-açúcar, cacau, coco e seringueira. A *plantation* é o sistema predominante nesta faixa litorânea e ainda hoje a lavoura canavieira é o elemento dominante na paisagem.

Tomando o lugar anteriormente ocupado pela floresta, a cana-de-açúcar não aparece com a mesma intensidade nos diversos Estados nordestinos. No Rio Grande do Norte e Paraíba, a cana ocupou as várzeas fluviais, formando os chamados “rios de açúcar”. Em Pernambuco, dadas as condições naturais mais favo-ráveis, as lavouras expandiram-se e têm um papel importante, particularmente no sul do Estado. De Pernambuco para o sul, sua importância diminui; reaparece no Recôncavo, formando uma nova concentração.

Guardando uma feição da lavoura monocultora, a cultura canavieira sofreu algumas transformações: seu principal mercado é o Sudeste, existindo trechos onde foi introduzida a mecanização (Alagoas), e os engenhos (bangues) foram substituídos por modernas usinas açucareiras. O aparecimento das usinas gerou profundas alterações nas relações de trabalho. Os antigos trabalhadores rurais passaram, em sua grande maioria, à condição de assalariados. A malha fundiária também se modificou, pois, como as usinas têm maior capacidade de produção que os engenhos tradicionais (bangues), ela vai gradativamente incorporando terras, **aumentando a concentração fundiária** e fazendo surgir os chamados “engenhos de fogo morto”, “engenhos de fogo apagado” ou “engenhos de fogo de palha”; implica até mesmo a absorção de terras destinadas às lavouras de subsistência,

privando, consequentemente, os trabalhadores rurais da possibilidade de manutenção própria e do aumento de suas rendas familiares, através da venda de excedentes.

Podemos observar, portanto, que dois processos gerais ocorrem na **agroindústria açucareira** no Nordeste:

- a concentração fundiária;
- a proletarização da população rural.

No processo de utilização de mão de obra, as usinas provocaram o surgimento do trabalhador assalariado com nivelamento por baixo, sendo a maior parte deles não residente nas propriedades (“volantes” ou “corumbas”): moram em favelas, nos centros urbanos, e só têm emprego na época de colheita. Este não é o caso dos trabalhadores dos “engenhos de fogo morto”, que fornecem cana para as usinas e são na maioria **rendeiros** ou **parceiros**.

A produção de açúcar na Zona da Mata tem sofrido séria concorrência de São Paulo, que é o primeiro produtor brasileiro.

Além da Zona da Mata em Pernambuco e Alagoas, de maior produção, existem também alguns “canaviais-brejos”, como o de Cariri, onde a produção se destina mais ao consumo local e ao fabrico de rapadura.

Mais ao sul, na Bahia, apareceu outra atividade monocultora: o cacau — obtido em larga escala através do sistema de *plantation*. Produto originário da Amazônia, o início de seu cultivo, no começo do século XVIII, deu margem a uma onda de povoamento, cujos aspectos humanos mais vivos foram registrados pelos romances do “Círculo do Cacau” de Jorge Amado. Aí aparecem também os latifúndios que utilizam, principalmente a mão de obra assalariada.

O cacaueiro é uma pequena árvore que exige muita sombra, sendo por isso plantado em meio a regiões de mata. De seu fruto, pode-se produzir chocolate, manteiga de cacau e alguns produtos para a indústria farmacêutica.

O Brasil é um grande exportador de cacau, ocupando um dos primeiros lugares, ao lado de Gana, Nigéria e Costa do Marfim.

A maior produção dá-se no município de Ilhéus e, a seguir, no de Itabuna, fazendo com que a Bahia, na área compreendida entre os Rios das Contas e cachoeiras lidere a produção de cacau selecionado.



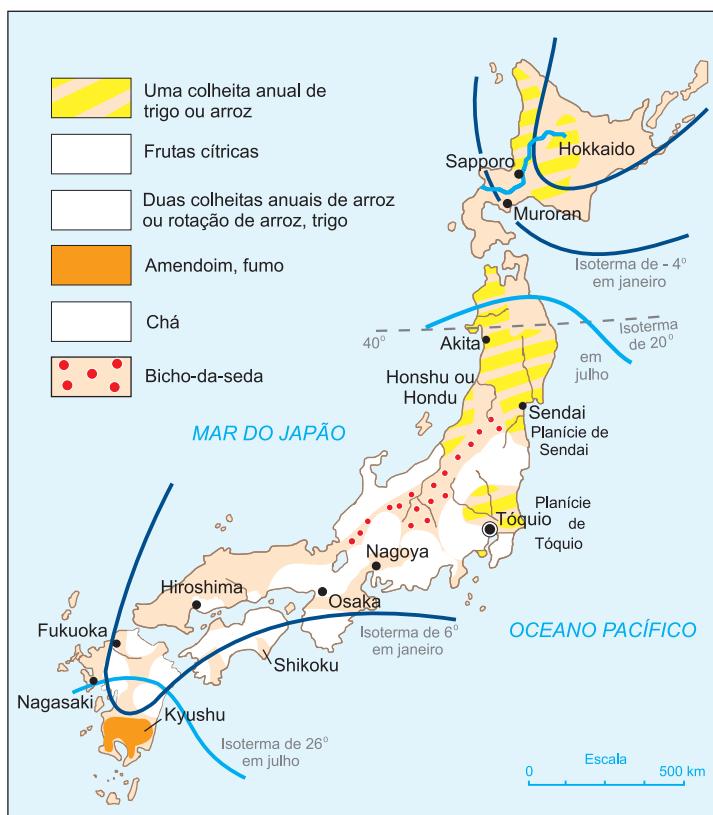
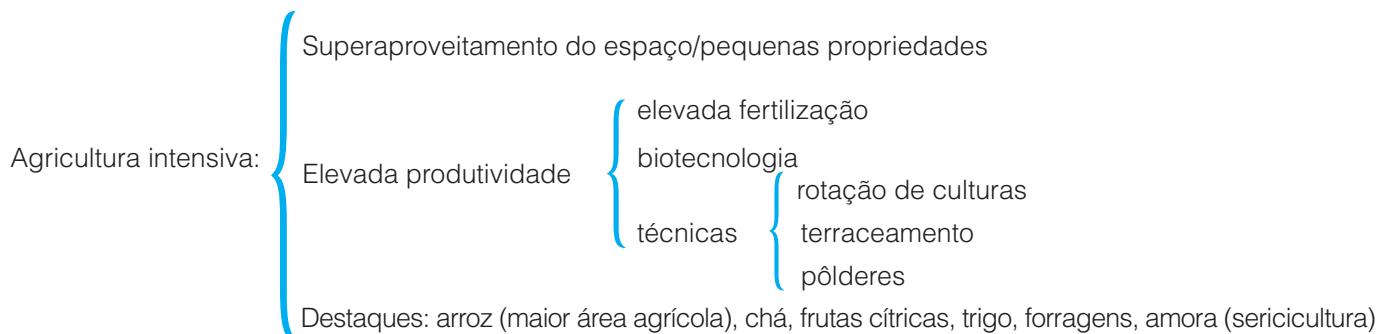
MÓDULO 11

Japão: Aspectos Econômicos



1. INTRODUÇÃO

Economia desenvolvida, potência da Ásia e do Pacífico, membro e principal polo econômico da APEC.



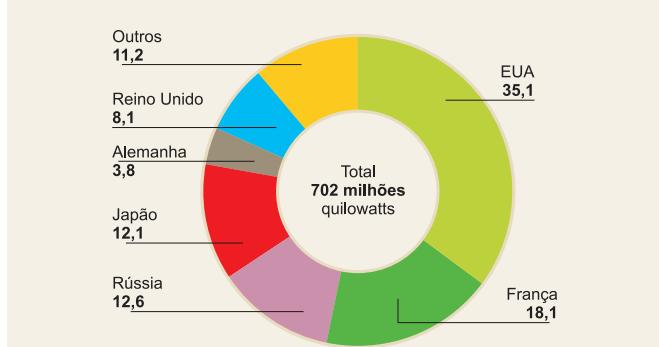
Rendimento da pesca mundial (milhões de toneladas) (2009)

Japão	Rússia	China	Estados Unidos	Chile	Peru	TOTAL MUNDIAL
12,3	11,2	6,8	5,1	3,7	2,8	80,3

Participações das Importações de Matérias-Primas no Consumo Interno

bauxita	100%	níquel	100%
urânio	100%	petróleo	100%
ferro	91%	cobre	82%
gás	74%	carvão	72%
chumbo	52%	zincos	46%

GERAÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA POR USINA NUCLEAR



Indústria

- Parques industriais situados junto aos portos, visando às matérias-primas importadas e à produção para a exportação.
- Surgimento: fim do século XIX – Era Meiji
- Reconstrução após a Segunda Guerra Mundial
 - Zaibatsus
 - Mão de obra abundante e qualificada
 - Capital americano (Plano Bilateral)
- Destaques: Siderurgia, Naval, Automobilística e Eletrônica.

Transportes

Densa rede ferroviária.

Primeira frota mercante do mundo.

PRINCIPAIS PORTOS JAPONESES



Década de 1990

O Japão enfrenta séria crise financeira, causada pela quebra de diversos bancos, principalmente no setor associado ao financiamento imobiliário, com a crise iniciada em 1995, repercutindo nos Tigres Asiáticos em 1997, Rússia em 1998 e Brasil em 1999.

O governo não encontra solução para essa crise, e a economia entra num ritmo muito lento de crescimento

2009

A recuperação econômica do país é comprometida pela crise global desencadeada pelo setor financeiro imobiliário nos EUA.

MÓDULO 12

Europa: Aspectos Naturais

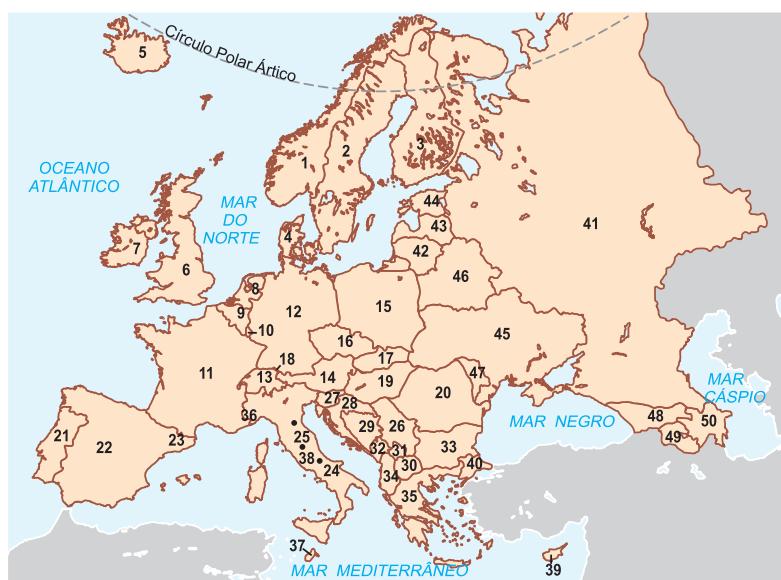
1. INTRODUÇÃO

Área: 10.365.456 km²

limitada por

- norte: Oceano Glacial Ártico
- oeste: Oceano Atlântico
- leste: que separa Europa e Ásia, Montes Urais
- sul: Mar Mediterrâneo sudeste: Mares Negro e Cáspio

EUROPA – DIVISÃO POLÍTICA



50 países divididos em 6 porções.

□ Europa Setentrional

	País	Capital	Área (km²)	Pop. Absoluta (hab.)	Pop. Relativa (hab./km²)
1.	Noruega	Oslo	323.895	4.825.116	14,97
2.	Suécia	Estocolmo	448.661	9.876.744	20,78
3.	Finlândia	Helsinque	337.009	5.583.543	15,70
4.	Dinamarca	Copenhague	43.069	5.568.854	127,65
5.	Islândia	Reykjavik	103.000	319.394	2,92
Total			1.255.634	24.233.641	19,29

□ Europa Ocidental

	País	Capital	Área (km²)	Pop. Absoluta (hab.)	Pop. Relativa (hab./km²)
6.	Reino Unido	Londres	244.103	61.912.431	254,01
7.	Eire	Dublin	70.283	4.583.159	64,04
8.	Países Baixos	Amsterdã	33.940	16.667.754	399,73
9.	Bélgica	Bruxelas	30.513	10.674.595	347,22
10.	Luxemburgo	Luxemburgo	2.586	548.569	193,35
11.	França	Paris	547.026	62.925.035	114,53
			928.451	156.098.051	168,12

□ Europa Central

	País	Capital	Área (km²)	Pop. Absoluta (hab.)	Pop. Relativa (hab./km²)
12.	Alemanha	Berlim	357.042	82.350.671	230,64
13.	Suíça	Berna	41.293	7.601.994	184,09
14.	Áustria	Viena	88.849	8.469.929	101,95
15.	Polônia	Varsóvia	312.683	38.625.478	123,53
16.	República Checa	Praga	78.864	10.456.760	130,05
17.	Eslováquia	Bratislava	49.035	5.422.366	110,58
18.	Liechtenstein	Vaduz	157	36.842	225,00
19.	Hungria	Budapeste	93.036	10.075.034	108,29
20.	Romênia	Bucareste	237.500	22.317.730	93,96
			1.258.459	184.552.804	146,64

□ Europa Meridional

	País	Capital	Área (km²)	Pop. Absoluta hab.)	Pop. Relativa (hab./km²)
21.	Portugal	Lisboa	92.072	11.084.245	116,11
22.	Espanha	Madri	504.782	45.152.517	89,54
23.	Andorra	Andorra Velha	453	84.403	179,49
24.	Itália	Roma	301.225	59.926.999	198,30
25.	São Marinho	São Marinho	61	31.730	506,87
26.	Sérvia	Belgrado	77.474	9.958.010	112,04
27.	Eslovênia	Liubliana	20.251	1.932.917	95,44
28.	Croácia	Zagreb	50.538	4.390.751	86,88
29.	Bósnia-Herzegóvina	Sarajevo	51.129	3.964.388	77,53
30.	Macedônia	Skopje	25.713	2.054.800	79,91
31.	Kosovo	Pristina	10.887	7.621.337	68,71
32.	Montenegro	Podgórica	13.812	600.000	- 43,44
33.	Bulgária	Sofia	110.912	700.000	50,7
34.	Albânia	Tirana	28.748	3.544.841	123,30
35.	Grécia	Atenas	131.944	10.645.343	80,68
36.	Principado de Mônaco	Mônaco	1,81	31.987	17.672,37
37.	Malta	Valeta	316	397.499	1.257,90
38.	Vaticano		0,44		
39.	Chipre	Nicósia	9.251	854.000	92,31
40.	Turquia Europeia	Ancara	23.764		
			1.453.334	154.355.767	106,2

☐ Europa Oriental

País	Capital	Área (km ²)	Pop. Absoluta (hab.)	Pop. Relativa (hab./km ²)
41. Rússia (Porção europeia)	Moscou	5.122.620	108.733.920	21,2
42. Lituânia	Vilnius	65.200	3.601.138	55,23
43. Letônia	Riga	64.589	2.366.515	36,63
44. Estônia	Tallin	45.100	1.415.681	31,38
45. Ucrânia	Kiev	603.700	48.396.470	80,16
46. Bielo-Rússia	Minsk	207.600	10.335.382	49,78
47. Moldávia	Kishinev	33.700	4.434.547	131,58
		6.142.509	179.283.653	29,18

☐ Europa Caucásica

País	Capital	Área (km ²)	Pop. Absoluta (hab.)	Pop. Relativa (hab./km ²)
48. Georgia	Tbilisi	69.700	4.960.961	71,17
49. Armênia	Yerevan	29.800	3.330.099	111,74
50. Azerbaijão	Baku	86.600	7.798.497	88,94
		186.100	16.089.557	86,45

2. ASPECTOS NATURAIS

☐ Relevo

• Litoral recortado

- 18% Ilhas {
 1. Islândia
 2. Ilhas Britânicas
 3. Ilhas Baleares
 4. Córsega
 5. Sicília
 6. Sardenha
- 19% Penínsulas {
 I. Escandinávia
 II. Jutlândia
 III. Ibérica
 IV. Itálica
 V. Balcânica
 VI. Crimeia



• Relevo

norte – maciços cristalinos antigos. Geologicamente estáveis: Montes Urais, Alpes Escandinavos, Planalto Central Russo, maciço xistoso – Renano (Ale) e Central – Francês.
 centro – planícies: Parisienses, Germano, Polonesa, Russa.
 sul – dobramentos modernos: formações geológicas recentes. Geologicamente instáveis: Pirineus, Alpes, Apeninos, Alpes Dináricos, Balcãs, Cárpatos, Cáucaso.

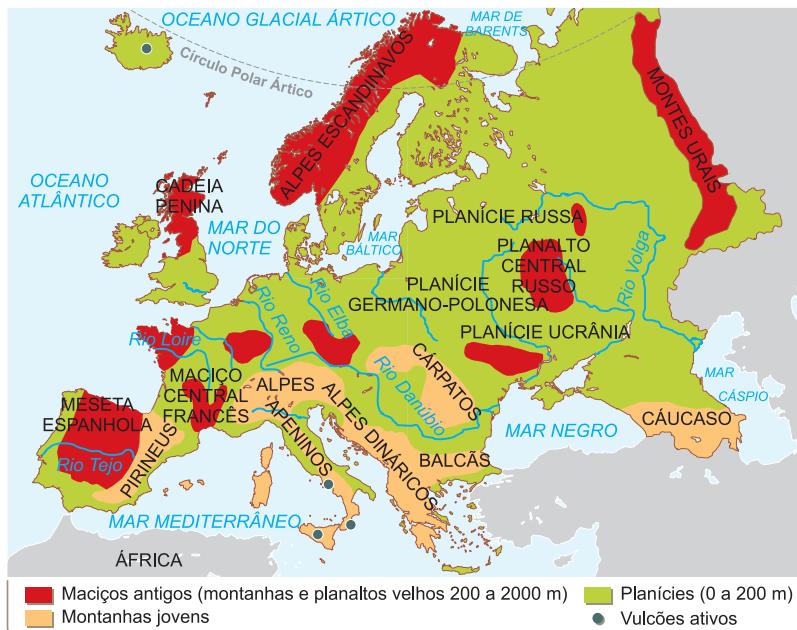
☐ Clima

fatores determinantes:

Latitude — Zona Temperada Norte

Disposição do Relevo: montanhas, ao sul, terras baixas, ao centro, planaltos, ao norte.

Influência Oceânica: Corrente quente do Golfo (Gulf Stream) na porção ocidental



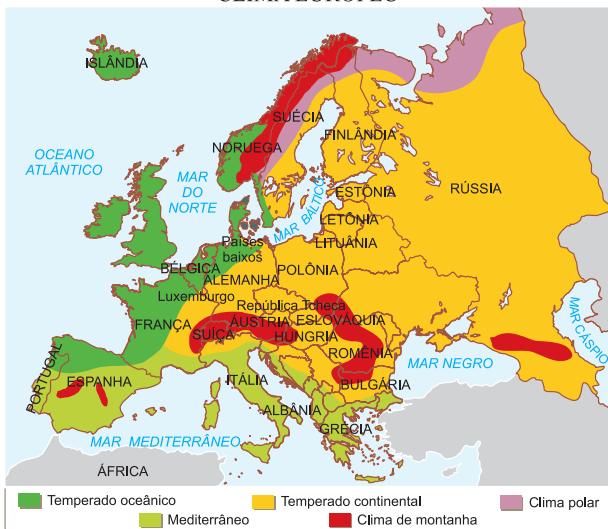
Fatores determinantes:

Latitude — Zona Temperada Norte.

Disposição do relevo.

Influência oceânica: Corrente do Golfo (*Gulf Stream*) na porção ocidental.

CLIMA EUROPEU



• Principais tipos climáticos

Extremo Norte: polar, frio extremo.

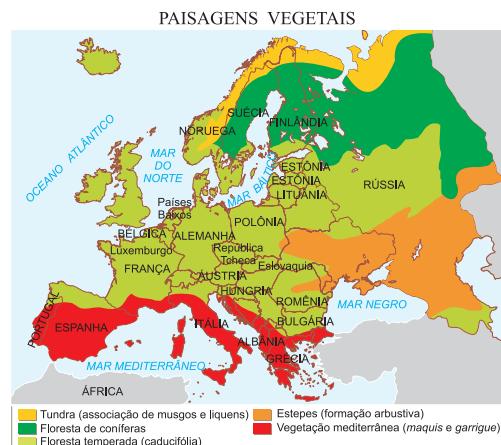
Oeste: temperado oceânico (úmido), com verões brandos.

Leste: temperado continental (semi-seco), grande amplitude térmica.

Sul: mediterrâneo com verões secos e rigorosos (quentes) e invernos úmidos e brandos.

□ Vegetação

- Cobertura vegetal original praticamente toda comprometida: Tundra (N), Coníferas (C-N), Estepes (C-E), Floresta Cadula (O), Maquis e Garrigue (S).



□ Hidrografia



- Numerosos lagos de origem glacial, como os lagos Ladoga e Onega.
- Vales fluviais constituem importantes eixos urbanos e industriais onde se destacam os rios Tejo, Douro, Loire, Sêna, Reno, Elba, Tâmisa, Pô, Danúbio, Vistula, Dnieper, Don e Volga.

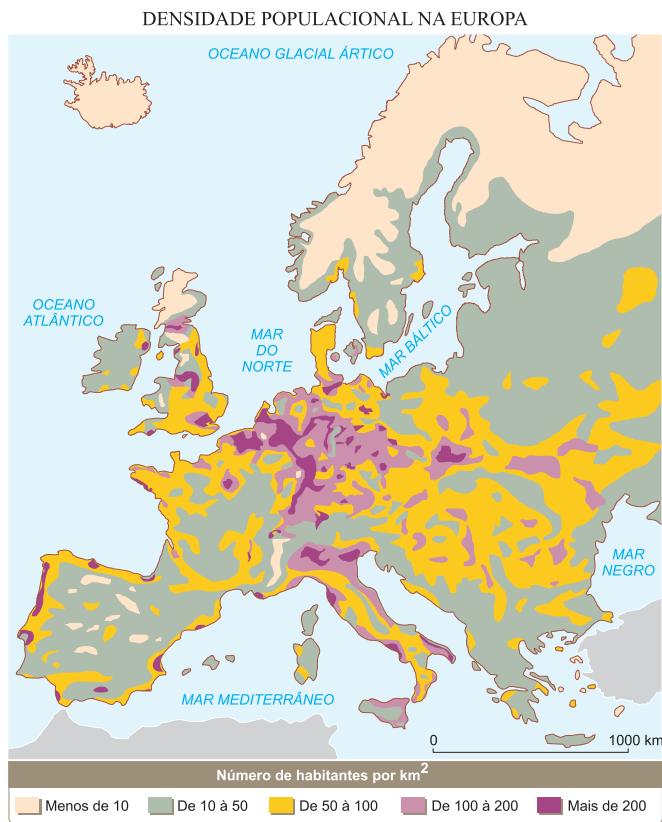
**Pop. Absoluta**

749 milhões de habitantes (2009)

países mais populosos: Rússia, Alemanha, Reino Unido, França, Itália e Ucrânia

Elevada densidade demográfica, de 72,5 hab/km².

Países mais povoados: Mônaco, Malta, Países Baixos, San Marino, Bélgica e Reino Unido.



• População mal distribuída

Maiores concentrações populacionais na porção centro-ocidental, desde o sul da Inglaterra até o vale do Pó, no norte da Itália.

- Grande diversidade étnica / linguística e religiosa.
- Elevado padrão de vida.
- População composta por adultos e velhos.
- Elevada urbanização com destaque para as cidades: Londres, Paris, Roma, Moscou, Berlim, Kiev.
- Convergência de migrações, elevado índice de desemprego e crescente, xenofobia.

A despeito da integração econômica e do desenvolvimento em conjunto das nações que compõem a União Europeia, o desemprego crescente e o afluxo cada vez maior de migrantes oriundos da porção oriental do continente, de suas áreas periféricas, como a África Setentrional e o Oriente Médio e de outras partes do globo, constituem um pretexto para a expansão de movimentos de ordem nacionalista e xenófobos, como o

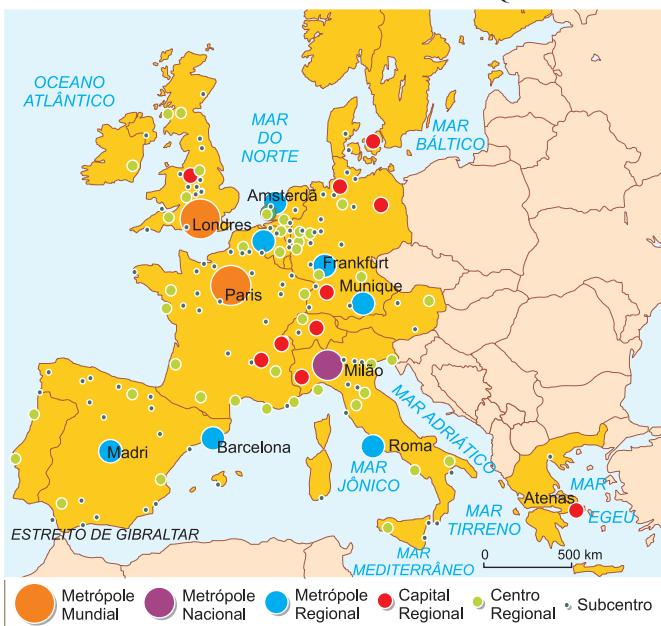
neonazismo.

Esta situação de animosidade em relação aos estrangeiros intensificou-se na década de 1980 com o agravamento da crise econômica que se abateu sobre o continente e a intensificação das migrações de indivíduos oriundos do Leste Europeu, com a falência das economias socialistas.

O nacionalismo europeu veio à tona não apenas nos países da União Europeia. Eclodiu também nas antigas nações socialistas, como na Rússia e na ex-Iugoslávia, levando diversos grupos a conflitos.

Exemplos da ascensão dos nacionalistas ficaram evidentes com a guerra na ex-Iugoslávia, que em diferentes momentos colocou em oposição sérvios, croatas, kosovares, cristãos e muçulmanos, com o surgimento de partidos, associações, ou organizações políticas defendendo o fechamento de fronteiras, tratamento diferenciado e discriminatório aos imigrantes, e com a ascensão política da direita ou da extrema direita, que recentemente inclusive passou a compor o governo da Áustria, sob pretexto de outros membros da União Europeia e da comunidade internacional de uma maneira geral.

URBANIZAÇÃO: CLASSIFICAÇÃO DAS PRINCIPAIS CIDADES EUROPEIAS SEGUNDO A HIERARQUIA URBANA





De uma maneira geral, podemos considerar a Europa um continente economicamente desenvolvido. A somatória dos PIBs dos países é elevada e os indicadores sociais e o índice de desenvolvimento humano são altamente favoráveis.

Há, porém, vários níveis de desenvolvimento: existem países muito desenvolvidos, com industrialização e avançado setor de serviços (Noruega, Suécia, França, Suíça, Reino Unido), países ainda agrícolas ou pastoris (Portugal, Grécia, Irlanda) e países que estão deixando ou deixaram recentemente o socialismo sob diversas condições de desenvolvimento (Polônia, Hungria, Albânia).

1. A ECONOMIA EUROPEIA

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, a Europa viu-se dividida segundo os interesses da grande potência. A porção ocidental sob influência dos Estados Unidos, e a oriental sob influência da União Soviética.

Enquanto a porção oriental, que passou a ser designada Leste Europeu, caiu sob o jugo dos soviéticos, com exceção da Iugoslávia e mais tarde da Albânia, e se submeteu à determinação do planejamento econômico ditada por Moscou; o lado ocidental viu-se num impasse. Precisava do auxílio financeiro americano, mas não se poderia deixar dominar pelos Estados Unidos, pois sabia que essa dominação lhe custaria a soberania política.

Inicialmente uma alternativa encontrada por alguns países da porção ocidental foi a tentativa de promover o desenvolvimento integrado de algumas atividades, o que já vinha sendo feito com sucesso pelos países do Benelux – Bélgica, Holanda e Luxemburgo – desde 1944. Criou-se então, em 1947, a Ceca – Comunidade Europeia do Carvão e do Aço –, englobando a Alemanha Ocidental, França, Itália e os países do Benelux.

Com o êxito da Ceca, os países-membros resolveram ampliar a cooperação econômica e estabeleceram, em 1957, com o Tratado de Roma, as bases do Mercado Comum Europeu. A essa organização, mais tarde, aderiram, em 1973, Reino Unido, Irlanda e Dinamarca; em 1981, a Grécia; em 1986, Portugal e Espanha e, em 1995, Áustria, Finlândia e Suécia. Em 2008, a União Europeia integrava 27 países, com a perspectiva de adesão de novos membros.

No contexto da Nova Ordem Internacional, a União Europeia, com os Estados Unidos e o Japão polarizam a economia mundial. Mas, assim como os Estados Unidos e o Japão, a União Europeia, espaço socioeconômico

mais amplo e diversificado, não conseguiu pôr fim aos problemas, como a pobreza de alguns de seus cidadãos, as reivindicações nacionalistas, o equacionamento da questão dos imigrantes e as desigualdades entre seus membros.

2. AGRICULTURA

Altamente desenvolvida, utiliza intensa mecanização, grande quantidade de insumos (fertilizantes, herbicidas, irrigação, biotecnologia) e apresenta elevada produtividade. Destacam-se dois tipos de produção:

- nas planícies de noroeste, cultura de cereais, onde se destacam trigo, centeio, cevada, aveia, beterraba;
- no sul, junto ao litoral mediterrâneo, culturas como oliveiras, videiras e frutas cítricas.

3. MINERAÇÃO

A Europa é rica em recursos minerais como:

- **Ferro:** na Alsácia-Lorena (França), Lapônia (Suécia) e Krivoi-Rog (Ucrânia), Vale do Ruhr (Alemanha).
- **Carvão mineral:** no Reino Unido (bacias de Yorkshire, Lancashire e Cardiff), Vale do Ruhr (Alemanha), Donbass (Ucrânia) e na Silésia (Polônia).
- **Petróleo:** produzido no Mar do Norte (Reino Unido e Noruega) e Mar Cáspio (Rússia e Azerbaijão). Os países mediterrâneos e da porção centro-ocidental, como a França, entretanto, importam-no do Oriente Médio em grande quantidade.

4. INDÚSTRIA

Com a Revolução Industrial, a Europa tornou-se o berço da industrialização mundial. Em termos geográficos, essas indústrias localizam-se, principalmente, junto aos vales de rios. Alguns exemplos famosos:

- Vale do Rio Tâmisa, em Londres, Inglaterra, o primeiro vale industrial do mundo.
- Vale do Rio Sena, França. Concentra a industrialização francesa e serve de escoadouro para a produção de exportação pelo porto de Havre.
- Vale do Rio Pô, ao norte da Itália. Atravessa Turim e passa próximo a Milão, Brescia, Verona e Veneza, cidades industriais importantes.
- Vale do Rio Reno, na Alemanha, onde estão as principais cidades industriais desse país, como Düsseldorf, Stuttgart etc. A Alemanha possui, atualmente, o terceiro maior parque industrial do globo.



1. INTRODUÇÃO

As organizações econômicas europeias surgiram, direta ou indiretamente, como consequência da Segunda Guerra Mundial. A destruição provocada por esse evento enfraqueceu as economias europeias que também viram se desfazer seus impérios coloniais. A única solução para enfrentar a ascensão do poder econômico e militar de EUA e URSS, no contexto da Guerra Fria, foi a articulação política e econômica. Assim, temos

- **Benelux** – união econômica criada em 1944 englobando Bélgica, Nederlands (Holanda) e Luxemburgo. Propôs três princípios que ficaram válidos até hoje, a saber:

- eliminar as barreiras alfandegárias, para fazer crescer o mercado consumidor e a produção de forma integrada;

- permitir a livre circulação dos cidadãos e a livre procura de trabalho, fazendo aumentar a oferta de empregos;

- padronizar as moedas, permitindo a estabilização das economias.

- **Ceca** – Comunidade Europeia do Carvão e do Aço. Criada em 1952 com o objetivo de integrar seus membros: Benelux, França, Itália e a Alemanha Ocidental, no setor ligado às atividades siderúrgicas, englobando desde a produção de matérias-primas, como o carvão, ao produto final, o aço. Após cinquenta

anos de vigência, a Ceca chegou a termo em julho de 2002.

- **Aelc** – Associação Europeia do Livre Comércio, criada em 1959, visando integrar os membros que estavam excluídos, por opção, do Mercado Comum Europeu sob a liderança do Reino Unido.

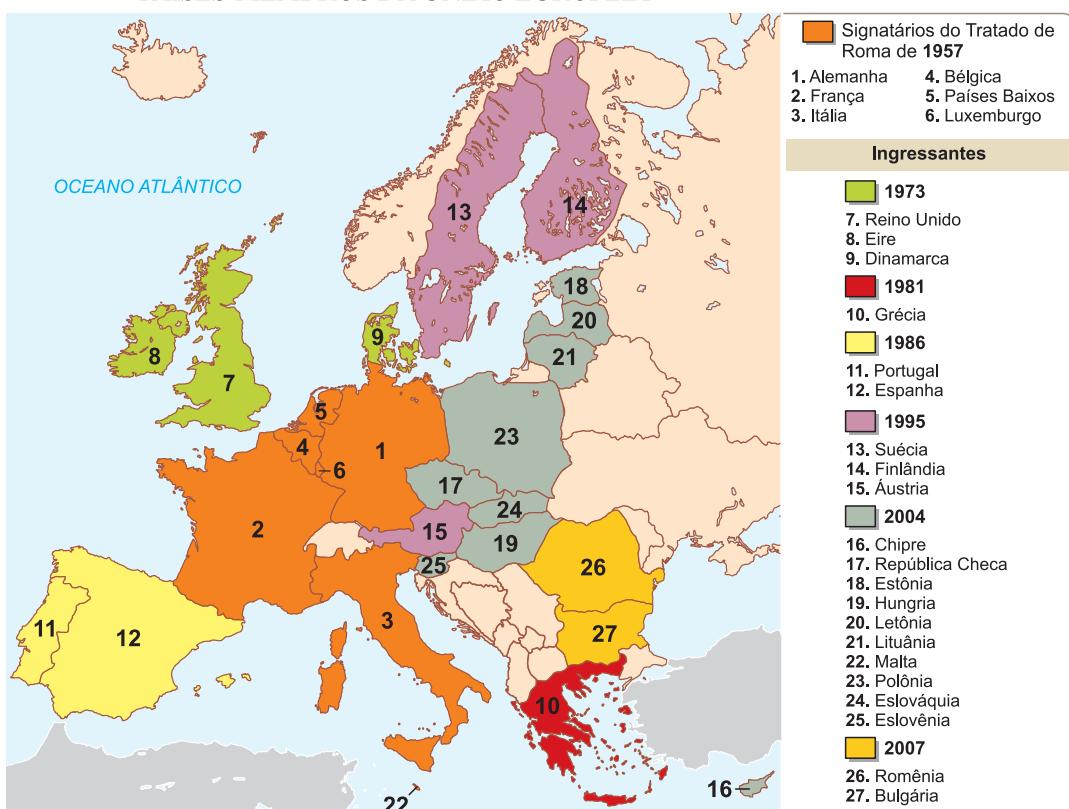
Integrou-se, em 1993, à Comunidade Econômica Europeia constituindo o EEE – Espaço Econômico Europeu.

- **Came ou Comecon** – era o Conselho para Aliança Econômica Mútua dos Países Socialistas. Propunha a troca de mercadorias entre seus membros sob a coordenação da URSS. Seus membros, além da URSS, eram Alemanha (Oriental), Polônia, Tchecoslováquia, Hungria, Bulgária, Romênia, Albânia (que saiu em 1955), Mongólia, Cuba e Vietnã. Com o fim do socialismo, foi extinta em 1991.

- **MCE ou CEE ou União Europeia** – o Mercado Comum Europeu criado a partir da assinatura do tratado de Roma, em 1957, composto, inicialmente, pelos países integrantes da Ceca, procurava expandir as ideias do Benelux para as demais nações europeias. Inicialmente com seis membros, viu sua evolução econômica atrair outras nações, contando, em 1996, com 15 membros.

Os membros que a compõem e suas respectivas entradas descrevem-se a seguir.

PAÍSES-MEMBROS DA UNIÃO EUROPEIA



Bélgica, Holanda, Luxemburgo, Alemanha (na ocasião, a Ocidental), França e Itália – 1957;

Reino Unido, Irlanda (Eire) e Dinamarca – 1973

Grécia – 1981

Portugal e Espanha – 1986

Suécia, Finlândia e Áustria – 1995

Em 1991 foi assinado o Tratado de Maastricht, que determinou, para o ano de 1999, a instituição de uma moeda única (o euro), além de um processo de integração que inclui uma tentativa de uniformizar a política externa e dar maiores poderes ao Parlamento europeu. Em 28 de fevereiro de 2002, o euro tornou-se a única moeda nos 12 países participantes no fim do período de dupla circulação, iniciado em 1999. Reino Unido, Suécia e Dinamarca optaram por não aderir ao euro.

No dia 31 de maio a União Europeia ratificou o Protocolo de Kyoto.

Em outubro de 2002, a Comissão Europeia recomendou a conclusão das negociações com os seguintes países: Chipre, República Checa, Estônia, Hungria, Letônia, Lituânia, Malta, Polônia, República Eslovaca e Eslovênia. Segundo a Comissão, estes países tornaram-se membros da União Europeia no início de 2004. Em 2007, entraram Romênia e Bulgária.

Em 2007, de acordo com o Banco Mundial, o Produto Interno Bruto (PIB) total apenas da Zona do Euro foi de 11,6 trilhões de dólares, o que faz da UE a única força econômica capaz de rivalizar com os Estados Unidos (que registraram PIB de 13,8 trilhões de dólares no mesmo ano). No fim de 2009, a União Europeia iniciou uma nova etapa histórica e finalizou um longo processo de indefinição, com a aprovação do Tratado de Lisboa, que começara em 2005.

A União Europeia (UE) inicia 2010 com uma nova etapa, após a entrada em vigor do Tratado de Lisboa, um acordo organizacional, normativo, institucional e político que ambiciona agilizar e fortalecer o bloco formado por 27 países. O Tratado foi viabilizado em outubro de 2009, após a aprovação em referendo na Irlanda, e sua aceitação pelos presidentes da República Tcheca, Vaclav Klaus, e da Polônia, Lech Kaczynski, no mês seguinte.

O Tratado de Lisboa passou a vigorar em 1.º de dezembro de 2009. Foi um longo processo de entraves e superações, iniciado há meia década, quando fracassou a primeira iniciativa nessa direção, que era a aprovação de uma Constituição Europeia. Em 2005, o documento da Constituição foi derrotado

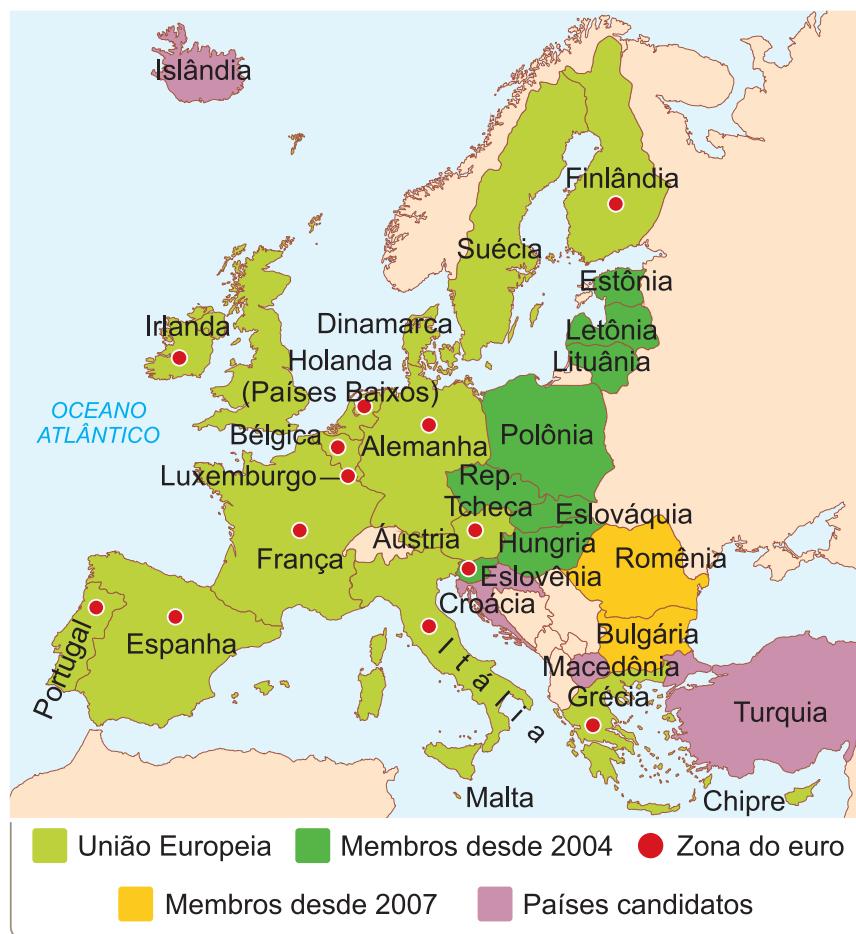
em referendos nacionais na França e na Holanda. Para substituí-lo e viabilizá-lo, as lideranças europeias formularam o Tratado de Lisboa. É uma versão simplificada da proposta anterior, aprovada na cúpula da UE realizada em julho de 2007. Como propõe leis comuns a todos os países-membros, ele só poderia ser adotado após aprovação unânime das nações do bloco.

Para tentar garantir que o tratado não teria o mesmo destino da proposta de Constituição, a ratificação por votação popular foi substituída pela aprovação simples nos parlamentos. O Tratado já tinha sido aprovado em 18 dos 27 países-membros quando, em julho de 2008, foi rejeitado por 53,4% dos votos dos irlandeses em plebiscito, o que paralisou o processo. Apenas em outubro de 2009, em novo plebiscito, os irlandeses aprovaram, com 67,1 % dos votos.

Oficialmente, o novo Tratado passou a ser considerado um acordo de emendas aos Tratados de Maastricht (1992) e o de Nice (2000). Para garantir sua aprovação, foram evitados termos como "Constituição". O texto também não prevê a existência de hino e bandeira, símbolos que poderiam reforçar a visão de um poder supranacional. Mas quase todos os pontos previstos na proposta de Constituição foram preservados no Tratado de Lisboa.

A UNIÃO EUROPEIA CHEGA A 27 PAÍSES

Situação de 2009



Veja a seguir os principais pontos.

☞ A UE passa a ter um presidente eleito pelo Conselho Europeu, com mandato de dois anos e meio, renovável uma vez. Antes, a presidência era alternada semestralmente por chefes de Estado ou de governo do bloco. O primeiro presidente, eleito em 19 de novembro, foi o primeiro-ministro da Bélgica, Herman van Rompuy.

☞ A UE passa a ter uma chancelaria única, que terá embaixadas em mais de uma centena de países. Para o cargo de ministro das Relações Exteriores foi eleita a comissária econômica da UE, a britânica Catherine Ashton.

☞ O Parlamento europeu passa a ter mais poder de decisão em assuntos de interior e justiça dos países, numa estrutura próxima à de uma federação nacional. A legislação de cada país terá de seguir as diretrizes estabelecidas pela UE.

☞ A partir de 2014, a aprovação de qualquer lei será feita pela aceitação de 55% dos Estados, desde que representem 65% da população do bloco. A divisão do número de deputados europeus também foi modificada, e os países mais populosos terão mais representantes.

☞ A Comissão Europeia, órgão executivo da UE, teve seu colegiado reduzido de 27 integrantes (um de cada país-membro) para 18 (a regra passa a ser o número equivalente a dois terços da quantidade de Estados do bloco). Atualmente, isso significa que nove dos países integrantes não têm mais representante.

2. ORGANIZAÇÕES MILITARES

- **Otan** – Organização para o Tratado do Atlântico Norte – surgiu em função da Guerra Fria, que envolveu EUA e URSS a partir de 1948. Foi criada em 1949 através do Tratado de Bruxelas, onde está situada sua sede. Era composta por EUA, Canadá, Islândia, Noruega, Reino Unido, Dinamarca, Portugal, Espanha, França, Grécia e Turquia. Com o fim da Guerra Fria, sua importância foi esvaziada, embora a sua ação tenha sido decisiva no conflito dos Balcãs, na década de 1990, na Bósnia, em Kosovo e na Macedônia. Em 2003, a OTAN assumiu o comando da força internacional que atua em Cabul (Afeganistão).

Em 2004 houve nova expansão de países com a entrada de sete países do leste europeu. Em 2008 entraram Croácia e Albânia, enquanto Ucrânia, Geórgia e Macedônia devem realizar reformas militares para serem admitidas.

- **Pacto de Varsóvia** – Foi criada em 1955, sob os auspícios da URSS e incluía Polônia, Tchecoslováquia,

Romênia, Hungria, Alemanha (Oriental) e Bulgária. Com o fim do socialismo, foi dissolvida em 1991.

3. DESTAQUES EUROPEUS

□ Alemanha

Destaca-se hoje em dia por ter a economia mais desenvolvida da Europa. Tendo sido o país que provocou as duas guerras mundiais, surpreende pela rápida retomada do crescimento no pós-Segunda Guerra Mundial. Sua recuperação foi facilitada pela ajuda norte-americana proporcionada pelo **Plano Marshall**, que beneficiou as famílias industriais alemãs (os **konzerns**). Ocupada no pós-guerra pelos Aliados, dividiu-se em duas em 1948: Alemanha Ocidental, capitalista, e Alemanha Oriental, socialista. A reunificação só ocorreu com o fim do socialismo, a partir de 1989, com a respectiva queda do Muro de Berlim e com o tratado que unificou novamente o país em 3 de outubro de 1990.

□ Crise Iugoslava

A Iugoslávia surgiu como país a partir de 1918, com o fim da Primeira Guerra Mundial, e se manteve até 1989. Sob o controle do Partido Socialista, as diversas etnias conservaram-se em paz. Com a queda do socialismo na Europa Oriental, as diversas Repúblicas que a formavam começaram a manifestar o desejo de independência. Assim se separaram a Eslovênia, a Croácia, a Bósnia-Herzegóvina e a Macedônia. Apesar das lutas que as envolveram, mantiveram-se até 1989. O governo iugoslavo, centrado na Sérvia, não queria permitir a independência, mas a separação aconteceu. O caso mais grave ocorreu na Bósnia onde a diversidade étnica acabou levando a uma guerra civil entre bósnios de origem sérvia, croatas e muçulmanos. A guerra durou quatro anos e só terminou com a intervenção dos EUA e da Otan, que enviaram tropas para demarcar as regiões e separar os contendores – a mistura de etnias diferentes em um mesmo território vem causando problemas também na atual Iugoslávia. Em 1990, quando do desmembramento, a Iugoslávia manteve sob controle as repúblicas da Sérvia, Montenegro e as regiões autônomas de Voivodina e **Kosovo**. Esta última, habitada por 90% de kosovares albaneses, vinha reivindicando sua independência, tendo criado inclusive um exército guerrilheiro de libertação (o ELK). Discutia-se, no início de 1999, um acordo para a solução da questão. Diante do impasse, a polícia sérvia passou a atacar e massacrar os kosovares albaneses, provocando grande êxodo. Como consequência, em março de 1999, a Otan tomou medidas de represália, atacando a Sérvia. Em fevereiro de 2008, a província Kosovo é reconhecida como país independente pelos EUA, mas não pela Rússia e Sérvia.

A Expansão da Direita

A despeito da integração econômica e do desenvolvimento em conjunto das nações que compõem a União Européia, o desemprego crescente e o afluxo cada vez maior de migrantes oriundos da porção oriental do continente, de suas áreas periféricas, como a África Setentrional e o Oriente Médio e de outras partes do globo, constituem um pretexto para a expansão de movimentos de ordem nacionalistas e xenófobo, como o neonazismo.

Esta situação de animosidade em relação aos estrangeiros intensificou-se na década de 1980 com o agravamento da crise econômica que se abateu sobre o continente e pela intensificação das migrações de indivíduos oriundos do Leste Europeu com a falência das economias socialistas.

O nacionalismo europeu veio à tona não apenas nos países da União Européia. Eclodiu também nas antigas nações socialistas como na Rússia e na ex-Iugoslávia, levando diversos grupos a conflitos.

Exemplos da ascensão dos nacionalistas ficaram evidentes com a guerra na ex-Iugoslávia que, em diferentes momentos, colocou em oposição sérvios, croatas, kosovares, cristãos e muçulmanos, com o surgimento de partidos, associações ou organizações políticas defendendo o fechamento de fronteiras, tratamento diferenciado e discriminatório aos imigrantes, e com a ascensão política da direita ou da extrema direita, que recentemente passou a compor o governo da Áustria, sob protesto de outros membros da União Europeia e da comunidade internacional de uma maneira geral.

MÓDULO 16

Ex-URSS e CEI



1. ASPECTOS NATURAIS

Relevo

Apesar do enorme território, aproximadamente 22,4 milhões de km², a CEI apresenta um relevo simples. São duas planícies, ao norte, a Russa, na porção europeia, e a Siberiana, na Ásia, separadas pelos Montes Urais, formação montanhosa antiga que também separa a Europa da Ásia e constitui uma anomalia geológica, rica em recursos minerais. Ao sul, nas fronteiras dos países asiáticos, temos formações terciárias de grandes altitudes, geologicamente instáveis, como os planaltos de Pamir, Altai e a Cadeia do Cáucaso.

Clima

O clima da CEI é bastante rigoroso devido às altas latitudes em que o território se encontra e também à pouca influência do mar (o Oceano Glacial Ártico permanece grande parte do ano congelado). O clima é, em geral, do tipo temperado, podendo se destacar quatro formações climatobotânicas:

- no extremo norte – clima polar e tundra;
- centro-norte – clima temperado frio e taiga (floresta de coníferas);
- centro-sul – clima temperado seco e estepes e pradarias;
- sul (países asiáticos) – clima árido (desértico) e xerófitas.

2. ASPECTOS HUMANOS

A CEI conta com uma população total de cerca de 289,2 milhões de habitantes sendo, a Rússia, a República mais populosa, com cerca de 143,8 milhões de habitantes. Essa população é mal distribuída, concentrando-se nas Repúblicas europeias e caucasianas. Na porção siberiana da Rússia, a população se distribui ao longo da Ferrovia Transiberiana. Há mais de cem diferentes etnias, o que dificulta a união de muitos países, como a Rússia e o Tadjiquistão. A população é adulta em sua maioria, e as cidades mais populosas são Moscou (Rússia), Kiev (Ucrânia) e São Petersburgo (Rússia).

3. ASPECTOS ECONÔMICOS

Agricultura

A Ucrânia, a Moldávia e o sul da Rússia possuem vastas regiões de solo negro, extremamente férteis (**tchernoziom**), com enormes possibilidades de plantio de cereais, destacando-se o trigo, além do girassol, batata etc. As antigas formas de produção (**sovkhозе** – fazenda estatal coletiva e **kolkhoze** – cooperativa agrícola) foram remodeladas de acordo com o modo capitalista de produção, com a reintrodução do conceito de lucro e das propriedades privadas dos meios de produção.

Indústria

A maioria das fábricas deficitárias fechou. Incentivava-se a entrada de capitais estrangeiros. Principais centros: Moscou, São Petersburgo e sul dos Urais, Ucrânia.

❑ Mineração

A CEI possui um dos subsolos mais ricos do mundo, com petróleo, ferro, manganês, carvão, na Sibéria, Ucrânia e junto ao Mar Cáspio.

4. HISTÓRIA RECENTE

❑ Histórico

Início do século XX – A Rússia é o maior e mais atrasado país europeu, enfrentou problemas na Primeira Guerra Mundial e sofreu crises de abastecimento. Em outubro de 1917, a insatisfação popular provocou uma revolução que levou os Bolcheviques (comunistas) ao poder.

1917 a 1922 – Guerra Civil Russa, russos vermelhos (comunistas) x russos brancos (forças reacionárias).

1922 – criação da URSS composta inicialmente por 12 Repúblicas.

1922 a 1930 – implantação do socialismo com o NEP (Nova Política Econômica).

Década de 1930 – coletivização das terras.

1940 a 1945 – A URSS participa da Segunda Guerra Mundial, liberta o Leste Europeu do nazismo, perde 20 milhões de habitantes e emerge como superpotência geoeconômica.

Década de 1960 – processo de estagnação da economia, que se desenvolvia com base em rígidos planejamentos econômicos comandados pelo Gosplan (planos quinquenais).

1985 – chegada ao poder de Mikhail Gorbachov, que propõe mudanças políticas e econômicas, como

- **perestroika**: reestruturação da economia socialista (dinamização).

- **glasnost**: abertura política para permitir críticas ao sistema.

1985 a 1991 – grande agitação política, ocasionada pela abertura, provoca uma tentativa de golpe reacionário de integrantes do Partido Comunista que não encontra respaldo popular nem do Exército.

Agosto a dezembro de 1991 – reação dos políticos favoráveis à abertura, resultando no fim da URSS em 25 de dezembro de 1991.

1992 a 1996 – criação da CEI e retorno ao sistema capitalista. PNB da Rússia apresenta uma queda de 30%. Desativação do modo de produção socialista provoca o fechamento de inúmeras empresas estatais e enorme desemprego.

1997 – Rússia entra para a Otan, aprova mudanças econômicas e acena para um possível auxílio do FMI.

1998 – séria crise financeira.

1999 – Vladimir Putin é nomeado primeiro-ministro e, na virada do ano com a renúncia de Boris Ieltsin, assume o poder da Rússia. Com Putin intensificaram-se os conflitos no Cáucaso. Depois da derrota para os chechenos, entre 1994 e 1996, os russos passaram a uma ação mais enérgica contra *daguestans* e *chechenos* agravando a crise no país e forçando milhares de habitantes do Cáucaso a migrar.

2004 – Putin é reeleito presidente e é responsável pela recuperação econômica russa.

2007 – Divergência entre a Rússia e os EUA sobre o projeto de um escudo antimíssil americano, que será instalado na Polônia (base de mísseis) e na República Tcheca (central de radares).

2008 – Dimitri Medvedev é eleito presidente russo e Putin continua como primeiro-ministro.

5. CEI – COMUNIDADES DOS ESTADOS INDEPENDENTES



Criada em dezembro de 1991, constituída por Azerbaijão, Armênia, Bielorrússia, Geórgia, Casaquistão, Quirquistão, Moldávia, Rússia, Tadjiquistão, Turcomenistão, Uzbequistão e Ucrânia.

Seus membros assinaram em setembro de 1993 um acordo de União Econômica, e posteriormente uma série de acordos de cooperação nas áreas de saúde, economia, educação e defesa, sempre procurando ampliar e assegurar a soberania aos diferentes povos da comunidades.

A comunidade ainda visa estabelecer acordos que centralizem as forças armadas e uma moeda comum. No entanto, esta integração parece estar se distanciando devido à disputa interna e rivalidades entre as repúblicas integrantes.

Fases de integração previstas:

Zona de livre, União aduaneira, Mercado comum, União econômica, Integração econômica total.



❑ As reformas político-econômicas na URSS

A partir de meados da década de 1980, profundas mudanças de ordem político-econômicas deram início a um período de reformas na URSS, cujos desdobramentos levaram à sua desintegração.

Dentre as medidas conduzidas por Mikhail Gorbatchov, destacaram-se a partir de 1985:

Glasnost significa transparência. É a abertura política que possibilita a democratização da sociedade e as mudanças sociais e econômicas, como

- maior liberdade para críticas internas (problemas de corrupção, abastecimento, conflitos étnicos);
- política externa mais arrojada em termos de proposta de paz (corte de armas, retirada de soldados etc.) e;

Perestroika significa a reestruturação da economia soviética. A *perestroika* foi um conjunto de reformas com a finalidade de modernizar a economia soviética, excessivamente burocratizada.

Entre algumas medidas adotadas durante o governo de Gorbatchov, podemos citar:

- criação de associação técnico-científica com empresas capitalistas ocidentais;
- liberdade para algumas empresas realizarem contatos de importação-exportação com ocidentais sem interferência do Ministério do Comércio Exterior;
- procura por maiores contatos com empresas financeiras ocidentais (como o Banco Mundial);
- pedido de admissão ao GATT (Acordo Geral de Tarifas e Comércio) mundial;
- permissão para o funcionamento de empresas privadas individuais e familiares (sem poder contratar empregados e controladas pelo PC);
- eleição de diretores de empresas feita pelos empregados (em vez da nomeação pelo Ministério).

❑ Conflitos ocorridos com o fim da ex-URSS

A instabilidade político-econômica gerada pela intro-

dução das reformas profundas que tiveram lugar no país levou a ex-URSS ao colapso e à sua posterior desintegração.

Para assegurar a integração econômica entre as ex-repúblicas soviéticas e controlar o arsenal nuclear da superpotência foi criada a CEI – Comunidade dos Estados Independentes.

A CEI viu surgir, a partir de 1992, uma série de movimentos separatistas de ordem étnica ou religiosa, entre os quais podemos destacar:

a) **Moldávia**: duas regiões reivindicam a independência – a República do Dniester, no leste e a região de Gagauz, no sul;

b) **Península da Crimeia**: cujo controle é reivindicado tanto pela Rússia quanto pela Ucrânia (que a administra na atualidade), como também pelos povos tártaros;

c) **regiões de Karachal-Cherkess e Kabardin-Balcar**: situadas na fronteira entre Rússia e Geórgia, querem a independência da Rússia;

d) **Chechênia-Inguchétia/ Daguestão**: região autônoma da Rússia, na fronteira a leste da Geórgia, que deseja a independência;

e) **Abkázia**: região oeste da Geórgia que quer a independência.

f) **Ossétia do Sul**: pequena região ao norte da Geórgia, colonizada por russos e que agora quer juntar-se à Rússia. A Ossétia tem o apoio da Rússia, o que tem provocado forte tensão entre os governos da Rússia e da Geórgia;

g) **Nagorno-Karabakh**: território do Azerbaijão ocupado pelos armênios e que agora reivindica a independência. Os armênios criaram o "corredor militar" ligando a Armênia com Nagorno através do Azerbaijão;

h) **Tartária**: localizada no centro da Rússia, vem reivindicando autonomia política e econômica.



Com 17.075.400 km², a Federação Russa estende-se pela maior parte do território da ex-URSS, que tinha terras a longo de 22,4 milhões de km². Coube à Rússia a maior parte da parcela da população absoluta soviética, 147.195.000 habitantes. O IDH da Federação Russa é médio 0,817, 71º no ranking mundial de 2009.

A Federação Russa é formada por 26 repúblicas autônomas. Seu vasto território é dividido em 5 vastas regiões: **a europeia**, mais populosa e de economia mais desenvolvida, compreende uma vasta planície de solos férteis (Tchernozem), drenada pelos rios: Volga, Dnieper e Dniesper; **os montes Urais**: província geológica rica em minérios e de forte industrialização; **a Sibéria**: rica em recursos naturais e fracamente povoada; o **Cáucaso**, região estépica entre os mares Negro e Cáspio, rica em petróleo; **Ásia Central**, região

deprimida, como desertos e estepes, delimitada por montanhas jovens.

População urbana 82%. Principais cidades: Moscou, São Petersburgo, Nishni-Novgorod, Novossibirsk, Ekaterimburgo, Sâmarra, Omsk, Cheliabinsk, Kazan, Ufa, Perm e Rostov. Foi governada a partir de 2000 por Vladimir Putin e, desde maio de 2008, é governada pelo presidente Dimitri Medvedev. A Federação Russa possui uma das maiores populações do globo, são 82% russos, 4% tártaros, 3% ucranianos.

Crescimento anual – 0,4%. Expectativa de vida 72 anos. Mortalidade infantil: 21 para cada 1000 habitantes. Taxa de analfabetismo: 1%. Renda *per capita*: 7.530. Crescimento anual da economia: 6,6%. Exportações: US\$ 355,17 bilhões, importações: US\$ 223,42 bilhões.

INDÚSTRIA E RECURSOS NATURAIS DA CEI

